

Nonna  
Lourdes  
Hotel Fazenda

A decorative graphic of a grape cluster and vine is positioned to the right of the word 'Nonna'. The vine is brown and winds upwards and to the right, with several green leaves. A cluster of purple grapes is attached to the vine, partially overlapping the letter 'a' in 'Nonna'.

Guilherme Dupont Steffen

Guilherme Dupont Steffen



**UM DIÁLOGO CONTEMPORÂNEO ENTRE AGROECOLOGIA E ARQUITETURA  
NA FORMAÇÃO DE UM AMBIENTE RURAL SUSTENTÁVEL**

Relatório de pesquisa apresentado na disciplina de Trabalho de conclusão de Curso – Etapa I, do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES, como parte da exigência para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.  
Orientadora: Profa. Dra. Jamile Weizenmann

Lajeado, julho de 2020

Dedico este trabalho à minha avó, Maria Lourdes, que aos 80 anos ainda trabalha na roça. Exemplo de amor, dedicação e respeito à terra, que inspirou o tema deste trabalho.

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo criar embasamento e repertório para a etapa seguinte do Trabalho de Conclusão de Curso de Arquitetura e Urbanismo, na qual o projeto de arquitetura e paisagismo será desenvolvido. O trabalho objetiva à implantação de um empreendimento ligado ao setor hoteleiro, um hotel fazenda, em área da zona rural da cidade de Farroupilha, RS. Os hotéis fazenda caracterizam-se por oferecer, além da hospedagem, atividades diversas ligadas às experiências e vivências da vida no campo, muitas das quais desenvolvem-se ao ar livre, como: o plantio e colheita de hortifrutigranjeiros, passeios a cavalo, trilhas, entre outras. Tal empreendimento pode ser de grande valia na reestruturação e melhoria do turismo na área onde se insere, por consequência na economia local e na exploração da vivência do campo, a partir da retomada das tradições provenientes dos imigrantes italianos e valorização do produtor rural.

**Palavras chave:** Arquitetura. Hotel fazenda. Turismo rural. Sustentabilidade. ODS.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>1 TEMA</b> .....	<b>12</b>
1.1. Apresentação do tema .....	12
1.2. Hotel fazenda no Brasil .....	14
1.3 Nonna Lourdes Hotel Fazenda.....	17
1.4. Justificativa do tema.....	18
<b>2 PAISAGEM CULTURAL</b> .....	<b>21</b>
2.1. Paisagem cultural no Brasil e no mundo .....	24
<b>3 IMIGRANTES ITALIANOS E A SERRA GAÚCHA</b> .....	<b>28</b>
3.1. Imigração italiana.....	28
3.2 Estratégias de implantação .....	32
<b>4 TURISMO NA SERRA GAÚCHA</b> .....	<b>37</b>
4.1 Enoturismo .....	37
4.2 Turismo rural .....	39
<b>5 AMBIENTE RURAL SUSTENTÁVEL</b> .....	<b>42</b>
5.1. Agroecologia.....	42
5.2 Alimentos orgânicos .....	44
5.3.1 ODS e o Nonna Lourdes.....	48
<b>6 PROGRAMA DE NECESSIDADES</b> .....	<b>52</b>
6.1 Tabela de áreas .....	55
6.3 Fluxograma .....	62
<b>7 ÁREA DE INTERVENÇÃO</b> .....	<b>64</b>

<b>7.1 A cidade .....</b>	<b>64</b>
<b>7.2 O terreno .....</b>	<b>69</b>
<b>7.3 Condicionantes legais .....</b>	<b>80</b>
<b>7.4 Justificativa .....</b>	<b>84</b>
<b>8 CONDICIONANTES LEGAIS .....</b>	<b>88</b>
<b>8.1 Código de Edificações de Farroupilha.....</b>	<b>88</b>
<b>8.2 Sistema Brasileiro de Classificação de Meios de Hospedagem .....</b>	<b>90</b>
<b>8.3 NBR 9050 - Acessibilidade .....</b>	<b>95</b>
<b>8.4 NBR 9077 - Saídas de emergência em edifícios .....</b>	<b>101</b>
<b>8.5 NBR15401 - Meios de hospedagem - sustentabilidade.....</b>	<b>105</b>
<b>9 REFERENCIAIS ARQUITETÔNICOS.....</b>	<b>111</b>
<b>9.1 Referenciais de Tema.....</b>	<b>112</b>
<b>9.1.1 Hotel Vivood.....</b>	<b>112</b>
<b>9.1.2 Hotel Pedras do Patacho .....</b>	<b>124</b>
<b>9.2 Referencial de Dormitório .....</b>	<b>133</b>
<b>9.2.1 Sacromonte Landscape Hotel.....</b>	<b>133</b>
<b>9.3 Referenciais – Considerações finais .....</b>	<b>139</b>

Three stylized wheat stalks are positioned in the lower-left quadrant of the page. Each stalk consists of a vertical stem with several rounded, leaf-like shapes attached. The stalks are rendered in a light green color, matching the background. The word "Introdução" is printed in a black serif font at the base of the stalks.

Introdução

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho caracteriza-se pela primeira etapa do trabalho de conclusão de curso, desenvolvido no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES. Tem por objetivo a concretização de embasamento teórico e criação de repertório para o projeto de arquitetura e paisagismo da segunda etapa do trabalho.

O tema deste trabalho consiste na implantação de um hotel fazenda, destinado a todos os públicos, aqui denominado Nonna Lourdes Hotel Fazenda. A área de inserção é localizada em área da zona rural, no interior da cidade de Farroupilha, no estado do Rio Grande do Sul, área de grande influência da cultura italiana. O empreendimento tem por objetivo promover o fortalecimento do turismo da região e através das atividades propostas nele promover conscientização ambiental, a cultura italiana e a valorização do produtor rural.

O primeiro capítulo trata-se da apresentação do tema proposto, seguido de uma breve contextualização da tipologia hotel fazenda em âmbito nacional. Em seguida são apresentadas as características e objetividades Nonna Lourdes Hotel Fazenda, e então é apresentada a justificativa em relação à escolha do tema, que se relaciona à necessidade do desenvolvimento sustentável, da valorização do produtor rural e da preservação das tradições e costumes locais, justificando a utilização de métodos de produção orgânica, fontes de energia renovável, exploração consciente dos recursos naturais, parceria com produtores locais, mão-de-obra local, entre outras.

O capítulo segundo visa a apresentação e caracterização do conceito de paisagem cultural, o que são e as características que necessitam apresentar para serem caracterizadas como tal. Logo depois são apresentados exemplos de paisagens culturais em âmbito nacional e internacional.

O capítulo terceiro destina-se à contextualização da imigração italiana e a influência desta na cultura local. Inicialmente é apresentado um breve contexto histórico sobre a imigração italiana na chegada ao estado do Rio Grande do Sul e a apresentação de alguns aspectos de sua cultura e em seguida são apresentadas características da ocupação das terras pelos imigrantes italianos.

No próximo capítulo, quarto, são abordadas as características do turismo na região da Serra Gaúcha, geralmente ligadas à exploração da cultura italiana e à produção de vinhos, e em seguida a apresentação das características do enoturismo e do turismo rural, de grande disseminação na região serrana do estado.

No capítulo quinto são apresentadas algumas características sobre o desenvolvimento rural sustentável. Nele são expostas e conceituadas a agroecologia e a produção orgânica de alimentos. Por fim, são apresentados os ODS e a relação deles com o Nonna Lourdes Hotel fazenda.

No capítulo sexto são apresentadas as condicionantes para o programa de um hotel fazenda e à apresentação das áreas que compõem e setorizam o programa de necessidades do hotel. Por fim, é apresentado um fluxograma demonstrando as interrelações e fluxos dos diferentes setores.

O capítulo sétimo refere-se à análise da área de intervenção. A análise e explanação começa a partir da análise na macro escala dos aspectos pertinentes para o tema sobre a cidade e a região da Serra Gaúcha. Em seguida, na microescala, são apresentadas as informações sobre o terreno e entorno, e as condicionantes legais a partir do Plano Diretor de Farroupilha cabíveis ao terreno. É apresentada, também, a justificativa para a escolha do terreno.

O capítulo oitavo trata das condicionantes legais e normativas gerais. Primeiro são apresentadas as informações sobre o Código de Edificações do município, em seguida, informações referentes ao Sistema Brasileiro de Classificação de Meios de Hospedagem (SBClass). São apresentadas normativas pertinentes à proposta, NBR9050 referente à acessibilidade, NBR9077 de saídas de emergência e NBR15401 que trata sobre os requisitos de que envolvem a sustentabilidade nos meios de hospedagem.

Por fim, o capítulo nono refere-se sobre os referenciais arquitetônicos analisados com a intenção de se constituir repertório arquitetônico e técnico, para que seja possível a proposição do projeto, propriamente dito, na etapa seguinte deste trabalho.

# 1 Tema



## 1 TEMA

O presente trabalho tem como objetivo a fundamentação necessária para a elaboração de um projeto de arquitetura e paisagismo, que tem como tema um hotel fazenda e em conformidade com o turismo rural.

O empreendimento tem o intuito de fornecer para os hóspedes um refúgio, em meio ao ambiente rural, de contato direto com a terra e com as pessoas da terra - trabalhadores locais - e fornecer para estes trabalhadores qualidade de vida, gerar renda e fazer com que se sintam valorizados pelo trabalho que prestam. Pretende-se assim, a partir do proposto, promover o turismo rural e a economia local, além de promover a formação de um ambiente rural sustentável, econômico e ambientalmente.

### 1.1. Apresentação do tema

Ao refletir sobre a temática, observa-se que ao longo da história fez-se necessária a presença de instalações de hospedagem hotéis, pousadas e demais instalações. Desde os primórdios da colonização até os dias atuais, eles foram necessários em pontos estratégicos, nos centros urbanos, perto de pontos turísticos ou em estradas a caminho desses, muitas vezes tendo, as instalações de hospedagem, papel coadjuvante no processo de crescimento e geração dos centros urbanos. A necessidade desses empreendimentos, tanto como abrigo de passagem, em meio a uma viagem, como para uma

permanência mais prolongada, como por exemplo de estadia de lazer, tornou-se fundamental.

No período colonial, os viajantes se hospedavam nas casas-grandes dos engenhos e fazendas, nos casarões das cidades, nos conventos e, principalmente, nos ranchos que existiam à beira das estradas, erguidos, em geral, pelos proprietários das terras marginais. Os ranchos eram alpendres construídos às vezes ao lado de estabelecimentos rústicos que forneciam alimentos e bebidas aos viajantes. Aos ranchos e pousadas ao longo das estradas foram se agregando outras atividades comerciais e de prestação de serviços que deram origem a povoados e, oportunamente, a cidades. Nessa época era comum, também, as famílias receberem hóspedes em suas casas, havendo, em muitas delas, o quarto de hóspedes. (ANDRADE; BRITO & JORGE, apud CARVALHO, 2009, pg.5).

Os hotéis fazenda tem por essência oferecer mais do que somente a hospedagem - focados, em grande parte, na hospedagem de lazer - mas no oferecimento de uma experiência de vivência do campo, do contato com a natureza, com a terra e, em sua grande maioria, contato também com animais. Muitas vezes buscam, retomar algumas tradições característicos da região onde estão inseridos, tais como: comidas típicas, dança, cultivo e música.

O espaço rural - comumente associado pela população urbana à qualidade de vida - representa para o turista uma oportunidade de contato com paisagens, experiências e modos de vida distintos dos encontrados nos centros urbanos. (LOTTICI KRAHL, apud BRASIL, 2010, pg. 11)

Segundo a Lei 11.771/2008 - Art. 23, que tem como função classificar os tipos de hospedagem no ambiente nacional, o item III do artigo, especifica o hotel fazenda como um empreendimento "localizado em ambiente rural, dotado de exploração agropecuária, que ofereça entretenimento e vivência do campo." Busca, dentre os vários nichos do setor do turismo, no turismo rural, o contato com a terra e as tradições. Desta forma, diferencia-se dos hotéis urbanos e, por consequência, diferencia-se nas atividades oferecidas, que são em grande parte atividades ao ar livre.

Neste sentido a proposta, Nonna Lourdes, tem como base a exploração do turismo rural da área e região. Direciona-se para a sustentabilidade social, ambiental e econômica do local o foco das atividades e da concepção da

proposta. A proposta visa ainda a preocupação com as pessoas e com o ambiente natural, pode vir a criar um ambiente rural sustentável, gerador de renda e qualidade de vida para a localidade.

## **1.2. Hotel fazenda no Brasil**

O serviço de hospedagem remonta desde os primórdios, no entanto o ramo hoteleiro do segmento de hotéis fazenda, é muito mais recente. Esse tipo de serviço surge juntamente com a criação do turismo rural, como parte da necessidade de diversificação nas atividades geradoras de renda de produtores rurais na cidade de Lajes em Santa Catarina, na década de 1980.

Após as movimentações do turismo rural em Lages, em paralelo, começam a surgir em outras cidades do estado de Santa Catarina empreendimentos do setor hoteleiro que, em vista do possível crescimento do turismo rural, voltam-se para esse os atrativos de suas instalações. Estes, caracterizaram-se como hotéis fazenda/fazenda hotéis, pois além de contar com o dia-a-dia de trabalho no campo, fizeram o uso das estruturas existentes nas fazendas como hospedagem.

[...] considerado um hotel fazenda, que tenha no turismo sua principal atividade econômica, mas que também tenha na ruralidade – o modo de vida, a paisagem, o dia a dia rural - o seu principal fator de atração e que, até por isso, está comprometido com esta ruralidade [...](MINISTÈRIO DO TURISMO, 2010, pg. 22).

Os hotéis fazenda, como já referido, têm por objetivo oferecer aos hóspedes, além das instalações necessárias para hospedagem, vivências do campo, retomada das tradições dos locais onde estão inseridos, o dia-a-dia rural como paisagem para as suas atividades, entre outras. As atividades oferecidas, nos mesmos, como parte dessa vivência são por exemplo: o plantio de hortifrutigranjeiros, passeios a cavalo, comidas e danças típicas da região e tantas outras.

Hotéis-fazenda e pousadas, são hotéis basicamente de lazer, com muitas características dos resorts, porém em escala muito menor e quase sempre com instalações bem mais modestas e menor

diversidade de serviços. O número de apartamentos é menor (menos de cem apartamentos), as instalações para a prática de esportes resumem-se a alguns poucos itens, geralmente com ênfase em algum tipo de esporte relacionado à localização ou à especialidade do hotel (equitação, esportes náuticos, etc.), e as áreas de reuniões, quando existem, são de pequeno porte. O regime predominante é o de diárias completas, incluindo as refeições, em um único restaurante. A administração é basicamente familiar, e, por essa razão e pelo porte reduzido do hotel, o tratamento concedido aos hóspedes é mais pessoal (JORGE et al, 2007, pg. 82)

No Brasil foram criadas normativas e diretrizes para classificar e avaliar os meios de hospedagem. O Sistema Brasileiro de Classificação de Meios de Hospedagem (SBClass), institui a classificação para hotéis fazenda de uma até cinco estrelas, tendo como base de diferenciação as instalações e os serviços ofertados.

O HOTEL FAZENDA de categoria uma estrela deve atender a requisitos mínimos de infraestrutura, serviços e sustentabilidade. Para cada estrela adicional, o HOTEL FAZENDA deve atender a uma série de requisitos adicionais que diferenciam as categorias entre si.

Como exemplo para tal diferenciação, segue o resumo apresentado pelo MINISTÉRIO DO TURISMO das atividades e instalações necessárias para que o empreendimento consiga a obtenção de uma estrela e em seguida as necessárias para obtenção de três estrelas. Requisitos necessários para a obtenção de uma estrela:

- Área de estacionamento;
- Serviço de recepção aberto por 12 horas e acessível durante 24 horas;
- Troca de roupas de cama e banho em dias alternados
- Culturas diversas (pomar, horta, flores, etc.);
- Instalações para criação de animais (piscicultura, caprinocultura, bovinocultura, avicultura, etc.);
- Restaurante;
- Medidas permanentes para redução do consumo de energia elétrica e de água;
- Medidas permanentes para o gerenciamento de resíduos sólidos, com foco na redução, reuso e reciclagem;
- Medidas permanentes para geração de trabalho e renda para a comunidade local;
- Programa de treinamento para empregados (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2011, texto digital)

Requisitos necessários para a obtenção de três estrelas:

- Serviço de recepção aberto por 12 horas e acessível durante 24 horas;
- Serviço de guarda dos valores dos hóspedes;
- Berço para bebês, a pedido;
- Facilidades para bebês (cadeiras altas no restaurante, facilidades para aquecimento de mamadeiras e comidas, etc.);
- Troca de roupas de cama e banho diariamente;
- Culturas diversas (pomar, horta, flores, etc.);
- Instalações para criação de animais (piscicultura, caprinocultura, bovinocultura, avicultura, etc.)
- Climatização (refrigeração/ventilação/calefação) adequada em 100% das UH;
- Bar;
- Restaurante;
- Serviço de alimentação disponível para café da manhã, almoço e jantar;
- Área de estacionamento;
- Programa de treinamento para empregados;
- Medidas permanentes para redução do consumo de energia elétrica e de água;
- Medidas permanentes para o gerenciamento de resíduos sólidos, com foco na redução, reuso e reciclagem;
- Monitoramento das expectativas e impressões dos hóspedes em relação aos serviços ofertados, incluindo pesquisas de opinião, espaço para reclamações e meios para solucioná-las;
- Medidas permanentes para geração de trabalho e renda para a comunidade local (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2011, texto digital)

Em análise a estas diretrizes entende-se que há uma preocupação por parte dos órgãos público quanto ao ambiente natural e às pessoas da comunidade na implantação de um empreendimento como tal, pois desde a categoria de hotel fazenda de uma estrela já estão presentes diretrizes que visam a geração de renda para a comunidade local e a sustentabilidade do meio ambiente.

Observa-se ainda que os órgãos públicos também incentivam a implantação desse tipo de empreendimento pois contribuem com diversos fatores relacionados ao desenvolvimento de uma região. A exemplo disso, podem ser gerados grandes avanços econômicos, a partir da geração de renda, ajudam na melhoria do ambiente natural com o uso racional e sustentável dos recursos naturais disponíveis.

### **1.3 Nonna Lourdes Hotel Fazenda**

A proposta Nonna Lourdes Hotel Fazenda tem como público alvo pessoas de variada faixa etária, que buscam no turismo rural, na natureza, a retomada das tradições e experiências sustentáveis, de contato com a terra, um refúgio tanto para lazer e descanso quanto para aprendizado. Além disso, apoia-se no turismo rural, sustentável, a exploração da proposta e das atividades oferecidas.

Há a intenção de que o hotel comporte 45 hóspedes, e por se tratar de um hotel fazenda, ofertar a esses inúmeras e variadas vivências ao ar livre. As atividades propostas têm como caráter a vivência do campo, atividades como: plantio de hortifrutigranjeiros como: milho, batata, feijão; passeios em trilhas, a cavalo, a pé e bicicleta, contemplação da natureza, contato com animais, entre outras.

Para fortalecer e abranger a cultura local, além da hospedagem, serão ofertadas atividades de resgate às tradições italianas, devido às características da imigração italiana do local, como por exemplo: comidas típicas, músicas, danças tradicionais e assim por diante. Assim sendo, também serão abordadas as tradições da fabricação de viticultura.

O Hotel visa promover o contato entre hóspede e natureza, sempre buscando a conscientização dos hóspedes quanto à importância do trabalhador rural e a preocupação no desenvolvimento de um ambiente sustentável. Considerando os impactos ao meio ambiente, uma das diretrizes norteadoras da proposta é a preocupação com o ambiente natural, social e econômico da área e áreas do entorno, para que se possa propor um empreendimento onde os impactos negativos ao meio ambiente e às pessoas do entorno sejam mínimos ou inexistentes.

Há a preocupação com os habitantes da região, e para concepção do projeto serão propostas uma série de parcerias com produtores locais, para fornecimento de produtos como: queijo, leite, vinho, massas, mudas, entre outras. Além desses produtos, a intenção é de se trabalhar com mão de obra local, por meio da implantação de um programa de treinamento para

empregados do hotel, assim capacitando as pessoas da comunidade e região para o trabalho no Hotel.

Destaca-se que o diferencial da proposta é a preocupação com o ambiente natural, os moradores, o turismo e a economia local, promovendo um ambiente rural sustentável econômica, social e ambientalmente. Dessa forma, a ideia é fomentar uma consciência transformadora em relação à agricultura, promovendo a cultura de alimentos orgânicos e a exploração consciente dos recursos naturais. Posto isto, busca-se o entendimento sobre a agroecologia e o que a caracteriza para fornecer subsídios como base da sustentabilidade em meio rural.

#### **1.4. Justificativa do tema**

A região na qual se insere a proposta apresenta grande parte da fonte de renda dos produtores rurais vinculadas à exploração de gado leiteiro – que vendem o leite à valores incrivelmente baixos - e hortifrutigranjeiros. No entanto, uma parcela grande dos habitantes da localidade, não mais interessados pelo trabalho do campo, buscam como fonte de renda empregos nas cidades próximas. Isso acarreta, maioritariamente, na saída desses habitantes da zona rural para morar nessas cidades.

O turismo rural pode se constituir em proposta de reformulação e revitalização de certos aspectos e atividades da área rural. A instrumentalização de uma política de turismo rural no Brasil é importante porque revitaliza a zona rural, melhora a qualidade de vida e possibilita o intercâmbio entre a população rural e urbana. Além disso, pode ser um mecanismo de conservação dos recursos naturais, reabilita o patrimônio socioeconômico e cultural, e diversifica a oferta turística brasileira. (NOVAES, 1994, pg. 50)

Neste sentido entende-se que o Turismo Rural é uma das melhores opções para que se possa combater o êxodo rural e conferir às pessoas da região qualidade de vida e uma fonte de renda alternativa. Além de proporcionar às pessoas da comunidade o caráter de pertencimento e orgulho da terra onde estão.

Surgido como uma prática capaz de promover a sociabilidade, a integração entre o rural e o urbano e a transformação socioeconômica, contribuindo para aliviar a pobreza no campo, sem descaracterizar a paisagem e a identidade da população local, o Turismo Rural passa a ser enaltecido em estudos e pelos governos (ROQUE, apud MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, pg. 13).

Entende-se, portanto, que a inserção do empreendimento na localidade é justificada pelo incremento que oferecerá à economia e à qualidade de vida dos habitantes da localidade. Esse incremento se dá a partir da criação de postos de trabalho, na parceria com os produtores da região para o fornecimento de produtos locais e na exploração do turismo rural na comunidade. Ainda, a proposta promoverá o contato entre urbano e rural, e terá o cuidado na conscientização para com os hóspedes sobre a necessidade de se obter um ambiente rural sustentável.



## 2 Paisagem Cultural

## 2 PAISAGEM CULTURAL

A construção de uma caracterização de paisagem cultural é um processo complexo, Figueiredo (2014), baseando-se em DELPHIM (2004), afirma que a paisagem cultural alia as duas vertentes do património cultural: a material e a imaterial. Segundo Figueiredo: “[...] a dimensão imaterial constitui a singularidade da paisagem cultural, sendo esta a que determina ou condiciona a paisagem, constituindo uma unidade singular e infinitamente mais rica [...]”. Portanto, entende-se paisagem cultural como a união do ambiente natural com a apropriação humana e o que vem a ser gerado a partir dessa interação, ou seja, a arquitetura, os costumes, os saberes, entre outros.

Na maioria das vezes, e isso ocorreu com o imigrante italiano, o ambiente natural influenciou o carácter, a composição da área rural e a maneira como usavam a terra. Por sua vez, os povos com as tradições, as tecnologias e as atividades modificaram consciente e inconscientemente o ambiente natural (FIGUEIREDO, 2014, pg.149).

No ano de 1992 a UNESCO introduziu o termo “paisagem cultural” como uma categoria de proteção para os bens naturais. No momento em que se cria esta categoria, define-se também o conceito de paisagem natural. Como definição para tal categoria a UNESCO tem:

As paisagens culturais são bens culturais e representam as «obras conjugadas do homem e da natureza» [...] Ilustram a evolução da sociedade e dos povoamentos ao longo dos tempos, sob a influência de constrangimentos físicos e/ou das vantagens oferecidas pelo seu

ambiente natural e das sucessivas forças sociais, económicas e culturais, internas e externas (UNESCO, 2012, pg.70).

Em 2009 o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), segundo portaria nº 127, alinhado ao pensamento de paisagem cultural da UNESCO, anos depois, instituiu a definição de Paisagem Cultural Brasileira, no Livro Paisagem Natural (2009) "Paisagem Cultural Brasileira é uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural [...]".

Nesse sentido, o IPHAN, exemplifica como paisagens culturais o Pantanal Mato-grossense, pelas relações entre o pantanal e os boiadeiros, além de trazer a relação entre os gaúchos e os pampas. Desta forma, amparados por tais conceitos, é possível compreender que a definição de paisagem cultural está relacionada ao resultado da evolução do ambiente natural na relação com o ser humano que o habita e, principalmente, no modo como este o habita. No panorama de paisagem cultural está intrínseco que a maneira de habitar depende de uma interação entre o meio natural e os que o ocupam.

Figura 1: Pampa gaúcho e boiada.



Fonte: [www.estudopratico.com.br/pampas-fauna-flora-caracteristicas-e-problemas/](http://www.estudopratico.com.br/pampas-fauna-flora-caracteristicas-e-problemas/)

Os condicionantes do lugar, portanto, acabam inferindo um modo específico de habitar esse lugar, sendo assim, as paisagens culturais variam de lugar para lugar, considerando as especificidades. Como afirma Nascimento

e Scifoni (apud SILVA, 2010, p. 32) “[...] paisagem cultural traz a marca das diferentes temporalidades da relação dos grupos sociais com a natureza, aparecendo, assim, como produto de uma construção que é social e histórica [...]” (NASCIMENTO e SCIFONI, apud SCIFONI, texto digital).

No cinema, por exemplo, são paisagens culturais alguns dos cenários do longa-metragem “A Vida Secreta de Walter Mitty” (The Secret Life of Walter Mitty). Parte do filme acompanha o percurso feito pelo protagonista através de algumas cidades da Islândia, onde são reveladas pequenas vilas envoltas por natureza - de caráter nórdico - abundante, uma pequena vila costeira, trazendo a síntese do modo de vida nessa área e as transformações impostas no homem e à paisagem natural, um pelo outro e pelo tempo em ambas. As vilas, em geral, estabelecidas no sopé de montanhas cobertas de gelo, perto da região costeira, e grandes áreas de natureza cortadas apenas por estradas de asfalto em suas partes com menores acidentes geográficos, onde a natureza permite, e ao lado destes rebanhos de ovelha e gado. Demonstrando, assim, a marca do homem na paisagem e a marca da paisagem no homem e o que um impõe ao outro, em suma uma paisagem cultural.

Figura 2: Paisagem cultural. (Islândia)



Fonte: cena retirada do longa metragem “The Secret Life of Walter Mitty”.

É neste contexto, da evolução do lugar que se forma com a parceria entre ambiente natural e a apropriação humana, que nas raízes da colonização italiana devido o processo migratório ter sido feito em grande parte pelos italianos, o Nona Lourdes Hotel Fazenda irá buscar os elementos necessários para caracterização da paisagem cultural no local. A arquitetura,

a comida típica, o manejo da terra, os costumes e tradições serão elementos que terão papel fundamental na identidade dessa paisagem cultural.

## 2.1. Paisagem cultural no Brasil e no mundo

As paisagens culturais muitas vezes se tornam imagens pelas quais podemos identificar um lugar, seu povo e sua cultura, de certa forma transforma-se na face pela qual o reconhecemos. Sendo assim, como cada lugar tem suas peculiaridades, que faz com que possamos distingui-las, caracterizam-se paisagens culturais diferentes.

No continente europeu existem inúmeras paisagens culturais diferentes. Paisagens culturais que variam de cidade para cidade, de país para país. Um dos muitos exemplos que se pode apresentar é Portugal, neste caso precisamente a cidade do Porto. A cidade do Porto tem a sua paisagem cultural ligada diretamente ao Rio Douro, ao Vinho do Porto e à Ribeira. O que caracteriza a imagem da cidade como paisagem cultural é a influência do relevo do contexto geográfico e o Rio Douro sobre a apropriação dos habitantes no local. O Vinho Do Porto por exemplo é uma apropriação do local como característica única do vinho que somente é produzido no Porto, nos vinhedos instalados nas barrancas e áreas próximas ao Rio Douro.

Figura 3: Vista para o Rio Douro e Ribeira (Portugal)



Fonte: <https://www.eurodicas.com.br/morar-no-porto/>

Outro exemplo na Europa é a região da toscana, na Itália, que possui uma paisagem cultural característica. Em todo o país há grande presença da vinicultura, no entanto, nessa região há grande exploração no entorno produção de vinhos e a partir destes e da gastronomia tradicional, a exploração do enoturismo é uma das principais fontes renda da região. Assim sendo, uma das principais características da paisagem cultural da toscana é a presença constante de vinhedos e vinícolas. As vinícolas se apossam das tradições e da paisagem cultural e as transformam em atrativos para o turismo da região.

Figura 4: Vinícola Vignamaggio. (Itália)



Fonte: <https://www.vignamaggio.com/>

Figura 5: Vinícola Argiano. (Itália)



Fonte: <https://www.argiano.net/argiano/>

Na América Latina, o Brasil em sua grande extensão territorial - quinto maior país do mundo em extensão territorial - apresenta grande diversidade natural. Este aspecto, aliado à grande diversidade cultural trazida pelos

colonizadores - portugueses, italianos, alemães, entre tantos outros - faz com que seja um país extremamente rico em paisagens culturais, cada qual com suas singularidades. Uma dessas paisagens culturais é a cidade do Rio de Janeiro. A cidade classificada pela UNESCO, no ano de 2012, como a primeira paisagem cultural urbana do mundo, segundo a ONU.

Na porção sul do Brasil, mais precisamente no estado do Rio Grande do Sul está localizada a região da Serra Gaúcha. A Serra Gaúcha sofre grande influência da cultura italiana, introduzida pelos imigrantes italianos que colonizaram grande parte dessa região. Desta forma, a paisagem cultural da região serrana do Estado tem aspectos similares aos identificados na região toscana da Itália, mencionada anteriormente, como por exemplo, o Vale dos Vinhedos.

O Vale dos Vinhedos, como é conhecida a região entre as cidades de Bento Gonçalves, Garibaldi e Monte Belo do Sul, apresenta grande número de vinícolas e empreendimentos ligados à gastronomia que se apropriam e exploram a cultura italiana e a produção dos vinhos como atrativo para o turismo na região, geralmente ligado ao enoturismo.

Figura 6: Spa do Vinho no Vale dos Vinhedos.



Fonte: <https://www.spadovinhoshop.com.br/sobrespadovinho>



# 3 Imigrantes italianos e a Serra Gaúcha

### **3 IMIGRANTES ITALIANOS E A SERRA GAÚCHA**

Para entender o contexto da região faz-se necessário um breve contexto histórico sobre a colonização italiana na Serra Gaúcha, como base no entendimento da região – região neste trabalho compreendida como a Serra Gaúcha – da população, sua cultura e peculiaridades, na maneira como habitam, no modo de cultivo do solo entre outros aspectos.

#### **3.1. Imigração italiana**

Os últimos vinte e cinco anos, o quarto final do século XIX, foram marcados por uma grande emigração da Europa. Parte dessa imigração chega ao sul do país, especialmente no Rio Grande do Sul. Grande parte dos imigrantes que aqui chegam são de origem alemã e italiana, em menor número chegam também imigrantes franceses, judaicos e poloneses, afirma Santos (2017).

A ocupação de terras por imigrantes italianos no Rio Grande do Sul começa a partir de 1875. Com a chegada dos primeiros imigrantes italianos em 1875 no Nordeste do estado do Rio Grande do Sul, foram planejadas três colônias nesta área: sendo estas a colônia de Dona Isabel, atual cidade de Bento Gonçalves, de Conde D'eu (atual Garibaldi e de Fundos de Nova Palmira, renomeada de Caxias (KANAAAN, 2009, pg. 5).

Figura 7: Descendentes de imigrantes italianos, franceses e suíços. (Farroupilha 1957).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

O território pertencente à Nova Milano, 4º distrito da cidade de Farroupilha, é considerado o marco zero, o berço da colonização italiana no sul do Brasil, afirma Kanaan (2009). Este foi o ponto de chegada e onde instalaram-se, abrigados em um galpão, os primeiros imigrantes das famílias Crippa, Sperafico e Radaelli (FARROUPILHA, 2017, Texto digital). Hoje em Nova Milano existe a Praça da Imigração Italiana onde se encontram cópias de bronze do passaporte dos três primeiros italianos que ali chegaram.

Esse território hoje é reconhecido como zona de colonização italiana e, os descendentes acionam constantemente, através de alguns sinais característicos, a sua identidade de origem. As instituições locais têm grande preocupação em promover situações que exaltam a "cultura italiana". O impulso ao trabalho, a valorização da família e da fé católica assim como o empreendedorismo são elementos culturais constantemente lembrados [...] (KANAN, 2009, pg.2)

Cada imigrante traz consigo, não apenas os familiares, bagagens e esperança de um futuro melhor, mas muito mais, em cada um deles vem também um pouco da Itália - neste caso, no caso de imigrantes alemães a Alemanha, por exemplo e assim por diante - lembranças, costumes e tradições, interiorizados dentro de si. Essa carga de bens imateriais, o saber do

imigrante italiano, influenciou muito o modo de habitar deste de seus descendentes.

Sendo assim, as técnicas de cultivo do solo e o tipo de plantação que deve cultivar estavam engendradas à essa herança cultural. Um dos tipos de plantação que mais destaca-se dentre os imigrantes italianos - no Rio Grande do Sul, principalmente na Serra Gaúcha - é o cultivo das vinhas, da uva, para fabricação de vinho. "A atividade econômica dos italianos, além de seguir alguns caminhos semelhantes à dos alemães, especializou-se no cultivo da uva e na produção do vinho (FAUSTO, apud SANTOS, 2017, pg. 4).

A vitivinicultura perpassa as barreiras da herança cultural, a partir do aperfeiçoamento dos colonos na produção e na formação de grupos cooperativas à exploração da uva e do vinho passa, ao longo do tempo, do cultivo para a subsistência à uma das principais fontes de renda e reafirmação da identidade os imigrantes. É neste contexto que se dividem em fases o desenvolvimento da produção dos imigrantes:

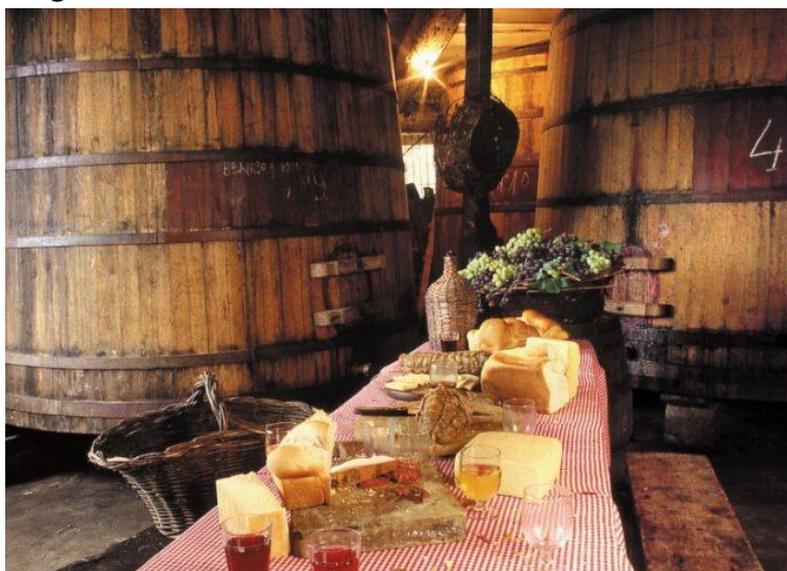
(a) o estabelecimento dos imigrantes em moldes de uma agricultura de subsistência (1875-1910); (b) o desenvolvimento de atividades vitivinicultoras (1910-1950), onde a comercialização de excedentes de produção começa a especificar a área de colonização italiana; e (c) a instalação de cooperativas e empresas de industrialização capazes de aproveitar a produção local, gerando, a exemplo da zona colonial alemã, redefinições ao nível de mercado e nas relações de produção da pequena propriedade [...] (MOURE apud SANTOS, 2017, pg. 6).

As heranças gastronômicas trazidas se manifestam como ato de reafirmação para a identidade do imigrante italiano. Assim sendo, demarcando suas tradições no modo como comem, faziam e os descendentes continuam por fazer ainda hoje, da mesa não somente um lugar de refeições. Orgulhosos do tempo e trabalho empenhados na obtenção de sua comida, fazem da refeição uma apresentação aos olhos de quem vê, talvez um alento à escassez de alimento que os colonos enfrentaram em seu país de origem.

[...] para os italianos no Rio Grande do Sul, a comida farta e forte foi e ainda é um importante demarcador étnico. Ela deve ser servida à mesa, em exposição de abundância e trabalho produtivo. Serve para o paladar e para os olhos também [...] (SANTOS e CANINI, 2008, pg. 5)

Dentre tantas receitas e condimentos representativos à tradição italiana, destacam-se, muitas vezes, comidas simples como: salame, copa, queijo, polenta - comida mole quando recém feita e brustolada na chapa do fogão à lenha - fortaia, chimia, café com leite, grostoli, massas, capeletti, entre outras. Estando estas sempre presentes em filós e tradicionais festas das comunidades. Refeições fartas, sempre bem temperadas e regadas a vinho.

Figura 8: Produtos coloniais tradicionais italianos.



Fonte: <https://caixacolonial.club/blog/turismo-rural-11-roteiros>

A herança gastronômica da cultura italiana, receitas, sabores, histórias, bens imateriais que para continuarem vivos necessitam ser passadas de geração para geração. Grande parte dessas tradições do “ser italiano” foram compartilhadas pela mulher italiana, afirmam Santos e Canini (2008): “Elas, de certa forma, em suas cozinhas, no ensinamento de receitas de mães e avós para as filhas e netas, passaram muitos valores do universo “italiano” de origem.”

A partir desta reflexão, observa-se que a comida típica e o vinho têm papel fundamental na representatividade da cultura do imigrante italiano e percebe-se também que tal papel continua a ser reavivado na manutenção das tradições pelos descendentes desses imigrantes, que de todos os modos possíveis buscam ressaltar e enaltecer tal tradição que, às vezes, acabam por

virar produto de comercialização e denominador de diversificação nos mercados do turismo, consumo, entre outros.

### **3.2 Estratégias de implantação**

Ao analisar as características das áreas de terra que foram destinadas aos imigrantes italianos, quando no Rio Grande do Sul estes chegaram, percebe-se que a terra que lhes foi destinada influenciou seu modo de habitar. Observa-se que as terras eram distribuídas por ordem de chegada, impediu-se que a formação de grupos de mesma procedência, o que possibilitou a miscigenação de culturas e etnias (KANAAAN, 2009, pg.1).

As terras destinadas aos imigrantes na época eram traçadas e distribuídas pela Comissão de Terras - criada para este propósito na época da imigração - possuíam em quase toda a sua totalidade áreas por volta de vinte hectares ou áreas próximas a esta, que na época foram denominadas de colônias.

Essas terras onde os imigrantes se instalaram, primeiramente, 'foram divididas em Linhas ou Travessões e estes em lotes coloniais numerados, as divisões eram feitas, em geral sobre mapas, não respeitando acidentes geográficos a não ser os de maior relevo como o rio das Antas e afluentes (FROSI e MIORANZA).' Observando o mapa, das colônias, verifica-se que essas linhas eram desenhadas no sentido norte-sul, e que as colônias apresentavam formatos retangulares, com medidas variáveis em média correspondendo a 200 metros de frente e 1.000 metros de profundidade, configurando um lote com 20 hectares de área (FILIPPON, 2014, pg. 25-26)

É possível reconhecer o traçado e o modo de ocupação visível ao se ter acesso às imagens aéreas das áreas de terra na zona rural das cidades da região serrana do estado. A área de terra a qual o terreno proposto pertencia apresenta todas as características destacadas por Filippon (2014), como: traçado norte-sul, acidentes geográficos e área de vinte e um hectares, na proporcionalidade de largura de 200m e profundidade por volta de 1000m.

Desta forma existem inúmeras áreas de terra da região serrana, de topografia bastante variável, apresentavam desníveis, escarpas, acidentes geográficos em geral, e na época da colonização apresentavam, ainda,

mata densa. Tais empecilhos o imigrante italiano, teve a necessidade de transpor para que pudesse se estabelecer.

A ocupação da área de terra era gerada a partir das condições que o terreno estabelecia. O ponto inicial da ocupação das terras se dava a partir da implantação da casa, geralmente situada não muito distante da estrada de acesso. Próximo às casas, por vezes até mesmo conjugadas, ficavam as instalações onde criavam animais, como: porco, galinha e vacas de leite. Ainda nos arredores da casa ficavam localizadas hortas e pequenos cultivos, as áreas maiores de cultivo, milho como um dos cultivos mais presentes, frequentemente ficavam localizadas mais afastadas às casas, dispersas, consolidadas onde o terreno permitia, apresentando muitas vezes o parreiral em terrenos com bastante desnível.

A materialidade que o imigrante italiano empregava na construção e estruturação das casas era simples, sempre empregando materiais disponíveis na própria localidade e construídas com a própria mão-de-obra. Inicialmente utilizavam bambu, barro e madeira, passando mais tarde ao emprego de pedra e alvenaria, na construção e fechamento de paredes. A alvenaria feita de tijolos artesanais produzidos no próprio sítio. O fechamento da cobertura era feito com telhas de barro ou madeira. Porões de pedra para regularizar a topografia do terreno e o pavimento superior em madeira, geralmente a área da cozinha separada do resto da casa por segurança, são alguns dos traços característicos.

O método construtivo adotado variava de acordo com a disponibilidade de materiais que o local oferecia. Segundo Bertussi (1997), as primeiras construções eram feitas de madeira rachada, alvenaria, pedra basáltica ou tijolos artesanais. Contudo, o apogeu da arquitetura da imigração italiana ocorreu somente quando as técnicas construtivas foram aprimoradas na utilização da madeira, criando a arquitetura que de fato representou esse momento. (VENTURINI e GASPARY, 2016, pg.14)

A Serra Gaúcha faz da arquitetura e cultura da imigração italiana um cartaz para o turismo da região. Pode-se citar como exemplo da arquitetura e técnicas construtivas da colonização italiana, atualmente explorado como roteiro turístico, o roteiro Caminhos de Pedra, que passa pelas cidades de

Bento Gonçalves e Farroupilha, hoje é patrimônio histórico do estado do Rio Grande do Sul.

Figura 9: Casa de pedra de imigrante italianos.



Fonte: <https://www.caminhosdepetra.org.br/405-2/page/1/>

Figura 10: Casa de pedra ao fundo do vinhedo.



Fonte: <https://www.caminhosdepetra.org.br/405-2/page/3/>

Figura 11: Casa de madeira com porão de pedra.



Fonte: <https://www.caminhosdepedra.org.br/405-2/page/3/>

A consolidação do imigrante como colono, dono de colônia, se dá mediante a instalação deste no local. Neste contexto, pode-se afirmar que a vivência proporcionada aos imigrantes italianos, por meio das dificuldades e da reinvenção como pequeno agricultor, na época em que ao estado chegaram, influenciou profundamente o desenvolvimento e a cultura local. Os patrimônios históricos que ainda estão preservados contam essa história.



## 4 Turismo na Serra Gaúcha

## 4 TURISMO NA SERRA GAÚCHA

O turismo na Serra Gaúcha tem se tornado, principalmente nos últimos 40 anos, um dos maiores mecanismos geradores de renda. Um dos principais atratores nessa região, formou-se em torno da exploração da cultura e culinária italiana - devido à forte presença da imigração italiana na região, e na exploração do mercado da vitivinicultura. Neste contexto, destacam-se como nichos no setor do turismo local, o enoturismo e o turismo rural.

### 4.1 Enoturismo

O enoturismo caracteriza-se pela exploração por parte do setor turístico na exploração sobre a degustação e a fabricação de vinhos. Muitas vezes ligado também a exploração gastronômica de comidas tradicionais da cultura local, na exploração enogastronomia.

O crescimento do enoturismo obteve tal proporção na região da Serra Gaúcha devido a uma forte necessidade de inovação e diferenciação para o mercado da vitivinicultura. A região da Serra Gaúcha desde os primórdios do século XX “é tida como a maior e mais conceituada área produtora de uva e de vinhos do Brasil (SILVA, 2009, pg.107).”

Grande parte da região da Serra tem como característica a exploração do enoturismo, no entanto, é o Vale do Vinhedos, área de reconhecimento internacional pela produção de vinhos, localizada entre as cidades de Bento Gonçalves, Garibaldi e Monte Belo do Sul, que se aproveita do enoturismo e da culinária tradicional italiana, na chamada enogastronomia, como principal atrativo turístico. Nesta região estão presentes vinícolas de diferentes tamanhos, vinícolas familiares e mesmo grandes vinícolas de participação internacional.

Na Serra Gaúcha (Estado do Rio Grande do Sul, Brasil), devido à grande influência dos aspectos culturais e da memória coletiva dos descendentes de imigrantes italianos, criou-se uma identidade que está diretamente associada à produção e comercialização de vinhos, envolvendo diferentes tradições e manifestações em torno da vitivinicultura. Recentemente, esta identidade local vem sendo apropriada pelo turismo que utiliza a cultura como forma de atrativo (LEVANDOVSKI, TONINI e BARRETTO, 2012, pg. 217).

No ano de 2012 a Associação dos Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos (APROVALE), com o intuito de enaltecer as características da região, a qualidade dos vinhos ali produzidos, as tradições locais e por meio destes agregar valor ao produto ofertado, conseguiram junto ao órgão responsável, no caso a EMBRAPA, o selo “Denominação de Origem Vale dos Vinhedos.” A apropriação do lugar por meio das vinícolas locais confere aos vinhos características únicas pelas quais são reconhecidos internacionalmente.

O Vale dos Vinhedos foi a primeira indicação geográfica reconhecida do Brasil. Em 2002 obteve do INPI o registro de Indicação de Procedência (IP) e, em 2012, foi reconhecida a Denominação de Origem – a primeira DO de vinhos do Brasil (EMBRAPA, 2012, texto digital, disponível em: <https://www.embrapa.br/indicacoes-geograficas-de-vinhos-do-brasil/ig-registrada/do-vale-dos-vinhedos>)

Figura 12: Mapa roteiro do Vale dos Vinhedos.



Fonte: <http://www.valedosvinhedos.com.br/vale/index.php>

Tendo em vista a temática é notório que o turismo da região está diretamente ligado às tradições dos imigrantes italianos, do cultivo da uva, da produção do vinho e com a criação de roteiro turístico enogastronômico a cultura dos imigrantes italianos torna-se um produto de mercado, uma mercantilização da cultura, o que promove renda para a localidade.

#### 4.2 Turismo rural

O turismo rural tem conquistado grande público nos últimos anos. No Brasil o nicho do turismo rural é recente, o Ministério do Turismo data que seu surgimento em meados da década de 1980 e seu ponto inicial no estado de Santa Catarina, na cidade de Lajes.

Muitos moradores urbanos viajam com o intuito de reencontrar suas raízes, interagir com a comunidade local, participar de suas festas tradicionais, desfrutar da hospitalidade e do aconchego nas propriedades, conhecer o patrimônio histórico e natural no meio rural, conviver com os modos de vida, tradições, costumes e com as formas de produção das populações do interior, vivenciar novas experiências, buscar novos conhecimentos, saberes, descansar física e mentalmente, fugir da rotina da vida urbana e adquirir produtos típicos. Isso somado à necessidade que o produtor rural tem de diversificar sua fonte de renda e de agregar valor aos seus produtos, pode explicar o crescimento do segmento de Turismo Rural no Brasil (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, pg. 14).

O segmento turístico do turismo rural tem como característica a exploração do meio rural como atrativo turístico. “[...] além do

comprometimento com as atividades agropecuárias, caracteriza-se pela valorização do patrimônio cultural e natural como elementos da oferta turística (MINISTÈRIO DO TURISMO, 2010, pg. 14). “

As atividades relacionadas ao turismo rural geralmente são atividades do cotidiano rural, a lida com animais, o plantio, comidas típicas, costumes e tradições que remontam às raízes da localidade, o comércio de produtos locais. Desta forma, há o contato direto entre o visitante e o produtor rural, o qual pode “além de vender serviços de hospedagem, alimentação e entretenimento, pode comercializar produtos *in natura* (frutas, ovos, verduras) ou beneficiados (compotas, queijos, artesanato) aos visitantes (MINISTÈRIO DO TURISMO, 2010, pg. 19).” Portanto, entende-se que o turismo rural pode servir como fonte de renda alternativa para os produtores rurais.

O turismo rural pode servir como ferramenta que ajude na melhora das condições de vida dos produtores rurais, o que pode ajudar a evitar o êxodo rural no país. Sendo assim, a exploração do turismo rural traz muitos benefícios à população do meio rural, tais como:

- Diversificação da economia regional, pelo estabelecimento de micro e pequenos negócios;
- Geração de novas oportunidades de trabalho e renda;
- Incorporação da mulher ao trabalho remunerado;
- Agregação de valor ao produto primário;
- Diminuição do êxodo rural;
- Melhoria da infraestrutura de transporte, comunicação e saneamento no meio rural;
- Melhoria dos equipamentos, dos bens imóveis e das condições de vida das famílias rurais;
- Interiorização do turismo;
- Conservação dos recursos naturais e do patrimônio cultural;
- Promoção de intercâmbio cultural e enriquecimento cultural;
- Integração das propriedades rurais e comunidade local;
- Valorização das práticas rurais, tanto sociais quanto de trabalho;
- Resgate da autoestima do campesino (MINISTÈRIO DO TURISMO, 2010, pg. 14).

Por fim, compreende-se que na exploração do turismo rural em uma região, algumas das principais vantagens são: a possibilidade de melhoria da qualidade de vida, a constante expressão e envolvimento da cultura, a sustentabilidade do meio rural e, a mais importante dessas vantagens, a possibilidade de retomar a autoestima e a valorização do produtor rural.



## 5 Ambiente rural sustentável

## **5 AMBIENTE RURAL SUSTENTÁVEL**

Frente às grandes mudanças que os séculos XX e XXI impuseram sobre a agricultura mundial, como: a mecanização das colheitas, a monocultura, o uso abusivo de agrotóxicos para o controle das pragas, falta de incentivos ao pequeno produtor rural, entre outras; desenvolveu-se a necessidade de uma agricultura de caráter mais ecológico e orgânico. Esse fenômeno cresce ainda mais, principalmente na última década, com o aumento da predisposição da população mundial a uma vida mais “verde”, mais saudável. Um dos movimentos, dentre tantos outros, que se desenvolve em prol de um ambiente rural sustentável é a chamada agroecologia.

### **5.1. Agroecologia**

Ao se propor a possibilidade de utilização da agroecologia como meio para a criação de um ambiente rural sustentável faz-se necessária a definição de tal metodologia, no entanto a definição exata do conceito de agroecologia é debate entre muitos autores.

Em âmbito geral pode-se destacar que a agroecologia tem três frentes diferentes como: movimento político militante, como ciência e como metodologia adotada no sistema de plantio. O autor Buainain (2006) define

que agroecologia é “[...] entendida como campo de conhecimento que visa desenvolver as bases teóricas, científicas e metodológicas para o desenvolvimento de uma agricultura sustentável.” A agroecologia pode ser um instrumento de grande valia na concepção de um modelo de sistema rural sustentável e apresenta vantagens em relação aos modelos de agronegócio vigentes, pois nela trabalha-se em todos os âmbitos da produção rural.

Essa agricultura se estrutura em processos produtivos que são gerados pela integração do conhecimento científico e do conhecimento local, levando em consideração as bases ecológicas que regem os processos reprodutivos dos diferentes elementos do ecossistema. (BUAINAIN, 2006, pg. 58)

Esta, então, tange a viabilização da transição do modelo tradicional do agronegócio atual, sustentado à base de agrotóxico, para uma alternativa sustentável na qual se encaixam todas as esferas do processo produtivo, técnicas, sociais e ambientais.

A agroecologia aparece assim como desenvolvimento sustentável, ou seja, a utilização de experiências produtivas em agricultura ecológica na elaboração de propostas para ações sociais coletivas que demonstrem a lógica predatória do modelo produtivo agroindustrial hegemônico, permitindo sua substituição por outro que aponte para uma agricultura socialmente mais justa, economicamente viável e ecologicamente apropriada (GUZMÁN CASADO et al, apud GUZMÁN, 2000, pg. 104)

A produção agrícola que faz uso desta metodologia tende a criar um ambiente sustentável baseado não simplesmente no avanço tecnológico, mas na parceria entre descobertas científicas, conhecimentos locais dos produtores rurais e em harmonia com o tipo de clima e terreno onde se está produzindo, criando assim um ecossistema rural. Junto à ideia de ecossistema rural encaixam-se os adubos verdes, geralmente plantas de cultivos diferentes adubando o solo e a multicultura de espécies, que servem como bioma para os predadores das pragas.

No combate aos métodos tradicionais de produção rural muitos autores destacam como aspectos ruins destes: o emprego excessivo de agrotóxicos, monocultura e o desenvolvimento das grandes empresas em detrimento do

pequeno produtor. Em suma a agroecologia tem princípios que caracterizam o seu *modus operandi* como modelo de produção, são alguns deles:

- natureza sistêmica da produção de alimentos;
- otimização do sistema como um todo;
- uso de recursos renováveis localmente acessíveis;
- conservação dos recursos naturais;
- baixa dependência de insumos comerciais;
- adaptação do sistema produtivo ao ambiente local;
- diversidade biológica e cultural;
- envolvimento dos aspectos culturais;
- participação política e empoderamento dos atores;
- ação social coletiva, participativa, enfoque holístico, estratégia sistêmica;
- desenvolvimento de estilos de agricultura de base ecológica;
- produtos de qualidade biológica superior;
- resultados econômicos favoráveis ao conjunto da sociedade;
- perspectiva temporal de longo prazo (BUAINAIN, 2006, pg. 58-59)

Assim, compreende-se que a agroecologia pode ter papel fundamental na obtenção e manutenção de uma produção rural sustentável. A sustentabilidade compreende cadeia produtiva por completo, desde o cultivo do solo, sem a utilização de agrotóxicos e em harmonia com o ambiente natural. Compreende desde o pequeno produtor rural e a comunidade onde este está inserido, até o consumidor final. E como resultado da produção sustentável o consumidor final terá às mãos um produto de orgânico de qualidade e que em sua produção, contribui com o ambiente natural.

## **5.2 Alimentos orgânicos**

Ao analisar o cenário mundial, percebe-se que há um crescimento na busca por uma melhor qualidade de vida, uma vida mais saudável, principalmente nos últimos vinte anos. Na tentativa de evitar o consumo de agrotóxicos, comumente empregados nos sistemas de cultivo tradicionais a procura por alimentos orgânicos vêm crescendo.

Há um mercado potencial para os produtos orgânicos, uma vez que existe resistência de uma parcela da população em manter a aquisição e consumo de alguns alimentos convencionais, como

tomate, morango e batata, cujo cultivo reconhecidamente envolve o emprego de substanciais quantidades de adubos sintéticos e pesticidas. (BORGUINI e TORRES, 2006, pg. 65)

Com a demanda por produtos orgânicos crescendo é necessário que a produção cresça em paralelo e há também a necessidade de se regulamentar a produção para que se possa garantir a origem e qualidade do produto. Ao considerar a perspectiva Nacional, segundo os dados do Censo Agropecuário do IBGE, o número de produtores rurais com a certificação da sua produção orgânica cresceu mais de 1000% no Brasil, saltando de 5.106 para 68.716 entre os anos de 2006 a 2017.

O que tem atraído um número cada vez maior de pessoas a consumir alimentos orgânicos é o modo de cultivo desses alimentos. Isso se dá porque os alimentos orgânicos tem por característica essencial não contar com nenhum tipo de pesticida e/ou implementos para o solo de origem química. Todo o trato com a terra como por exemplo o controle de pragas e a adubagem do solo, até a colheita do produto, é feita com produtos naturais, já que se integra intrinsecamente à alma da agroecologia a produção segue muitos de seus padrões de produção, a utilização de adubos verdes e a presença da multicultura são exemplos.

Por fim entende-se que o mercado de produtos orgânicos tende a um crescimento ainda maior daqui para a frente. Sendo assim, pode tomar papel importante no desenvolvimento sustentável da produção, uma vez que a proposta busca atender os aspectos econômicos, sociais e ambientais no seu método de produção. A partir da proposta serão necessários mais empregos; mercado em ascensão necessitando de produtos de qualidade e procedência, portanto gira a economia; por último não faz uso de agrotóxicos, portanto ajuda na obtenção de um meio ambiente sustentável. Neste caso, empregar na proposta, Nonna Lourdes, a produção orgânica pode ser de grande valia, seja na geração de renda e também na qualidade dos produtos, alimentos e atividades de lazer que o hotel oferecerá à seus hóspedes e trabalhadores.

### 5.3 ODS

No ano de 2015, na reunião de comemoração do septuagésimo aniversário da Organização das Nações Unidas (ONU), foram anunciadas por esta os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Esses objetivos fazem parte da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, que foi adotada por todos os 193 países membros da Organização das Nações Unidas. Segundo a ONU os ODS:

[...] buscam concretizar os direitos humanos de todos e alcançar a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres e meninas. Eles são integrados e indivisíveis, e equilibram as três dimensões do desenvolvimento sustentável: a econômica, a social e a ambiental (ONU, 2015, texto digital).

Os ODS foram criados a partir do retorno positivo dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), promovido entre 2000 e 2015. No total os ODS são dezessete itens que somados abrangem todas as esferas do desenvolvimento. Ainda fazem parte desses objetivos as preocupações com a igualdade de gênero, acabar com a fome, acabar com a pobreza, disseminação de meios de produção sustentáveis e renováveis, entre outros.

Figura 13: Dezessete Objetivos de Desenvolvimento Sustentável



Fonte: <http://www.valedosvinhedos.com.br/vale/index.php>

Em sua cartilha de respostas a ONU (2018) caracteriza, de forma resumida, os dezessete ODS e suas objetividades.

**ODS 1- Erradicação Da Pobreza:** Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares.

**ODS 2 - Fome Zero E Agricultura Sustentável:** Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável.

**ODS 3 - Saúde E Bem Estar:** Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades.

**ODS 4 - Educação De Qualidade:** Assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.

**ODS 5 - Igualdade De Gênero:** Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.

**ODS 6 - Água Limpa E Saneamento:** Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos.

**ODS 7 - Energia Limpa E Acessível:** Assegurar a todos o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia.

**ODS 8 - Trabalho Decente E Crescimento Econômico:** Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos.

**ODS 9 - Indústria, Inovação E Infraestrutura:** Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação.

**ODS 10 - Redução Das Desigualdades:** Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles.

**ODS 11 - Cidades E Comunidades Sustentáveis:** Tornar as cidades e assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis.

**ODS 12 - Consumo E Produção Responsáveis:** Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis.

**ODS 13 - Ação Contra A Mudança Global Do Clima:** Tomar medidas urgentes para combater a mudança do clima e os seus impactos.

**ODS 14 - Vida Na Água:** Conservar e usar sustentavelmente os oceanos, mares e os recursos marinhos, para o desenvolvimento sustentável.

**ODS 15 - Vida Terrestre:** Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra, e deter a perda da biodiversidade.

**ODS 16 - Paz, Justiça E Instituições Eficazes:** Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis.

**ODS 17 - Parcerias E Meios De Implementação:** Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável (ONU, 2018, pg. 7-9)

Perceber-se que o objetivo dos ODS é a resposta ao desenvolvimento mundial desenfreado. Desta forma, mune-se de diretrizes para que se possa balizar esse desenvolvimento na direção de um futuro melhor para as pessoas e para o planeta. Os ODS sendo parâmetros mundiais para o desenvolvimento sustentável, podem e devem ser empregados em âmbito mundial a partir da escala micro, como por exemplo, a partir do pequeno produtor rural.

### **5.3.1 ODS e o Nonna Lourdes**

A intenção primordial da proposta sempre esteve ligada a ideia de desenvolvimento sustentável, tendo em vista a região de implantação e o trabalho dos produtores rurais, bem como as potencialidades turísticas, importantes ao desenvolvimento econômico. Assim, a proposta contempla algumas metas dos ODS.

A proposta demandará de um volume grande de mão-de-obra, devido ao número elevado de atividades propostas para programa de necessidades. O objetivo é que a demanda de mão-de-obra seja abastecida com a contratação de trabalhadores oriundos da comunidade e região. O **ODS 1** e **ODS 8**, são contemplados com criação de novos postos de trabalho e remuneração adequada, pois acarretará na diminuição da pobreza e no crescimento econômico na região.

Uma das atividades propostas para o Hotel, é a produção de alimentos orgânicos. Os produtos cultivados de forma orgânica, além de não causarem danos ao o ambiente em seu entorno, são livres de agrotóxicos e apresentam de maior qualidade. O excedente da produção será distribuído entre os moradores da comunidade local. Os refugos, produtos sem condições de serem consumidos, serão direcionados para a compostagem, onde serão

utilizados para a confecção de adubos “verdes” ou servirão de comida para os animais. Desta forma, contempla-se o **ODS 2**, “Fome zero e agricultura sustentável”, **ODS 3**, “Saúde e bem estar”, e também ODS 12 “Consumo e produção sustentável”.

Os **ODS 4**, **ODS 5** e **ODS 10**, são contemplados com a implementação de programas de treinamento e aprendizagem para os trabalhadores. Esses programas têm por ideal capacitar os moradores locais para o trabalho no Hotel, promovendo a conscientização quanto à igualdade de gênero.

A utilização da água terá como base o tratamento e reaproveitamento de água da chuva. A utilização de amenidades e produtos de limpeza biodegradáveis tem papel fundamental no reaproveitamento das águas cinzas. As águas negras terão como alternativa para o tratamento, tanques de evapotranspiração<sup>1</sup>. Assim, fazendo um uso racional e sustentável da água, é possível de se atingir o **ODS 6** e o **ODS 14**.

A principal fonte de energia da proposta será proveniente do Sol. Como a posição solar do terreno proposto é vantajosa, a utilização de painéis fotovoltaicos será uma fonte eficiente de energia. Através da energia solar, além de ser uma fonte de energia sustentável e limpa, os custos de operação do hotel diminuem. A água quente necessária, será gerada a partir da utilização de painéis de aquecimento solar. Assim, amparando o **ODS 7** e o **ODS 9**.

A comunidade local tem papel importante para a proposta. Através de um conjunto de parcerias entre os moradores da comunidade e o Hotel, atende-se o **ODS 11** e o **ODS 17**. As parcerias visam o crescimento e fortalecimento da comunidade e região. O intuito dessas parcerias seria fornecimento, por parte dos moradores locais, além da mão-de-obra, o

---

<sup>1</sup> O Tanque de Evapotranspiração (TEvap) é um sistema de tratamento e reaproveitamento dos nutrientes do efluente proveniente do vaso sanitário(EMATER, 2013, pg 2) Como funciona: [http://www.emater.mg.gov.br/doc/intranet/upload/DETEC\\_Ambientaltvap\\_com\\_defludio.pdf](http://www.emater.mg.gov.br/doc/intranet/upload/DETEC_Ambientaltvap_com_defludio.pdf).

fornecimento de produtos tais como queijos, leite, vinho, massas, carnes, insumos, entre outros.

O terreno da proposta atualmente apresenta parte de sua área coberta com mata nativa e parte sem vegetação, que está sendo utilizada hoje em dia como pastagem e lavoura. O objetivo implantar a proposta nas áreas onde não existe vegetação, para que não ocorra o corte, e nas áreas onde seja possível plantar novas árvores. Essas ações intentam um meio ambiente sustentável, amparando o **ODS 15** e o **ODS 17**.

Sendo assim, por meio das diretrizes mencionadas o Hotel Fazenda Nonna Lourdes poderá contribuir de forma positiva na criação de um ambiente sustentável social, econômica e ambientalmente.



## 6 Programa de necessidades

## 6 PROGRAMA DE NECESSIDADES

No processo da concepção de um projeto de arquitetura a criação do programa de necessidades é parte imprescindível. É a partir das informações organizadas nele e através dele, que se pode dar início ao processo de elaboração do projeto.

O propósito do programa é descrever as condições onde o projeto vai operar. Ao cumprir seu objetivo, o programa estabelece o problema ao qual a edificação projetada deverá responder. Além de ser um dos primeiros passos do processo de construção, o desenvolvimento do programa é uma atividade analítica (KOWATOWSKI; MOREIRA, 2008, pg32).

O programa de necessidades se materializa em preceitos aos quais o projeto tem por ordenamento seguir e as necessidades variam conforme a atividade proposta para a edificação. Assim, o programa de necessidades de edificações do setor hoteleiro tem especificidades deste ramo de atividade. As áreas básicas de um hotel são:

- Área de hospedagem – andar-tipo (apartamentos e suítes).
- Áreas públicas e sociais (lobby, salas de estar, sala de TV sala de leitura, restaurantes, bares, salão de eventos, etc.).
- Áreas administrativas (recepção, gerências, reservas, marketing, contabilidade, recursos humanos, etc.).
- Áreas de serviço (lavanderia, vestiários, manutenção, depósitos, etc.).
- Áreas de alimentos e bebidas (recebimento, pré-preparo, câmaras frigoríficas, almoxarifado, cozinha principal, cozinha de banquetes, etc.).
- Áreas de equipamentos (central de medição, grupo motor-gerador, casa de bombas de recalque, caldeiras, etc.).
- Áreas recreativas (quadras de esportes, campo de golfe, piscinas, parque aquático, marinas, etc.) (JORGE et al, 2007, pg 91).

No entanto, mesmo sendo essas áreas básicas um apanhado geral, há variações entre os diferentes tipos de hotéis. Wehbe destaca, em material criado para o SEBRAE, as áreas consideradas importantes em um hotel fazenda. São elas:

- a) Área social** – Lobby, portaria/recepção, sanitário masculino/feminino.
- b) Área de Lazer Internas/Integradas** - Salas de estar/ leitura, sala de TV, sanitários masculino e feminino, bar, vestiários, piscina adulto, piscina infantil, quadras de esportes, salão de jogos, restaurante, bar molhado.
- c) Área de Lazer externa** - Arborismo, trilhas ecológicas, matas nativas, lagoas, riacho para pescaria, equitação, carro de boi, dentre outros.
- d) Administrativo** - Balcão de recepção, balcão de informações, caixas, depósito de bagagem, sala de espera e secretaria
- e) Hospedagem** - Apartamentos standard, suítes, dentre outros
- f) Cozinha [...]**
- g) Lavanderia** - Área de recebimento e triagem, lavanderia, depósito de roupa limpa, passandaria (WEHBE, 2019, pg 9-10)

Compreende-se, portanto, que o programa de necessidades de um hotel fazenda deve conter as áreas básicas comum a todos os hotéis. No entanto, aliadas a estas áreas devem estar as atividades que são singulares dessa categoria de hotel. Dentre estas diferenças destacam-se as atividades oferecidas ao ar livre.

A intenção é que o Nonna Lourdes se enquadre nos parâmetros de classificação do SBClass (Sistema Brasileiro de Classificação de Meios de Hospedagem), como um hotel quatro estrelas através da Portaria Ministerial Nº 100/2011, do Ministério do Turismo. Sendo assim deve seguir requisitos mínimos para a obtenção de tal classificação.

A infraestrutura e serviços, resumo da portaria acima citada, necessários para a classificação de hotel fazenda quatro estrelas:

- Serviço de recepção aberto por 24 horas
- Serviço de guarda dos valores dos hóspedes
- Berço para bebês, a pedido
- Facilidades para bebês (cadeiras altas no restaurante, facilidades para aquecimento de mamadeiras e comidas, etc)
- Serviço de refeições leves e bebidas nos quartos (*room service*) no período de 12 horas
- Troca de roupas de cama e banho diariamente
- Duas amenidades, no mínimo, em 100% das UH

- Serviço de lavanderia
- Sala de estar com televisão
- Televisão em 100% das UH
- Acesso à *internet* nas áreas sociais
- Mesa com cadeira em 100% das UH
- Instalações para recreação de crianças
- Piscina
- Salão de jogos
- Estrutura esportiva disponível para os hóspedes (por exemplo: campo de futebol, quadra poliesportiva, peteca, voleibol, etc)
- Culturas diversas (pomar, horta, flores, etc)
- Instalações para criação de animais (piscicultura, caprinocultura, bovinocultura, avicultura, etc)
- Instalações para beneficiamento de produtos agropecuários
- Trilhas demarcadas (para caminhada, observação de pássaros, etc)
- Oferecer serviços típicos (cavalgada, focagem, observação de pássaros, passeios de carroça, ciclismo, observação da fauna e flora, participação em colheitas, ordenhas e trato de animais, etc)
- Minirrefrigerador em 100% das UH
- Climatização (refrigeração/calefação) adequada em 100% das UH
- Serviço de alimentação disponível para café da manhã, almoço e jantar
- Serviços diferenciados para crianças (cardápio, sinalização específica, etc)
- Bar
- Restaurante
- Área de estacionamento
- Medidas permanentes para redução do consumo de energia elétrica e de água
- Medidas permanentes para o gerenciamento de resíduos sólidos, com foco na redução, reuso e reciclagem
- Monitoramento das expectativas e impressões dos hóspedes em relação aos serviços ofertados, incluindo pesquisas de opinião, espaço para reclamações e meios para solucioná-las
- Programa de treinamento para empregados
- Medidas permanentes de sensibilização para os hóspedes em relação à sustentabilidade
- Medidas permanentes para geração de trabalho e renda para a comunidade local
- Pagamento com cartão de crédito ou de débito (SBClass, texto digital)

## 6.1 Tabela de áreas

A programa de necessidades da proposta está dividido em sete setores, conforme as suas atividades. São eles: Setor Administrativo, Setor de Lazer, Setor Gastronômico, Setor de Suítes, Setor de Serviço, Setor de Cultivo e Manutenção e Setor de Animais.

O Setor Administrativo (Tabela 1) contém algumas das áreas sociais de uso comum, as áreas destinadas ao atendimento dos hóspedes, áreas da administração e gerência.

Tabela 1: SETOR ADMINISTRATIVO

Setor Administrativo						
Ambiente	Usuário/ quantidade	Atividade	Área(m <sup>2</sup> )	Uni.	Descrição	Total(m <sup>2</sup> )
Sala de Reuniões	Funcionários 5	Atividades administrativas	15	1	Mesa e cadeiras	15
Sala Gerência	Funcionários 2	Atividades administrativas	15	1	Sala destinada à administração	15
Copa	Funcionários 3	Apoio refeições funcionários	9	1	Copa para os funcionários da administração	9
Banheiros M/F	Hóspedes	Higienização hóspedes	2,5	2	Lavabo simples	5
Banheiros M/F	Funcionários	Higienização	2,5	2	Lavabo simples	5
Recepção/Porta ria	Funcionários 2	Serviços de recepção	20	1	Balcão de atendimento com computador	20
Lobby/Estar	Funcionários e Hóspedes 15	Serviços de recepção e estar	85	1	Área conjunta à recepção, com tv e wifi	85
Guarda de Bagagem	Funcionário 1	Guarda de bagagens	10	1	Carrinho para movimentação de bagagem	10
Acesso Coberto	Funcionários e Hóspedes	Acesso	20	1	Cobertura onde um carro possa parar	20
Estacionamento	Hóspedes e visitantes	Estacionamento	-	15	Vagas para estacionamento	-
<b>Total Setor</b>						<b>184</b>

Fonte: Autor (2020)

O Setor de Lazer (Tabela 2) contempla, como já refere, espaços destinados ao lazer e passatempo dos hóspedes. Este setor está distribuído entre áreas e atividades externas e internas.

Tabela 2: SETOR DE LAZER

Setor de Lazer						
Ambiente	Usuário/ quantidade	Atividade	Área(m²)	Uni.	Descrição	Total(m²)
Spa	Hóspedes 2	Massagens	25	1	Espaço com camas para massagem e acupuntura	25
Saunas F/M	Hóspedes 10	Saunas	15	2	Sauna para 12 pessoas	30
Piscina	Hóspedes	Área para banho	75	1	Piscina com área para crianças, menos profunda	75
Sala de jogos	Hóspedes 5	Sala com jogos	30	1	Pebolim, sinuca, cartas	30
Espaço Kids	Hóspedes 6	Área destinada às crianças	30	1	Brinquedos, videogames	30
Quadra de esportes	Hóspedes	Quadra de futebol 7	1269	1	Medida mínima oficial para futebol 7 (47X27m)	1269
Espaços para contemplação	Hóspedes 2	Contemplação da natureza	15	4	Áreas com para estar e contemplar a natureza	60
Trilhas ecológicas	Hóspedes	Trilhas distribuídas pela propriedade	-	-	-	-
Áreas de mata nativa	Hóspedes	Áreas preservadas de mata nativa	-	-	-	-
<b>Total Setor</b>						<b>250</b>

Fonte: Autor (2020)

O Setor Gastronômico (Tabela 3) desenvolve-se em torno da comida e bebida. Compreende as áreas destinadas ao paladar dos hóspedes, como restaurante, bar e vinícola. Está subdividido em três subsetores Setor Gastronômico 1 - Restaurante, Setor Gastronômico 2 - Bar e Setor Gastronômico 3 - Vinícola.

Tabela 3: SETOR GASTRONÔMICO 1 - Restaurante

Setor Gastronômico 1 - Restaurante						
Ambiente	Usuário/ quantidade	Atividade	Área(m²)	Uni.	Descrição	Total(m²)
Área de Mesas	Hóspedes, visitantes	Área de mesas para clientes	80	1	2m² por pessoa, 40 pessoas	80

Depósito de lixo	Funcionários 1	Depósito de lixo	5	1	Próximo ao acesso de serviço	5
Seleção de produtos	Funcionários 1	Triagem de produtos	7	1	Espaço com pia, para seleção e lavagem dos produtos	7
Depósito de frios	Funcionários 1	Depósito de carnes e frios	5	1	Câmara fria dividida em gelados e congelados	5
Depósito de alimentos	Funcionários 1	Depósito de alimentos em geral	5	1	Depósito de alimentos não perecíveis, prateleiras e armários	5
Vestiário F/M	Funcionários 1	Higienização e troca de roupas	4	2	Equipado com chuveiro, guarda-volumes e sanitário	8
Cozinha	Funcionários 4	Preparo das refeições	25	1	Fogões, fritadeiras, exaustão, separada em fria e quente	25
Administração	Funcionários 1	Gerência	10	1	Sala para gerência do restaurante somente	10
Bar/Caixa	Funcionários 2	Serviço de bebidas	10	1	Refrigeradores de bebida e caixa	10
Lavagem de louça	Funcionários 1	Lavagem de louça	5	1	Pia para lavagem da louça	5
Sanitários F/M	Hóspedes, visitantes	Higienização	2	2	Sanitário de uso exclusivo dos clientes	4
<b>Total Setor</b>						<b>164</b>

Fonte: Autor (2020)

Tabela 4: SETOR GASTRONÔMICO 2 - Bar

Setor Gastronômico 2 - Bar						
Ambiente	Usuário/quantidade	Atividade	Área(m <sup>2</sup> )	Uni.	Descrição	Total(m <sup>2</sup> )
Área de Mesas	Hóspedes 10	Área de mesas para clientes	20	1	Mesas e cadeiras	20
Depósito de lixo	Funcionários 1	Depósito de lixo	3	1	Próximo ao acesso de serviço	3
Copa	Funcionários 1	Preparo de bebidas e cafés	10	1		10
Balcão de atendimento	Funcionários 1	Atendimento clientes	7,5	1		7,5
<b>Total Setor</b>						<b>40,5</b>

Fonte: Autor (2020)

Tabela 5: SETOR GASTRONÔMICO 3 - Vinícola

Setor Gastronômico 3 - Vinícola						
Ambiente	Usuário/quantidade	Atividade	Área(m <sup>2</sup> )	Uni.	Descrição	Total(m <sup>2</sup> )
Recebimento e armazenamento	Funcionários 2	Recebimento e armazenam. de uva	30	1	Local para descarga e câmara fria	30

Área de desengaste da uva	Funcionários 4	Desengastadeira, separa os grãos de uva de folhas e cabos	15	1	Desengastadeira	15
Área para fermentação em tanques de inox	Funcionários 5	Fermentação de 6 a 18 meses	50	1	Tanques de inox, pé direito mínimo 6m	50
Área para fermentação em tanques de inox	Funcionários 5	Fermentação inicial de 7 a 15 dias	50	1	Tanques de inox, pé direito mínimo 6m	50
Área para fermentação em barris de carvalho	Funcionários 2	Fermentação de 6 a 18 meses	30	1	Espaço subterrâneo, sem luz e variação de temperatura	30
Área de engarrafamento	Funcionários 2	O vinho passa dos barris para as garrafas	20	1	O vinho passa dos barris para as garrafas	20
Cave	Funcionários 2	Envelhecimento nas garrafas	50	1	Espaço subterrâneo, sem luz e variação de temperatura	50
Depósito de garrafas	Funcionários 2	Depósito de garrafas vazias	25	1	Prateleiras de armazenagem das garrafas	25
Área para lavagem de garrafas	Funcionários 2	Lavagem antes do engarrafamento do vinho	15	1	Espaço próximo ao estoque das garrafas	15
Depósito de limpeza	Funcionários 1	Produtos de limpeza	5	1	Prateleiras de armazenagem dos produtos e ferramentas	5
Wine Garden	Hóspedes 10	Área para degustação de vinhos	30	1	Área destinada à apreciação de vinhos	30
Banheiro F/M	Funcionários	Higienização	2,5	2	Higienização	5
<b>Total Setor</b>						<b>325</b>

Fonte: Autor (2020)

O Setor da Suítes compreende a área das unidades de hospedagem e as áreas de imediato apoio a elas. As unidades estão divididas em dois subsetores Setor de Suítes 1 - Suítes simples e Setor de Suítes 2 - Suítes família.

Tabela 6: SETOR DE SUÍTES 1 – Suítes Simples

Setor de Suítes 1 - Suíte Simples (14 unidades)						
Ambiente	Usuário	Atividade	Área(m²)	Uni.	Descrição	Total(m²)
Área de camas	Hóspede 2	Área para dormir	22	1	Unidades para duas pessoas	22
Área de estar	Hóspede 2	Estar	8	1	Poltronas e televisão	8
Banheiro	Hóspede	Banheiro	4,5	1	Banheiro completo, com chuveiro	4,5

Guarda roupa e volumes	Hóspede	Guarda volume, roupas e cofre	3	1	Guarda roupas, espaço para malas e cofre	3
Varanda	Hóspede 2	Área aberta	5	1	Área aberta anexa ao estar	5
Área técnica	Funcionário 1	Boiler, aquecedor de água, painel elétrico	1	1	Espaço para manutenção, com acesso somente externo	1
<b>Total da unidade</b>						<b>43,5</b>
<b>Total setor</b>						<b>609</b>

Fonte: Autor (2020)

Tabela 7: SETOR DE SUÍTES 2 – Suítes Simples

Setor de Suítes - Suíte Família (3 unidades)						
Ambiente	Usuário	Atividade	Área(m <sup>2</sup> )	Uni.	Descrição	Total(m <sup>2</sup> )
Dormitório Casal	Hóspede 2	Área para dormir	12	1	Dormitório para duas pessoas, cama de casal	12
Dormitório Solteiro	Hóspede 3	Área para dormir	12	1	Dormitório para três pessoas	12
Área de estar	Hóspede 5	Estar	10	1	Poltronas e televisão	10
Banheiro	Hóspede	Banheiro	4,5	2	Banheiros completos com chuveiro, um deles na suíte do casal	9
Guarda roupa e volumes	Hóspede	Guarda volume, roupas e cofre	3	1	Guarda roupas, espaço para malas e cofre	3
Varanda	Hóspede 3	Área aberta	5	1	Área aberta anexa ao estar	5
Área técnica	Funcionário 1	Boiler, aquecedor de água, painel elétrico	1	1	Espaço para manutenção, com acesso externo	1
<b>Total da unidade</b>						<b>52</b>
<b>Total setor</b>						<b>156</b>

Fonte: Autor (2020)

O Setor de Serviço contempla o escopo de atividades operacionais do hotel, áreas técnicas áreas dos funcionários, parte das áreas técnicas e depósitos.

Tabela 8: SETOR DE SERVIÇO

Setor de Serviço						
Ambiente	Usuário/ quantidade	Atividade	Área(m <sup>2</sup> )	Uni.	Descrição	Total(m <sup>2</sup> )
Vestiário F/M	Funcionários 3	Troca de vestuário	10	2	Área anexa aos banheiros, com chuveiros	20

Banheiro F/M	Funcionários	Higienização Funcionários	10	2	Área anexa aos vestiários	20
Estar	Funcionários 8	Sala de descanso funcionários	20	1	Sofás e televisão	20
Lavanderia	Funcionários 4	Lavagem de roupas e roupas de cama	60	1	Máquinas de lavar, secar, carrinhos para transporte de roupas	60
Cozinha e refeitório	Funcionários 8	Refeição de funcionários	60	1	Mesas, cadeiras e cozinha completa	60
Sala multiuso/eventos	Hóspedes e Funcionários	Disponível para eventos	75	1	Sala com cadeiras e mesas, 43 pessoas	75
Depósito de roupas	Funcionários 1	Depósito de roupas limpas	10	1	Depósito de roupas de cama e uniformes limpos	10
Depósito de reposição	Funcionários 1	Depósito de itens para frigobar	15	1	Depósito de itens não perecíveis para reposição nos frigobares	15
Depósito de limpeza	Funcionários 1	Depósito produtos de limpeza	10	1	Prateleiras de armazenagem dos produtos e ferramentas	10
Depósito de bicicletas	Funcionários 1	Bicicletas para aluguel	25	1	Local para armazenamento das bicicletas	25
Caldeira	Funcionários 1	Caldeira elétrica	25	1	Caldeira elétrica, abastece os setores de lazer e serviço	25
Central de gás	Funcionários	Gás	10	1	Área externa à edificação, paredes de 25cm	10
<b>Total Setor</b>						<b>350</b>

Fonte: Autor (2020)

O Setor de Cultivo e Manutenção (Tabela 9) compõe a área de produção agrícola, áreas de depósito de maquinário e uma pequena oficina para manutenção de maquinários e do hotel. As atividades de produção e cultivo contemplam o cultivo de hortifrutigranjeiros, pomar, parreiral e área para compostagem.

Tabela 9: SETOR DE CULTIVO E MANUTENÇÃO

Setor de Cultivo e Manutenção						
Ambiente	Usuário quantidade	Atividade	Área(m²)	Uni.	Descrição	Total(m²)
Depósito de maquinário	Funcionário 2	Estoque de ferramentas	50	1		50
Depósito de adubo	Funcionário 2	Armazenamento de adubo	30	1	Área para depósito	30

Depósito de mudas	Funcionário 2	Armazenamento de mudas	20	1	Prateleiras para armazenamento, 20cm entre elas	20
Estoque de produção	Funcionário 2	Armazenamento de produção	50	1	Prateleiras para estoque	50
Beneficiamento da produção	Funcionário 2	Limpeza e seleção dos produtos	20	1	Local para seleção da produção	20
Fabricação de geleias e chimias	Funcionário 3	Confecção de geleias e chimias	30	1	Fogões, tachos e pia	30
Central de gás	Funcionário	Armazenamento de gás	5	1	Área externa à edificação, paredes de 25cm	5
Oficina de manutenção	Funcionário 1	Reparo de ferramentas e equipamentos	20	1	Equipamentos para reparo de ferramentas	20
Área de compostagem	Funcionário 2	Área para confecção de adubo orgânico	250	1	Área de espaço aberto	250
Banheiro	Funcionário	Higienização	2	2	Lavabo	4
Pomar	Funcionário	Cultivo	-	-	Cultivo de frutas	-
Parreiral	Funcionário	Cultivo	-	-	Cultivo de uva	-
Outros cultivos	Funcionário	Cultivo	-	-	Cultivos diversos	-
<b>Total Setor</b>						<b>229</b>

Fonte: Autor (2020)

O Setor de Animais (tabela 10) traz uma lista de animais, os quais serão criados, em pequena quantidade, no hotel para o convívio dos hóspedes.

Tabela 10: SETOR DE ANIMAIS

Setor de Animais						
Ambiente	Usuário/ quantidade	Atividade	Área(m <sup>2</sup> )	Uni.	Descrição	Total(m <sup>2</sup> )
Depósito de ração	Funcionário 2	Depósito	100	1	Estoque de ração, pasto seco, silagem.	100
Alojamento de animais	Hóspede, funcionário 2	Abrigo	35	5	Local para abrigo dos animais, divididos em baias	175
Área de pastagem	Hóspede, funcionário	Comida	-	-	-	-
<b>Total setor</b>						<b>275</b>

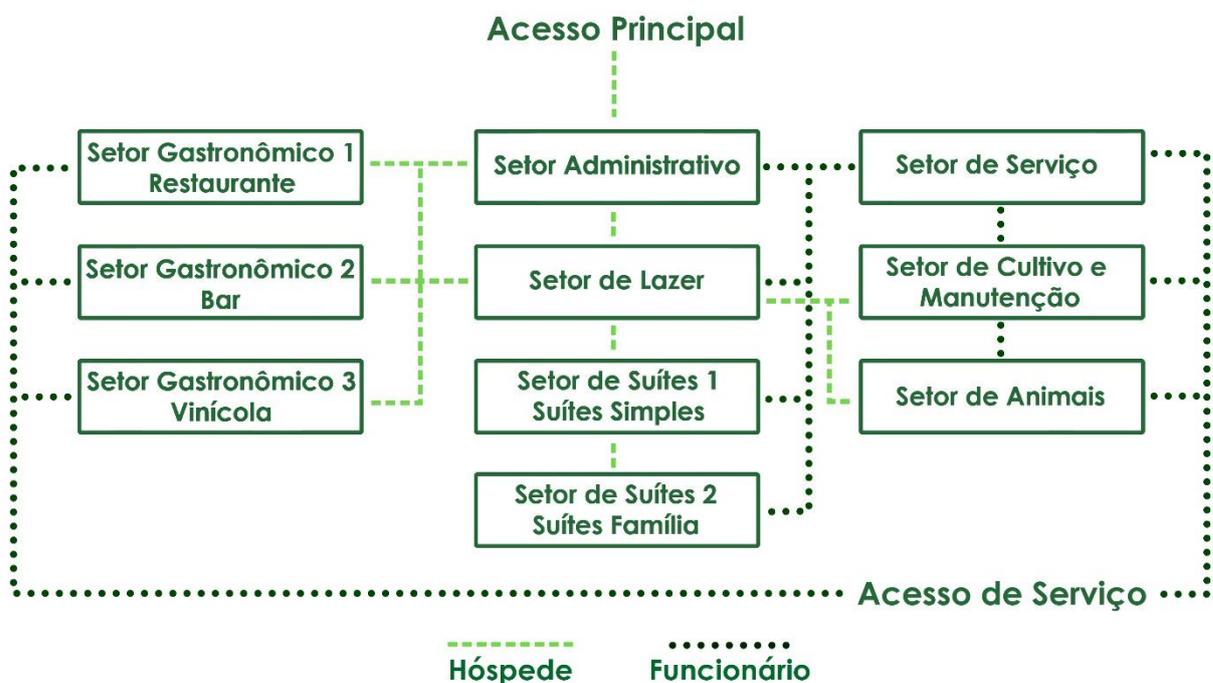
Fonte: Autor (2020)

A área total da proposta, proveniente da soma das áreas de todos os setores chegou a 2582,5m<sup>2</sup>. Na soma das áreas não estão contabilizadas as áreas ao ar livre, como por exemplo as trilhas, áreas de mata, áreas de cultivo e quadra de esportes.

### 6.3 Fluxograma

O fluxograma demonstra as relações entre os diferentes setores da proposta. Demonstra também a divisão entre o que pode ser acessado pelos hóspedes e o que é de uso dos funcionários.

Figura 14: Fluxograma de setores



Fonte: Autor (2020)



## 7 Área de intervenção

## 7 ÁREA DE INTERVENÇÃO

Neste capítulo serão expostas as informações sobre a área de intervenção onde a proposta será inserida. Serão abordadas as informações pertinentes sobre a cidade, o terreno e as condicionantes legais referentes ao local.

### 7.1 A cidade

O terreno da proposta está inserido na localidade de Linha Müller, cidade de Farroupilha. A cidade de Farroupilha está localizada na região serrana do estado do Rio Grande do Sul, região denominada Serra Gaúcha, nordeste do Estado. Farroupilha dista cerca de 110km da capital gaúcha, Porto Alegre.

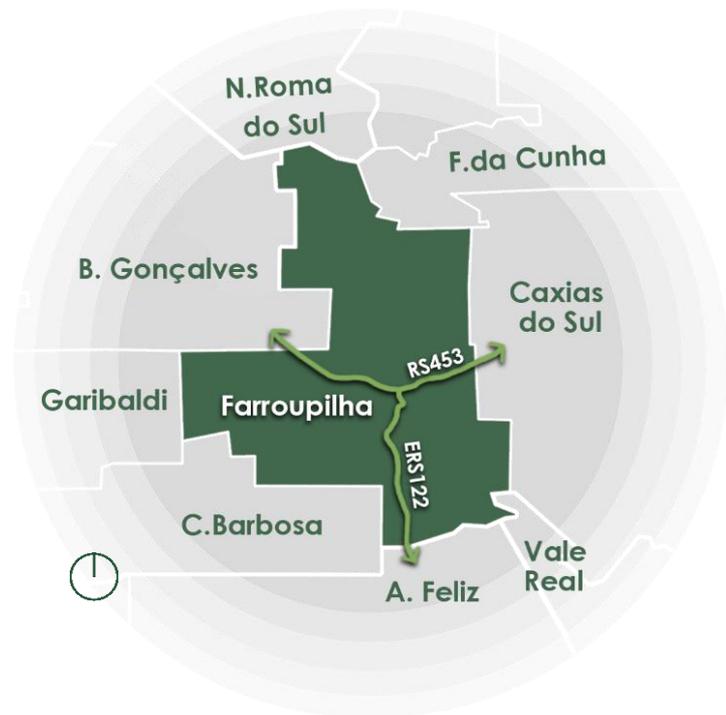
Figura 15: Mapa do Brasil, Rio Grande do Sul e Serra Gaúcha.



Fonte: Autor (2020)

A cidade de Farroupilha faz divisa com as cidades de Caxias do Sul, Flores da Cunha, Nova Roma do Sul, Bento Gonçalves, Garibaldi, Carlos Barbosa, Alto Feliz e Vale Real, sendo parte da microrregião de Caxias do Sul.

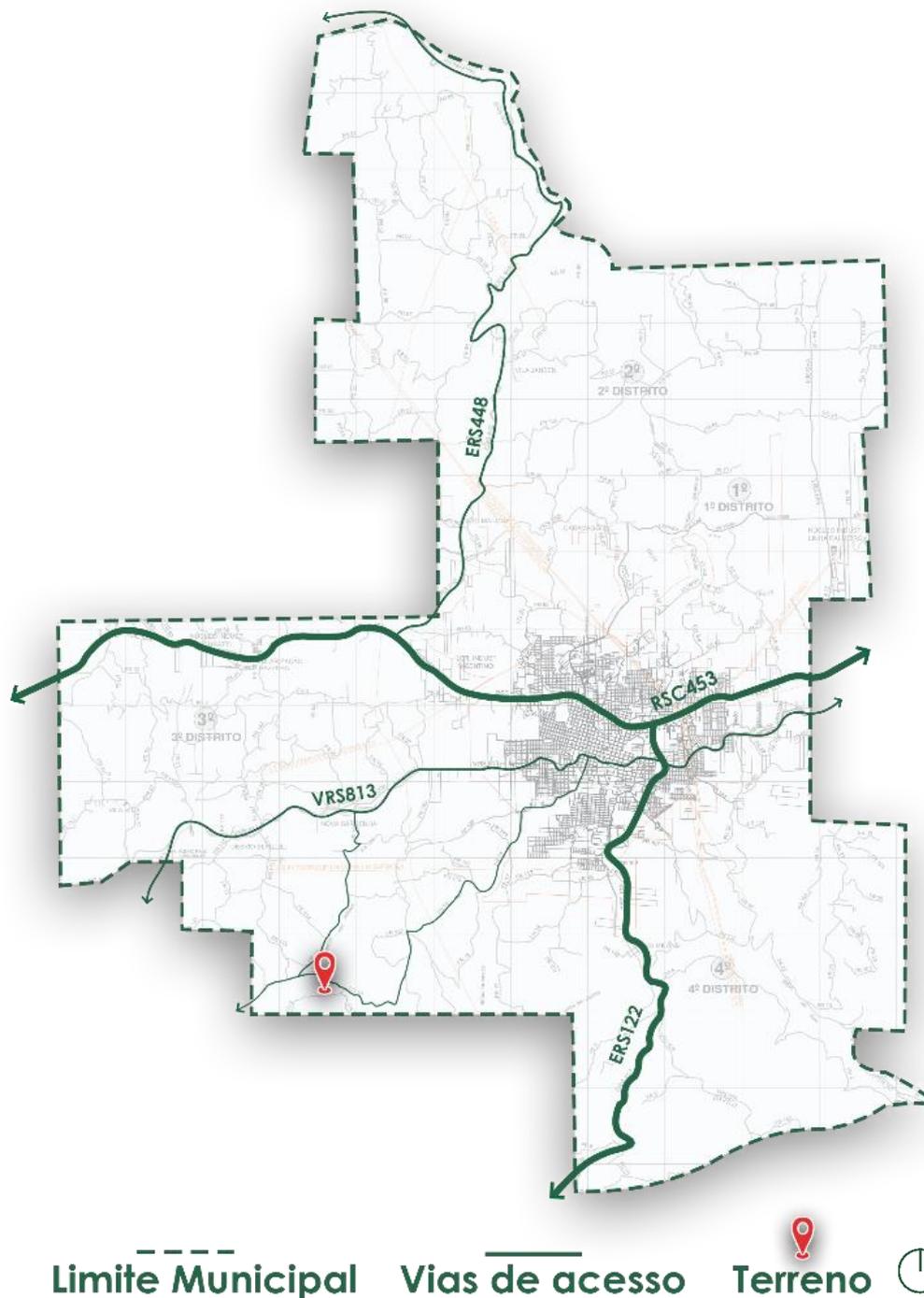
Figura 16: Mapa de cidades vizinhas.



Fonte: Autor (2020).

A principal forma de acesso à cidade é por meio da rodovia RS453, conhecida como Rota do Sol e a pela rodovia ERS122, que tem início a partir da RS453 e faz a principal ligação entre Farroupilha e Porto Alegre. A principal ligação de Farroupilha com as cidades de Carlos Barbosa e Garibaldi é feita através da VRS813, via de menor porte, porém bastante utilizada para este trajeto.

Figura 17: Mapa vias de acesso.

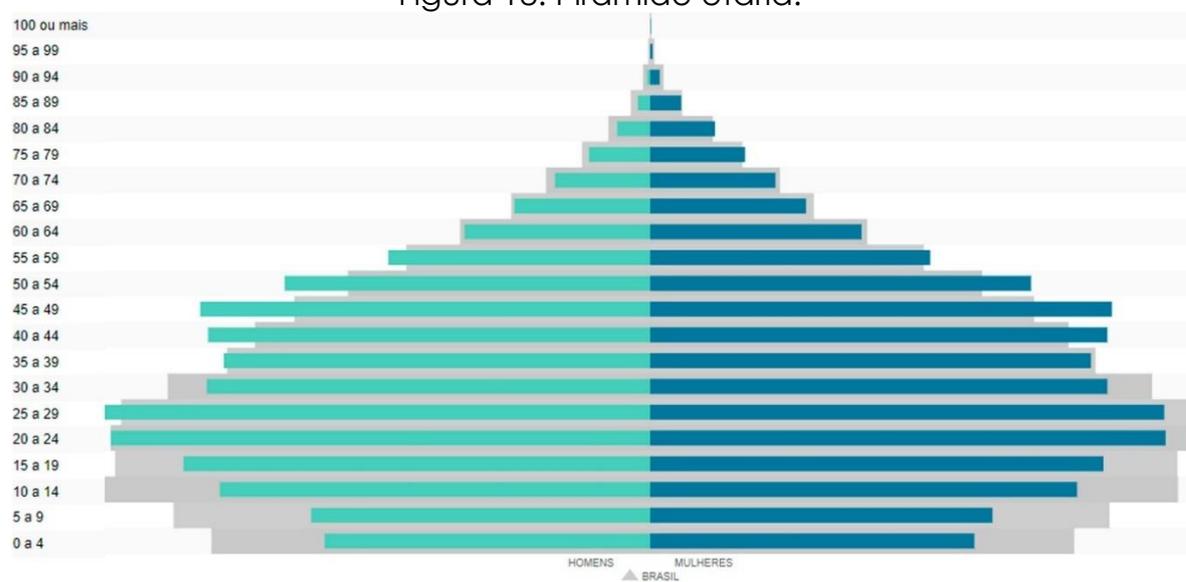


Fonte: Autor (2020)

Segundo dados do IBGE no ano de 2019 o território do município apresenta área total de 361,483km<sup>2</sup>, o segundo maior município da microrregião em extensão territorial. Com base no censo de 2010 a estimativa

do IBGE é que a população da cidade de Farroupilha para o ano de 2019 seja de 72.331 habitantes e apresentava um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,777, dentro da faixa de Desenvolvimento Humano Alto. Ainda com base no mesmo censo, a densidade demográfica da cidade é de 176,57 habitantes por quilômetro quadrado. Ao se analisar a pirâmide etária da cidade percebe-se que a maior parte da população, de ambos os sexos, estão entre as idades de 20 a 49 anos, com número mais expressivo entre as idades de 20 a 29 anos.

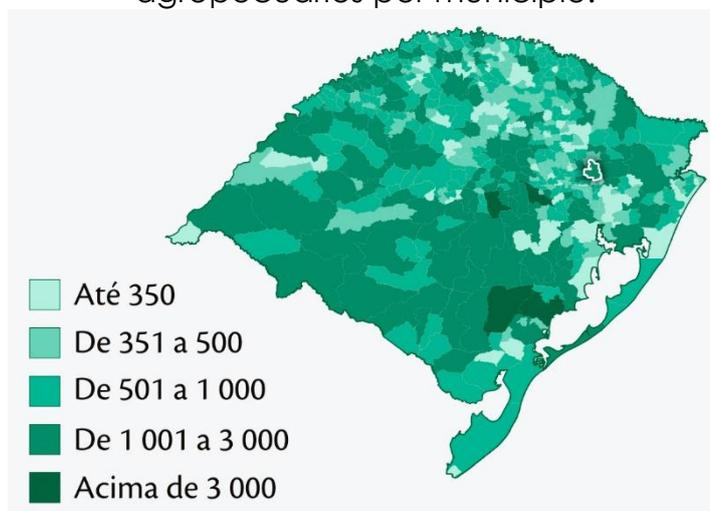
Figura 18: Pirâmide etária.



Fonte: IBGE, 2010.

A economia do município baseia-se em setores variados entre eles as indústrias do setor metalomecânico, têxtil, comércio varejista de vestuário e a agricultura. Segundo o IBGE no Censo Agro (2017) Farroupilha se encaixa na faixa dos municípios que têm entre 1001 a 3000 estabelecimentos agropecuários, conforme a figura X. Dentre estes destaca-se a exploração do cultivo de uva para fabricação de sucos, vinhos e espumantes, a produção de hortifrutigranjeiros e a criação de gado leiteiro.

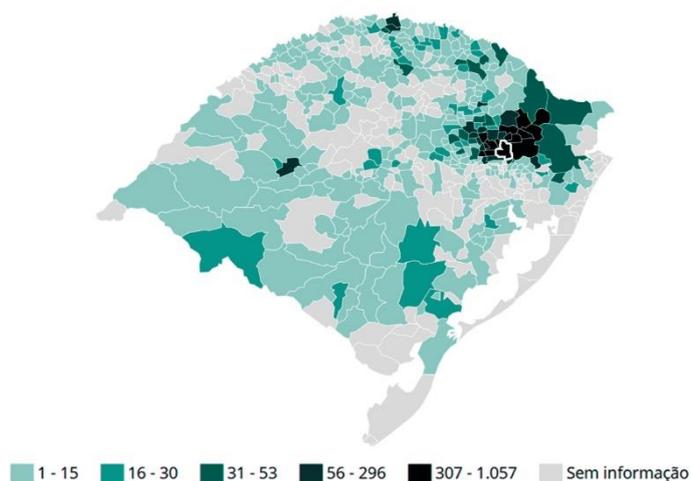
Figura 19: Número de estabelecimentos agropecuários por município.



Fonte: IBGE (2017) com alterações do autor.

Está localizada em uma região meio aos principais produtores de uva para suco e vinho do Estado, como demonstra a figura 19. É conhecida como a Capital Nacional do Moscatel. Da produção do município destaca-se a uva para a fabricação de uva e vinho. Contabiliza 827 estabelecimentos produtores, figura como quarto maior município do Estado em número de produtores.

Figura 20: Número de estabelecimentos produtores de uva por município.



Fonte: IBGE (2017) com alterações do autor.

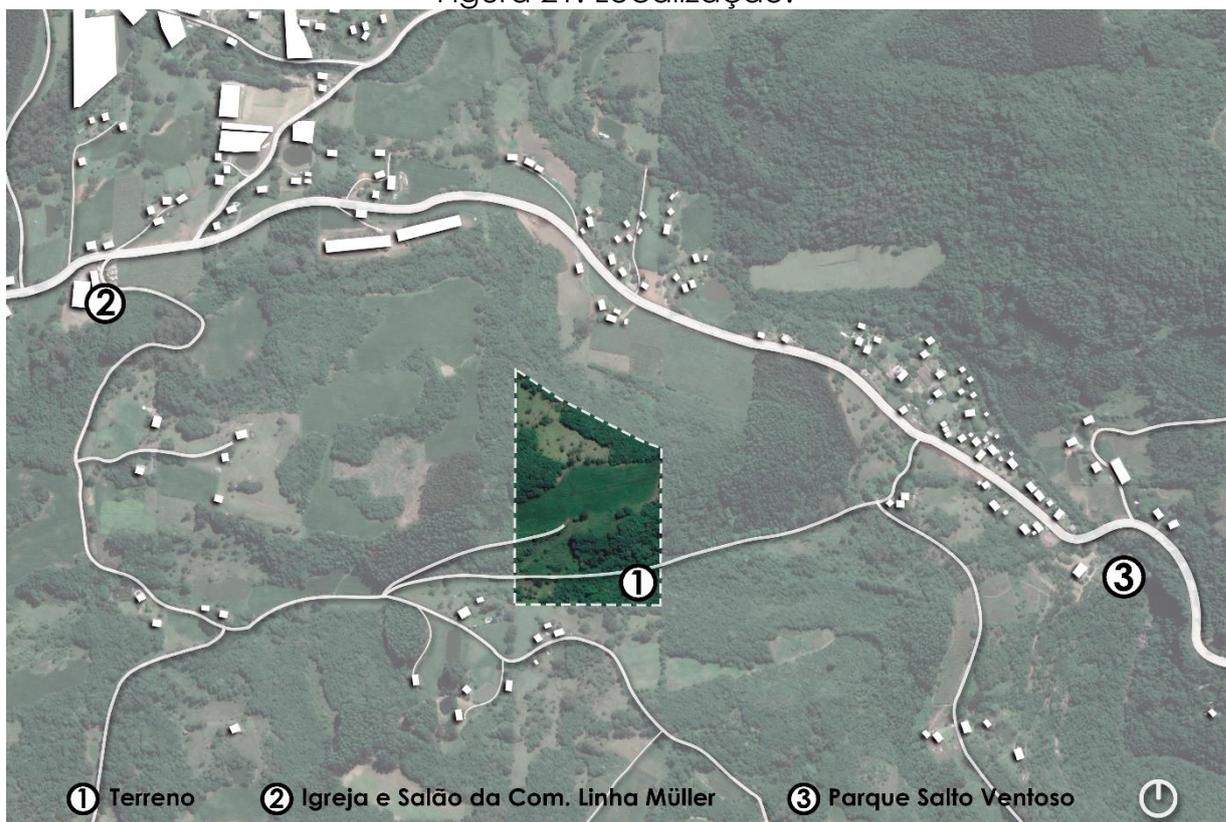
Está presente também no ranking dos municípios com a maior quantidade de uva produzida. O total de toneladas de uva para suco e vinho produzidas em todo o Estado foi de 755.879. Deste total a produção de

Farroupilha foi de 64.881 toneladas, que corresponde a 8,58% de toda a produção do Estado.

## 7.2 O terreno

O terreno selecionado para a proposta está inserido há 12km do centro urbano de Farroupilha, na comunidade de Linha Müller, zona rural da cidade. A comunidade de Linha Müller fica na borda sudoeste do território municipal, área limítrofe entre Farroupilha e a cidade de Carlos Barbosa. O terreno está próximo a um dos pontos turísticos mais visitados em Farroupilha, o Parque Salto Ventoso, distando aproximadamente 1km do parque. Fica próximo também da igreja e do salão da comunidade aproximadamente 2km.

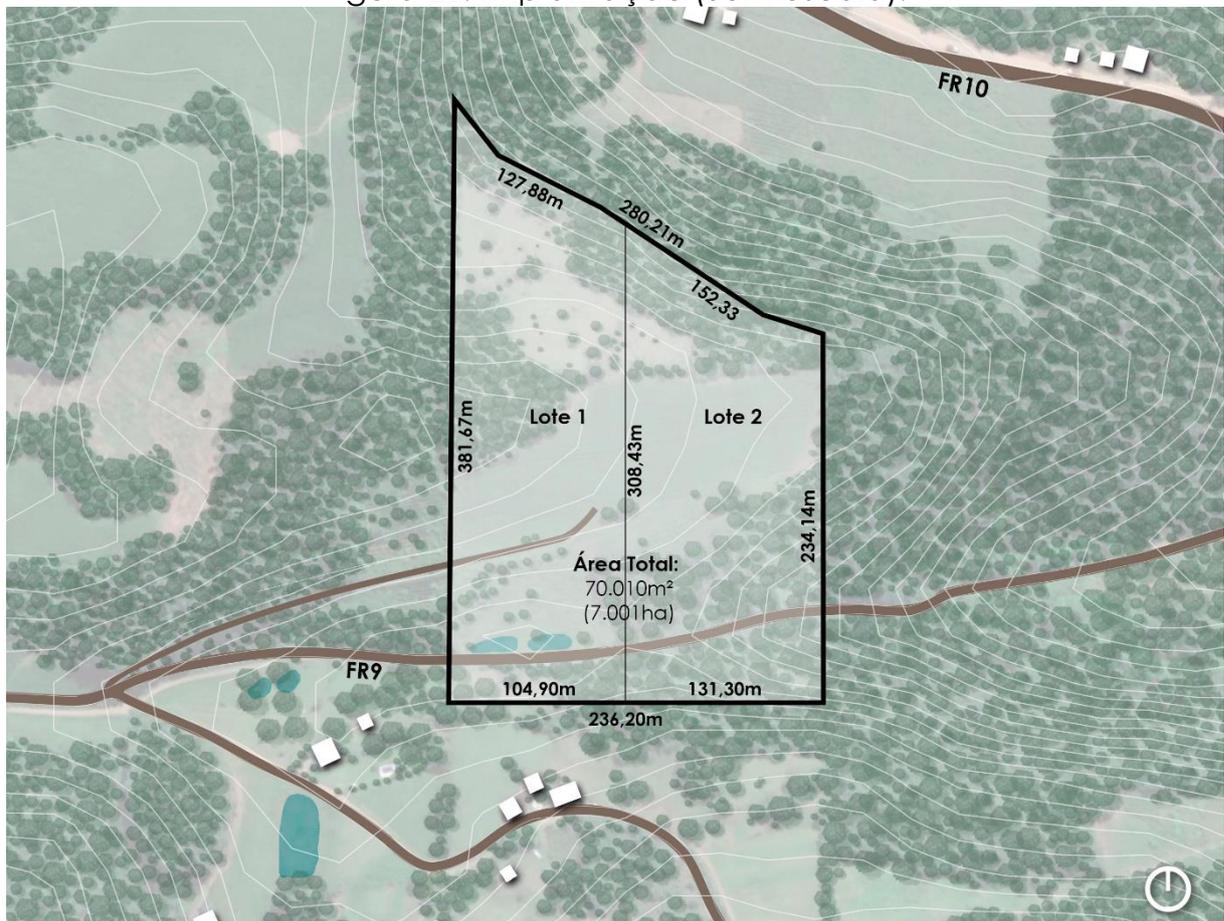
Figura 21: Localização.



Fonte: Google Maps, com alterações do autor (2020).

O terreno é composto por duas áreas de terra que apresentam desenhos diferentes, porém com a mesma área de 35.005m<sup>2</sup> ou 3,5005ha. A área total, resultante da soma das duas áreas anteriores, é de 70.010m<sup>2</sup> ou 7,001ha.

Figura 22: Implantação (Sem escala).



Fonte: autor 2020.

Figura 23: Vista direção Norte.



Fonte: Autor (2020).

Figura 24: Vista direção Sul.



Fonte: Autor (2020).

Figura 25: Vista direção Leste.



Fonte: Autor (2020).

Figura 26: Vista direção Oeste.



Fonte: Autor (2020).

O acesso ao terreno pode ser feito através de duas estradas que passam pelo terreno. A estrada principal FR9, por onde passa o fluxo de veículos e interliga o terreno à estrada geral da comunidade FR10, atravessa o terreno no ponto da cota mais baixa. O acesso ao restante do terreno por essa

estrada torna-se difícil devido à topografia do terreno que nesta parte é bastante íngreme, não sendo possível acessar o terreno com veículos por ela.

Figura 27: Estrada de acesso FR9.



Fonte: Autor (2020).

Figura 28: Vista da topografia.



Fonte: Autor (2020).

O outro acesso pode ser feito através da outra estrada que chega ao terreno, sem denominação, de menor porte e serve apenas para interligar os lotes à FR9. Ela tem início na FR9 e termina no interior do Lote 01, próximo ao centro da área, onde a topografia é menos acidentada e o acesso de veículos e pedestre se torna mais fácil. Sendo assim, a estrada é o melhor modo de se ter acesso ao terreno.

Figura 29: Estrada de acesso.



Fonte: Autor (2020).

A topografia do terreno é irregular e apresenta grandes declividades, para as direções Norte e Sul. Da cota mais baixa do terreno até o topo do terreno, na cota mais alta, há uma diferença de 45m de altitude, como é possível de ver na Implantação (figuras 22). Na parte mais baixa do terreno que está próxima ao terreno há a presença de água, é onde estão localizados os dois açudes presentes no terreno.

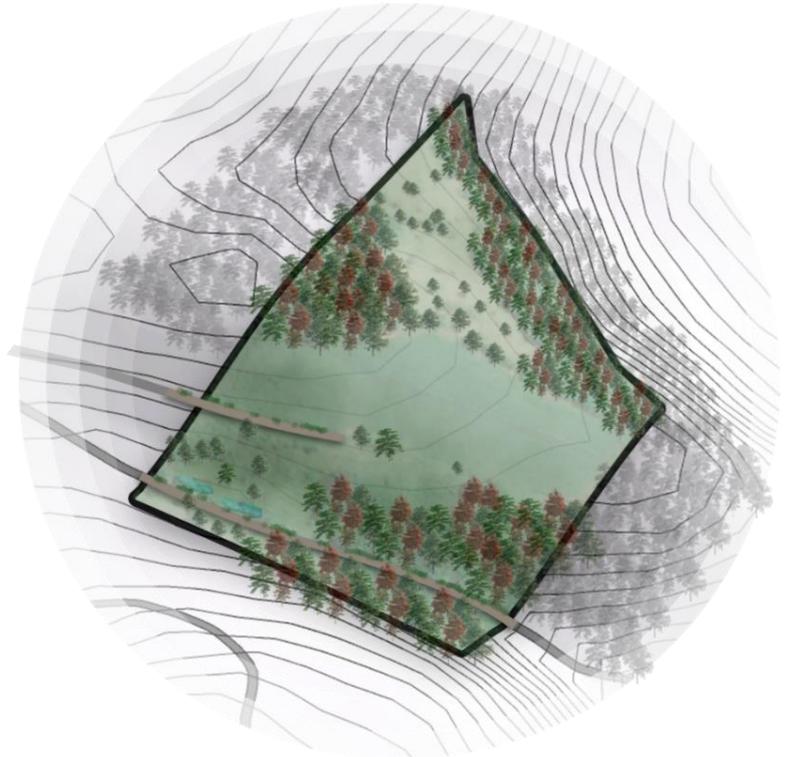
Figura 30: Vista do açude.



Fonte: autor 2020.

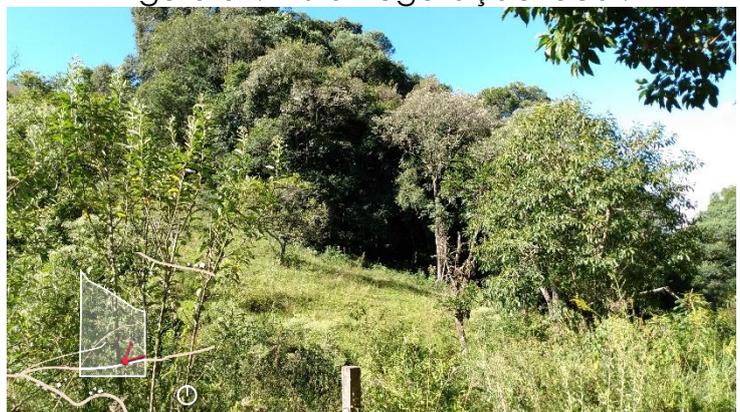
As curvas estão representadas a cada 5m devido às proporções do terreno e da escala em que está representada. Nas áreas onde a topografia é mais acidentada o terreno é coberto de mata nativa.

Figura 31: Diagrama de cobertura do terreno.



Fonte: autor 2020.

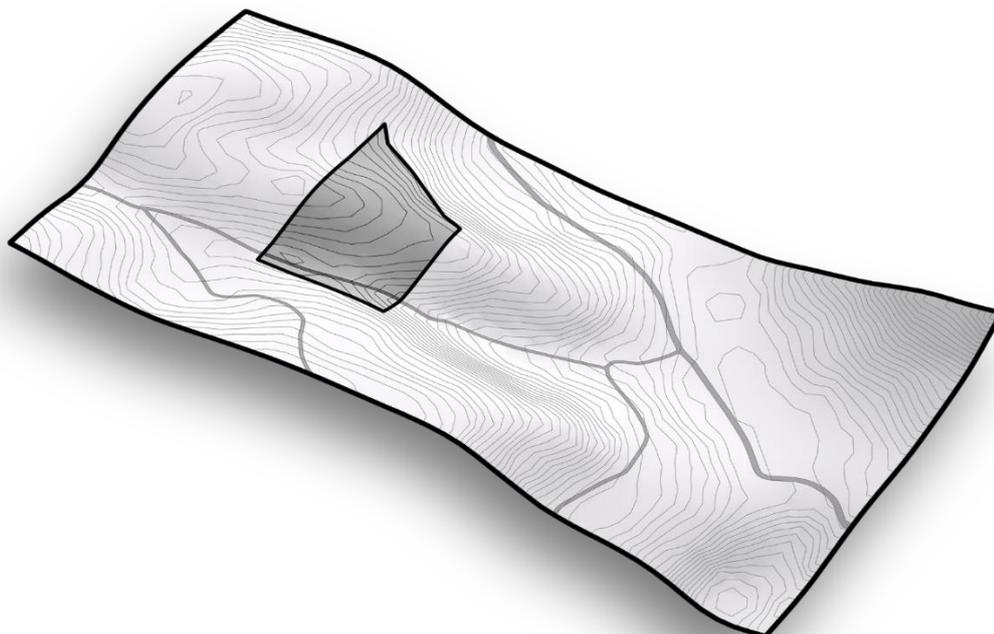
Figura 32: Vista vegetação local.



Fonte: autor 2020.

A topografia da área no entorno do terreno apresenta a mesma característica grandes declividades nas direções Norte e Sul, e também declividade que tende para o leste, o ponto mais baixo, onde passa a estrada geral FR10 e onde se localiza o Parque Salto Ventoso, como demonstrado na figura 33.

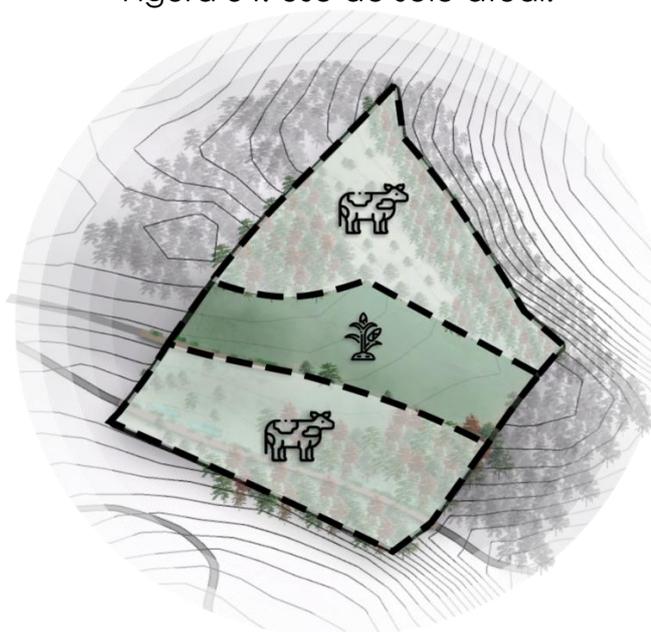
Figura 33: Topografia do entorno.



Fonte: Autor (2020).

Aproximadamente 40% da área do terreno é coberta com vegetação nativa. Na parte mais alta do terreno na faixa central, onde a topografia é mais plana, a área é utilizada para lavouras temporárias. Nas partes sul e norte do terreno, onde o desnível do terreno dificulta o plantio, as áreas são utilizadas como para pastagem do gado leiteiro e de engorda.

Figura 34: Uso do solo atual.



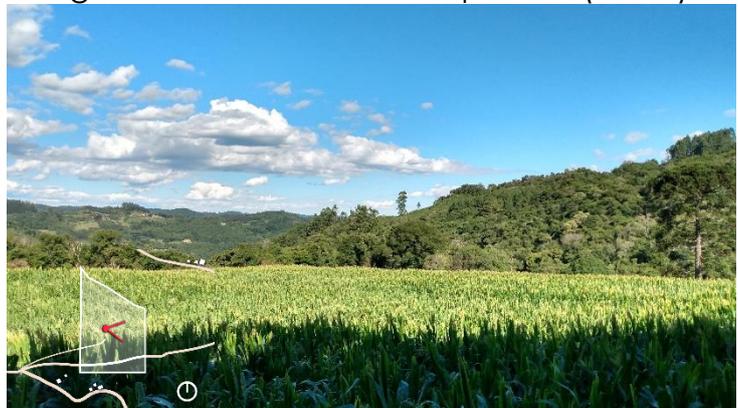
Fonte: Autor (2020).

Figura 35: Vista externa do terreno.



Fonte: Autor (2020).

Figura 36: Vista cultivo temporário (milho).



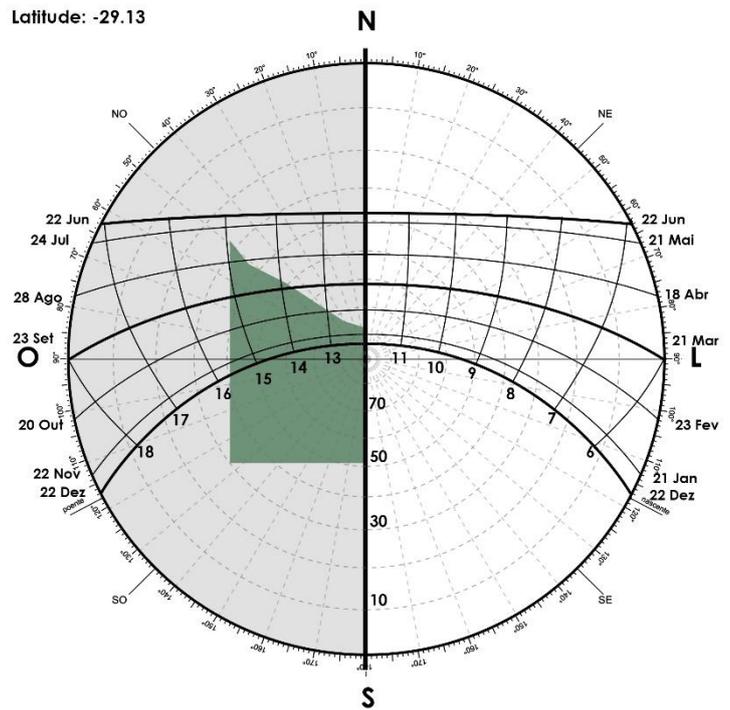
Fonte: Autor (2020).

O terreno está disposto, em relação à posição aos pontos cardeais, de forma que seu eixo longitudinal é alinhado ao eixo Norte-Sul e o transversal alinhado com o eixo Leste-Oeste. Por se tratar de terreno em zona rural, não apresenta edificações vizinhas que projete sombra no terreno. Apenas algumas árvores nos terrenos limdeiros, da lateral Oeste do terreno, possuem porte para que projetem alguma sombra sobre o terreno proposto. O que possibilita grande insolação o ano inteiro em grande parte do terreno. Como de fato pode ser visto nas cartas solares representadas abaixo, nas figuras 37, 38, 39 e 40.



Figura 39: Carta Solar Farroupilha - Leste.

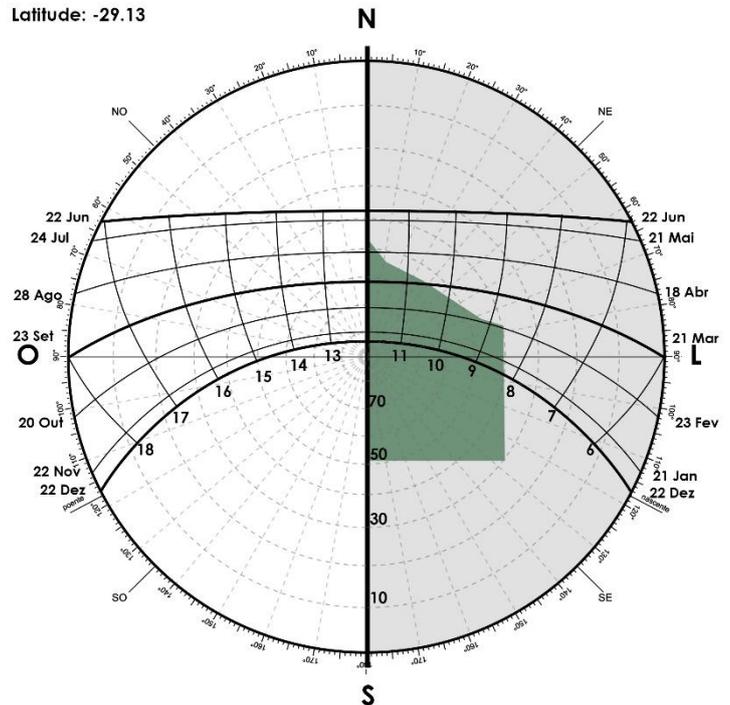
Latitude: -29.13



Fonte: Software Sol-ar, com alterações do autor (2020).

Figura 40: Carta Solar Farroupilha - Leste.

Latitude: -29.13



Fonte: Software Sol-ar, com alterações do autor (2020).

O terreno possui em seu entorno imediato, por todas as direções vegetação nativa. Em alguns lugares a vegetação é mais densa que em outros, porém está presente em todas as testadas do lote. Isso possibilita

segurança e privacidade para o interior do terreno. No entanto, mesmo a vegetação existente proporcionando o “cercamento” da área, ela não apresenta porte suficiente para que impossibilite a vista da paisagem do entorno, exceto na lateral Oeste.

As direções que apresentam melhores vistas do entorno são as direções Noroeste, Norte, Nordeste, Leste, Sudeste e Sul. Estas são as que possibilitam as melhores visuais pois nessas direções o terreno do entorno é mais baixo o que possibilita uma vista ampla para o horizonte.

Figura 41: Vista direção Noroeste.



Fonte: Autor (2020).

Figura 42: Vista direção Norte.



Fonte: Autor (2020).

Figura 43: Vista direção Nordeste.



Fonte: Autor (2020).

Figura 44: Vista direção Leste.



Fonte: Autor (2020).

Figura 45: Vista direção Sudeste.



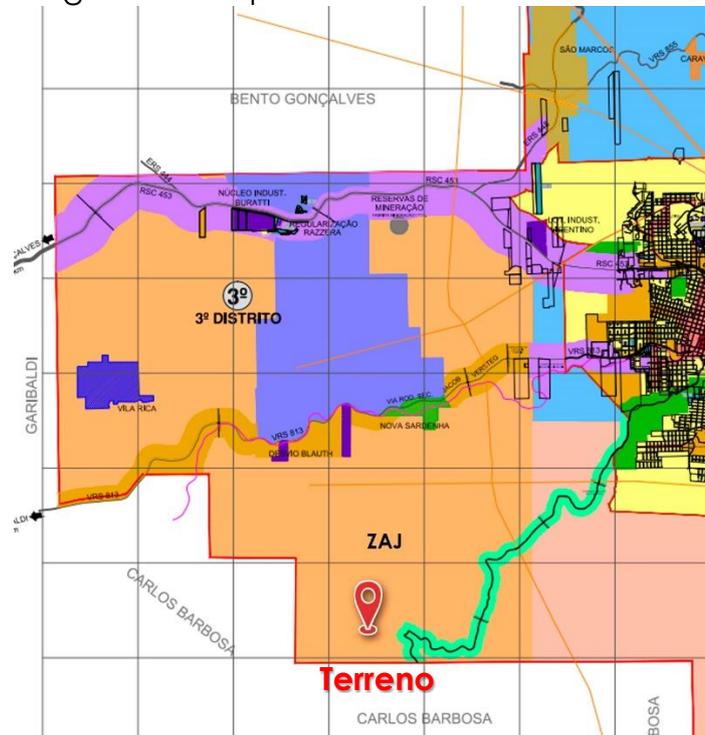
Fonte: Autor (2020).

### 7.3 Condicionantes legais

Conforme o Plano Diretor de Desenvolvimento Territorial Integrado (PDDTI) da cidade de Farroupilha, instituído na Lei Municipal Nº 4.176, de

novembro de 2015, o terreno está localizado em área rural do município, que corresponde ao zoneamento ZAJ (Zoneamento Ambiental J).

Figura 46: Mapa de Ordenamento Geral.



Fonte: Mapa de Ordenamento Geral do Município, FARROUPILHA, com alterações do autor (2020).

No Art. N°69 do PDDTI é descrito que o território municipal de Farroupilha se divide em zona rural e zona urbana. E categoriza que o zoneamento rural é composto das zonas ambientais ZPAN e ZAJ.

O Art. N°70 do PDDTI (2015), no item IX descreve o zoneamento ZAJ como sendo a zona ambiental que “caracteriza-se principalmente pela atividade de caráter rural, como extração, cultivo, criação, silagem e beneficiamento de matéria prima e demais atividades conforme Anexo 4;”.

O Anexo 3 do Plano Diretor indica o Uso Predominante, Recuo de Ajardinamento, Índice de Aproveitamento e Taxa de Ocupação para as diferentes zonas ambientais do município. A área se caracteriza pelo uso predominantemente rural, apresenta Recuo de Ajardinamento de 5m, Índice de Aproveitamento de 0,2 e Taxa de Ocupação de 20%. Assim sendo, o terreno apresenta IA = 14.000m<sup>2</sup> e TO = 14.000m<sup>2</sup>. Conforme tabela 11 abaixo:

Tabela 11: PDDTI – Anexo 3.

ANEXO 3 QUADRO DE REGIME URBANÍSTICO				
Zona Ambiental	Uso Predominante	RA Recuo de Ajardinamento	IA	TO
ZAA	Centro Urbano	Isento	5,00	80% e 65%
ZABC	Corredores Terciários, Centro Urbano e de Bairros	4,00 m	4,00	80% e 65%
ZAD	Mista 1	4,00 m	1,5	65%
ZAE	Mista 2	4,00 m	1,5	65%
ZAF	Corredor Rodoviário	5,00 m	1,0	65%
ZAG	Proteção Ambiental	4,00 m	0,6	30%
ZAH	Rota Cultural e Paisagística	4,00 m	0,6	30%
ZAI	Industrial	5,00 m	1,0	65%
ZAJ	Rural	5,00 m	0,2	20%
ZAK	Especial	Análise CONCIDADE	Análise CONCIDADE	Análise CONCIDADE
ZPAN	Proteção ao Ambiente Natural	5,00 m	0,2	20%
AEIS	Área Especial de Interesse Social	3,00 m	1,5	65%

Fonte: PDDTI, FARROUPILHA, com alterações do autor (2020).

O Anexo 2 apresenta as categorias e classificações das atividades propostas em todo o território de Farroupilha. Deste destaca-se a categoria Residências Multifamiliares (RM), categoria que apresenta a subcategoria denominada de Residências Temporárias que compreende hotéis, motéis, pousadas e similares.

#### **Residências Multifamiliares – RM**

Compreendendo:

- a) habitações coletivas: internatos, pensionatos, seminários, orfanatos, asilos, casas de repouso;
- b) residências temporárias: hotéis, motéis, pousadas e similares (Anexo 2 – PDDTI, 2015).

A tabela que indica o zoneamento e as atividades que nestes podem ser exercidas está representada no Anexo 4 do mesmo PDDTI. O zoneamento em que se encontra o terreno, ZAJ, percebe-se na tabela 12, permite a atividade de Residências Temporárias, o que possibilita a construção de hotéis neste zoneamento.

Tabela 12: PDDTI – Anexo 4.

ATIVIDADE PERMITIDA ATIVIDADE NÃO PERMITIDA		ANEXO 4																				
		ATIVIDADES PERMITIDAS POR ZONA AMBIENTAL																				
		RU		RM		CS							EUPP	UE	AI			AR	PS			
RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR ISOLADA	CONDOMÍNIOS RESIDENCIAIS	HABITAÇÕES COLETIVAS	RESIDÊNCIAS TEMPORÁRIAS	VETRINÁRIAS E AFINS	ESTABELECIMENTOS DE RECREAÇÃO E LAZER	RESTAURANTES, LANCHERIAS E SIMILARES	GERADORES DE TRÁFEGO PESADO	PRODUTOS PERIGOSOS	PADARIAS E CONFETARIAS	DIVERSIFICADOS	POSTOS DE COMBUSTÍVEIS	OFICINAS / MANUTENÇÃO VEICULAR	EQUIPAMENTOS PÚBLICOS E PRIVADOS	USO ESPECIAL	INDÚSTRIAS ATÉ 300,00 m² - BAIXO/MÉDIO POTENCIAL POLUIDOR	INDÚSTRIAS ACIMA DE 300,00 m² - BAIXO/MÉDIO POTENCIAL POLUIDOR	INDÚSTRIAS COM ALTO POTENCIAL POLUIDOR	INDÚSTRIAS DE BEBIDAS	AGROINDÚSTRIAS	ATIVIDADES RURAIS	PARCELAMENTO DE SOLO	
ZAA														10	5				5			
ZABC								5						10				11	11			
ZAD														10				11	11			
ZAE								5	3					10				11	11			
ZAF	1													10								4
ZAG								5						10								
ZAH							2							10				11				
ZAI	9													10								4
ZAJ							7		3					10	5;13			11				6
ZAK														10								
ZPAN	9									11;14			12								10	6
AEIS																						

Fonte: PDDTI, FARROUPILHA, com alterações do autor (2020).

O Art. N°101 fala sobre os recuos laterais necessários em todos os zoneamentos. Referente ao zoneamento ZAJ destaca-se o item 2°.

**Art. 101.** A altura máxima permitida para as edificações nas divisas varia conforme a zona ambiental, sendo permitidos 03 (três) pavimentos nas empenas laterais sem aberturas.

**§ 1.º** Para o caso de aberturas, deverá ser respeitado um recuo lateral mínimo de 1,50m (um metro e cinquenta centímetros) do primeiro ao terceiro pavimento.

**§ 2.º** Nas ZAF, ZAH, ZAI e ZAJ o recuo lateral mínimo é de 3,00m (três metros) quando houver aberturas e de 1,50m (um metro e cinquenta centímetros), quando não houver aberturas, salvo na ZAJ que será de 3,00m (três metros)(PDDTI, FARROUPILHA, 2015).

O Anexo 5 informa sobre a proporção das vagas de estacionamento necessárias para todas as atividades expressas no PDDTI. As informações referentes aos serviços de hospedagem estão expressas no item 3 do anexo, Uso Residencial Multifamiliar Temporário.

Tabela 13: PDDTI – Anexo 5.

<b>3 – Uso Residencial Multifamiliar Temporário</b>				
<b>3.1 – Serviços de Hospedagem</b>				
<b>Hotel, Pousadas e Similares</b>		1 Vaga / 3 Apartamentos.	2 Vagas para Carga / Descarga	Alça Obrigatória e Tâxi Obrigatório
		1 Vaga / 10,00m <sup>2</sup> de Sala de Convenções		
		1 Vaga / 100,00m <sup>2</sup> de Área para Uso Público		
<b>Motel</b>		1 Vaga / Apartamento		

Fonte: PDDTI, FARROUPILHA, com alterações do autor (2020).

#### 7.4 Justificativa

Para se fazer a escolha do terreno o ponto de partida foi elencar todas as características que este devesse apresentar. Assim o terreno deveria necessariamente ser um terreno em ambiente rural, que possibilitasse a implantação de um hotel, que apresentasse acesso fácil a partir das cidades e regiões vizinhas e fosse próximo de algum equipamento que atuasse como polo atrator. A partir dos condicionantes impostas para o terreno elencaram-se as possibilidades até se chegar ao terreno proposto, que cumpriu todas as exigências.

O terreno está implantado em meio rural do município de Farroupilha em zoneamento que, segundo o PDDTI da cidade, é possível de se implantar edificações ligadas ao setor de hospedagem, conforme indica o subcapítulo anterior, 7.3. Além da possibilidade de se implantar o hotel neste zoneamento o terreno está inserido em terreno de grande altitude o que possibilita incidência solar vantajosa para o projeto e, ainda, apresenta vistas amplas da paisagem do seu entorno.

Por volta de 40% da área do terreno apresenta vegetação nativa, porém, o restante, que atualmente é utilizado para lavoura e pastagem de animais, não apresenta vegetação o que possibilita a implantação das edificações e demais atividades do programa proposto sem a retirada de árvores. Assim,

desde o início de suas atividades o hotel já contará com natureza abundante em suas dependências.

O equipamento que atua como polo atrator próximo ao terreno é o Parque do Salto Ventoso, que apresenta esse nome devido à Cascata Salto Ventoso. O Parque do Salto Ventoso recebe turistas de todas as cidades vizinhas, desde famílias até praticantes de turismo de aventura, que dessem de rapel a cascata.

Figura 47: Cascata Salto Ventoso.



Fonte: <https://www.vivalastrips.com.br/conheca-o-parque-salto-ventoso/>

O parque e a Comunidade de Linha Müller fizeram parte do trajeto de algumas edições do Circuito de Pedais Ekonova, Circuito Trilhas e Montanhas e no ano de 2019 fizeram parte do Campeonato Gaúcho de Corrida, Trilhas e Montanhas. Os eventos trouxeram grande visibilidade para a comunidade.

Figura 48: Cascata Salto Ventoso.



Fonte: <https://www.facebook.com/linhamuller/>

As vias de acesso que interligam a localidade de Nova Sardenha, Comunidade de Linha Müller, Parque Salto Ventoso e Comunidade de Linha Eli à cidade de Farroupilha, através de obras que vêm sendo feitas desde o ano de 2019, recebem asfaltamento para melhorar e facilitar o trajeto. Além destas, a principal via de ligação entre a cidade de Carlos Barbosa e a Comunidade de Linha Müller, também está em obras para o recebimento de asfalto.

Figura 49: Obras de asfaltamento.



Fonte: <https://www.facebook.com/linhamuller/>

Como resultado da melhoria dos trajetos até o local, o número de turistas e visitantes que chegam ao parque e à Comunidade tende a aumentar, o que resultará, por consequência, no aumento da demanda de infraestrutura nos arredores. A partir da implantação do hotel no local o mesmo também atuará como polo atrator e gerador de renda para a comunidade.

Por fim, percebe-se que a implantação do empreendimento no terreno é justificada pelas condicionantes do local e a partir de sua implantação o hotel passa a atuar como condicionante e agente de melhorias para a comunidade e região.



# 8 Condicionantes legais

## 8 CONDICIONANTES LEGAIS

Neste capítulo serão abordadas as informações pertinentes referentes aos condicionantes legais e às normas técnicas às quais o projeto se encaixa. As informações aqui expressas têm por objetivo nortear a base legal do projeto.

### 8.1 Código de Edificações de Farroupilha

O Código de Edificações do município de Farroupilha, disposto na Lei Municipal N° 4.144, de agosto de 2015, no que diz respeito às edificações destinadas a hotéis apresenta poucas diretrizes específicas para a função. A Subseção IX compreende os Art.104 e Art.105 destinados diretamente aos hotéis.

**Art. 104.** As edificações destinadas a hotéis e congêneres, além das demais disposições legais pertinentes, deverão satisfazer as seguintes condições:

- I – Ter no mínimo dois elevadores, sendo um social e o outro de serviço; (Redação determinada pela Lei Municipal n.º 4.314, de 5-4-2017)
- II – Ter local para coleta de lixo situado no pavimento térreo ou subsolo, com acesso pela entrada de serviço;
- III – Ter em cada unidade instalações sanitárias;
- IV – Ter vestiário e instalação sanitária privativa para pessoal de serviço;
- V – Ter reservatório de água de acordo com as disposições vigentes;
- VI - Ter instalações preventivas contra incêndio de acordo com as disposições vigentes;

VII – Garantir acessibilidade.

**Art. 105.** Os corredores e galerias de circulação deverão ter largura mínima de um metro e cinquenta centímetros (FARROUPILHA, 2015).

No que condiz ao apanhado geral das edificações o CEMF faz considerações gerais para as edificações. O capítulo “Das Normas de Edificações” trata sobre todos os elementos que compõem a edificação, paredes, pisos, esquadrias e demais elementos.

Das paredes:

**Art. 65.** As paredes das edificações em geral deverão ser executadas em materiais adequados, respeitando as legislações e normas pertinentes ao assunto, em especial a NBR 15.575.

**Art. 66.** As paredes das edificações em geral, quando executadas em alvenaria, deverão ter as seguintes espessuras mínimas, sem prejuízo ao que tange o artigo anterior:

I – Vinte centímetros para paredes externas, exceto de edificações unifamiliares, e em paredes divisórias entre unidades autônomas;

II – Treze centímetros para paredes externas de edificações unifamiliares.

**Parágrafo único.** Excetuam-se das exigências do disposto neste artigo, as paredes de estacionamentos e locais não habitáveis.

**Art. 67.** As espessuras mínimas exigidas para paredes externas poderão ser alteradas quando forem utilizados materiais de natureza diversa, desde que comprovem, através de laudo técnico, no mínimo, os mesmos índices de desempenho de resistência mecânica e ao fogo, impermeabilização e isolamento térmico e acústico, conforme o caso (FARROUPILHA, 2015).

Dos pisos:

**Art. 74.** Os entrepisos das edificações deverão ter resistência ao fogo, tolerando-se entrepisos de madeira em edificações de até dois pavimentos e que constituam uma única unidade (FARROUPILHA, 2015).

Dos mezaninos:

**Art. 75.** Os mezaninos deverão ser construídos de maneira a atenderem às seguintes condições:

I – Deixarem uma altura livre de no mínimo dois metros e trinta centímetros sobre e sob o mesmo;

II – Terem parapeito ou guarda corpo;

III – Terem escada fixa de acesso;

IV – Ocupar área equivalente a, no máximo, cinquenta por cento de área do compartimento onde for construído;

V – Será permitido o fechamento do mezanino com painéis de divisórias leves e vidros;

VI – Terem iluminação e ventilação adequada ao uso (FARROUPILHA, 2015).

Das escadas:

**Art. 79.** Salvo maiores exigências legais e técnicas as escadas deverão observar a largura mínima de um metro e dez centímetros, quando não for de uso residencial unifamiliar e oferecer passagem com altura livre não inferior a dois metros e dez centímetros para os demais casos.  
[...]

**Art. 81.** Nas escadas de uso secundário e eventual como para mezaninos, porões, adega, sótãos ou similares, será permitida a largura mínima de sessenta centímetros.

**Art. 82.** O dimensionamento de degraus das escadas deverá observar o seguinte:

**a)** ter altura  $h$  compreendida entre 16 cm e 18 cm, com tolerância de 0,5 cm;

**b)** ter largura  $b$  dimensionada pela fórmula de Blondel:

$$63\text{cm} \leq (2 h + b) \leq 64\text{cm}$$

Onde:

$h$  = altura do espelho

$b$  = largura do degrau

**Parágrafo único.** A largura mínima do degrau deverá ser de vinte e cinco centímetros, sendo que a altura máxima do espelho será de dezenove centímetros (CEMF, FARROUPILHA, 2015).

## 8.2 Sistema Brasileiro de Classificação de Meios de Hospedagem

No ano de 2011 o Ministério do Turismo criou o Sistema Brasileiro de Classificação de Meios de Hospedagem (SBClass) com a finalidade de reger os meios de hospedagem. O SBClass tem por objetivo classificar os diferentes tipos de hospedagem e classificá-los, de zero estrelas até cinco estrelas, conforme a infraestrutura que o empreendimento apresenta.

**Art. 1º** Fica instituído o Sistema Brasileiro de Classificação de Meios de Hospedagem (SBClass) para regular o processo e os critérios pelos quais os entes definidos no Art. 7º desta Portaria podem obter a classificação oficial do governo brasileiro e utilizar a simbologia que a representa. Parágrafo único.

Esta Portaria estabelece:

I - A estrutura do SBClass;

II - Os tipos passíveis de classificação;

III - As categorias de cada tipo;

IV - Os requisitos de infraestrutura, serviços e sustentabilidade de cada categoria;

V - Os critérios de classificação;

VI - Os processos de verificação, monitoramento e avaliação permanentes (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2011).

O objetivo para a proposta Nonna Lourdes é que o hotel se encaixe na categoria Hotel Fazenda quatro estrelas. Para este fim, o empreendimento deve apresentar as infraestruturas e serviços conforme as tabelas 14, 15 e 16.

Tabela 14: SBClass – Requisitos Infraestrutura

EL – Eletivo      M - Mandatório		
Nº	REQUISITOS	★★★★
1	Aspecto externo compatível com o tipo e a categoria	M
2	Sinalização exterior clara e em bom estado de conservação	M
3	Área de estacionamento	M
4	Jardim	M
5	Estado de conservação e manutenção das instalações e da construção em boas condições	M
6	Estado de conservação e manutenção dos equipamentos e do mobiliário em boas condições	M
7	Decoração e ambientação compatível com a categoria	M
8	Sistema de sinalização interno que permita fácil acesso e circulação por todo o estabelecimento	M
9	Sistema de sinalização interno que permita fácil acesso e circulação por todo o estabelecimento em português e mais um idioma	M
10	Empregados uniformizados e identificados	M
11	Área ou local específico para o serviço de portaria	M
12	Área ou local específico para o serviço de recepção	M
13	Local para guarda de bagagens	M
14	Adaptador de tomada à disposição sob pedido	M
15	Adaptador de tomada para padrões estrangeiros à disposição sob pedido	EL
16	Equipamento telefônico nas áreas sociais para uso do hóspede	M
17	Climatização (refrigeração / ventilação - natural ou forçada - / calefação) adequada nas áreas sociais fechadas	M
19	Banheiros sociais, masculino e feminino, separados entre si, com ventilação natural ou forçada	M
20	Iluminação elétrica nas áreas comuns internas	M
21	Sala de estar com televisão	M
22	Espaço para leitura	EL
23	Sala de reuniões com equipamentos	EL
24	Salão para eventos	EL
25	Salão de jogos	M
26	Mesas de jogos (totó/pebolim, ping pong, sinuca, etc)	EL
27	Sauna seca ou a vapor	EL
28	Sinalização água quente / fria nos lavatórios e chuveiros	M
29	Piscina	M
30	Toalha para uso externo por hóspede	EL
32	Capela ou local de oração	EL
33	Centro Equestre disponível para os hóspedes, inclusive charretes e outros tipos de veículos tirados por equinos	EL
34	Churrasqueira	EL
35	Corpo d'água balneável	EL
36	Culturas diversas (pomar, horta, flores, etc.)	M

37	Equipamentos esportivos disponíveis para os hóspedes (por exemplo: campo de futebol, quadra poliesportiva, peteca, voleibol, etc.)	M
38	Equipamentos para ciclismo (bicicletas, triciclos, etc.)	EL
39	Instalações e equipamentos para atividades de aventura disponíveis para os hóspedes (por exemplo: Rapel, Tirolesa, Aquaride, Rafting, Arvorismo, Trecking, etc)	EL
40	Instalações e equipamentos para atividades náuticas disponíveis para os hóspedes (por exemplo: caiaque, esqui, pedalinho, mergulho, etc.)	EL
41	Instalações para beneficiamento de produtos agropecuários	M
42	Instalações para criação de animais (por exemplo: piscicultura, caprinocultura, bovinocultura, avicultura, etc)	M
43	Instalações para recreação de crianças	M
44	Lareira	EL
45	Local para pesca	EL
46	Trilhas demarcadas (por exemplo: para caminhada, observação de pássaros, etc)	M
47	Gerador de Emergência com partida automática ou manual, com cobertura nos apartamentos e áreas sociais, para manutenção de todos os serviços essenciais.	M
48	Medidas de Segurança	M
49	Medidas de Segurança para as atividades recreativas e esportivas	M
51	b) Área útil da UH, exceto banheiro, com 13,00 m <sup>2</sup> (em no mínimo 90% das UH)	M
56	b) Banheiros com 3,00m <sup>2</sup> (em no mínimo 90% das UH)	M
60	Disponibilidade de UH com banheira	EL
61	Varandas em pelo menos 25% das UH	EL
62	Decoração e ambientação compatível com a categoria	M
63	Estado de conservação e manutenção das instalações e da construção em boas condições	M
64	Estado de conservação e manutenção dos equipamentos e do mobiliário em boas condições	M
65	Portas duplas de comunicação entre UH conjugáveis (se existirem) ou sistema que só possibilite sua abertura, quando por iniciativa dos ocupantes de ambas as UH	M
66	Tranca interna em 100% das UH	M
67	Armário, closet ou local específico para a guarda de roupas em 100% das UH	M
68	Porta mala ou local apropriado para abrir a mala em 100% das UH	M
69	Saco para lavanderia	M
70	Berço para bebês a pedido	M
71	Mesa de cabeceira para cada leito ou entre dois leitos em 100% das UH	M
72	Lâmpada de leitura junto às cabeceiras em 100% das UH	M
74	Travesseiro e cobertor suplementar a pedido	M
75	Colchão com dimensões superiores ao padrão nacional	EL
76	Roupa de cama, banho e colchoaria em bom estado de conservação	
77	Cesta de lixo em 100% dos quartos	
78	Espelho de corpo inteiro em 100% das UH	EL
79	Água potável disponível em 100% das UH	
80	Mini refrigerador em 100% das UH	M
81	Copos em 100% das UH	
83	Climatização (refrigeração / calefação) adequada em 100% das UH	M
84	Controle da temperatura de climatização pelo hóspede na UH	M
85	Tomada em 100% das UH	M
86	Ramais telefônicos em 100% das UH	M
87	TV em 100% das UH	M
88	Controle remoto de TV em 100% UH	M
89	Canais de TV por assinatura em 100% das UH	EL
90	Dispositivos para reprodução de filmes (como por exemplo: DVD ou Blue-Ray) nas UH	EL

91	Poltrona, cadeira de braço ou sofá em 100% das UH	EL
92	Mesa com cadeira em 100% da UH	M
93	Vedação opaca como cortina, persiana, veneziana ou outro dispositivo equivalente nas janelas em 100% das UH	M
94	Sinalização água quente / fria nos lavatórios e chuveiros	M
95	Água quente no chuveiro	M
96	Água quente no lavatório	EL
97	Lavatório com bancada e espelho	M
98	Bidê ou ducha manual em 100% das UH	M
99	Sabonete e uma toalha de banho por hóspede	M
100	Uma toalha de rosto por hóspede	M
101	Um tapete ou piso (toalha) em 100% dos banheiros	M
102	Secador de cabelo à disposição sob pedido	EL
103	Suporte ou apoio para produtos de banho no box	M
104	Cesta de lixo em 100% dos banheiros	M
106	2 amenidades, no mínimo, em 100% das UH	M
107	Manual de serviços oferecidos no quarto em português e pelo menos mais um idioma	M
108	Bar	M
109	Restaurante com número de lugares correspondente a pelo menos 50% da capacidade máxima de hóspedes	
110	Cardápio do restaurante em português e mais um idioma	M
111	Cardápio com cozinha regional ou típica	EL
112	Facilidades para bebês (cadeiras altas no restaurante, facilidades para aquecimento de mamadeiras e comidas, etc)	M

Fonte: Ministério do Turismo

Tabela 15: SBClass – Requisitos Serviços

<b>EL – Eletivo      M - Mandatório</b>		
<b>Nº</b>	<b>REQUISITOS</b>	<b>★★★★</b>
2	Serviço de recepção aberto por 24 horas	M
3	Capacidade de atendimento em cada turno (no mínimo), na recepção, com fluência em português e mais um idioma	M
5	Serviços de mensageiro no período de 24 horas	EL
6	Serviços de telefonia em português e mais um idioma	EL
7	Serviço de despertador	M
8	Serviço de guarda de valores dos hóspedes	M
9	Serviço de cofre em 100% das UH	EL
10	Serviço de atendimento de primeiros socorros	M
12	Serviço de conexão à <i>internet</i> nas áreas sociais	M
13	Serviço de facilidades de escritório virtual / <i>business center</i> (com no mínimo: acesso à <i>internet</i> , obtenção de cópias, impressão de documentos)	EL
14	Serviço de suporte - Tecnologia de Informação	EL
15	Serviço de eventos (departamento especializado, pessoal com dedicação exclusiva)	EL
16	Disponibilização de informações e folhetos turísticos	EL
17	Disponibilização de guarda-chuvas a pedido	EL
18	Serviço de transporte bagagem dentro do estabelecimento	M
19	Disponibilização de <i>kit</i> de costura a pedido	M

22	Serviço de <i>transfer</i> - No caso de os serviços serem terceirizados, monitorar e controlar a qualidade dos serviços oferecidos	M
23	Serviço de limpeza diária nas UH em uso	M
24	Serviço de limpeza para as UH a pedido	M
25	Serviço de troca de roupas de cama e banho diariamente	M
27	Serviço "Não perturbe" / "Arrumar o quarto"	M
28	Serviço de lavanderia	M
29	Serviço de refeições leves e bebidas nas UH ( <i>room service</i> ) no período de 12 horas	M
30	Serviço de refeições leves e bebidas nas UH ( <i>room service</i> ) no período de 24 horas	EL
31	Serviço de alimentação disponível para café da manhã, almoço e jantar	M
32	Serviço " <i>à la carte</i> " em pelo menos um restaurante	EL
34	Serviço de Bar	M
35	Serviço de preparação de dietas especiais (por exemplo: vegetariana, hipocalórica, etc.)	EL
36	Serviços diferenciados para crianças (por exemplo: cardápio, sinalização específica, etc.)	M
37	Página na <i>internet</i> em português e mais dois idiomas	EL
38	Pagamento com cartão de crédito ou de débito	M
39	Oferecer serviços típicos (por exemplo: cavalgada, focagem, observação de pássaros, passeios de carroça, ciclismo, observação da fauna e flora, participação em colheitas, ordenhas e trato de animais, etc.)	M
40	Oferta de atividades culturais (por exemplo: exposições, feiras de artesanato, etc.)	EL
41	Serviço de orientação por profissionais competentes para as atividades náuticas oferecidas - No caso dos serviços serem terceirizados, monitorar e controlar a qualidade dos serviços oferecidos	M
42	Serviço de orientação por profissionais competentes para a prática de atividades esportivas nos equipamentos fornecidos - No caso de os serviços serem terceirizados, monitorar e controlar a qualidade dos serviços oferecidos	M
43	Serviço de orientação por profissionais competentes para as atividades de aventura oferecidas - No caso de os serviços serem terceirizados, monitorar e controlar a qualidade dos serviços oferecidos	M
44	Serviços de massagens (por exemplo: massoterapia, talassoterapia, <i>shiatsu</i> , etc.), estética (por exemplo: limpeza da pele, <i>peeling</i> , etc.), revitalização e relaxamento (por exemplo: pedras quentes, banhos aromáticos, etc.)	EL

Fonte: Ministério do Turismo

Tabela 16: SBClass – Requisitos Sustentabilidade

EL – Eletivo M - Mandatório		
Nº	REQUISITOS	★★★★
1	Medidas permanentes para redução do consumo de energia elétrica	M
2	Medidas permanentes para redução do consumo de água	M
3	Medidas permanentes para o gerenciamento dos resíduos sólidos, com foco na redução, reuso e reciclagem	M
4	Monitoramento das expectativas e impressões do hóspede em relação aos serviços ofertados, incluindo meios para pesquisar opiniões, reclamações e solucioná-las	M
5	Programa de treinamento para empregados	M
6	Medidas permanentes de seleção de fornecedores (critérios ambientais, socioculturais e econômicos) para promover a sustentabilidade	EL
7	Medidas permanentes de sensibilização para os hóspedes em relação à sustentabilidade	M
8	Medidas permanentes para valorizar a cultura local	M
9	Medidas permanentes para geração de trabalho e renda, para a comunidade local	M

10	Medidas permanentes para promover produção associada ao turismo	EL
11	Medidas permanentes para minimizar a emissão de ruídos das instalações, maquinário e equipamentos, das atividades de lazer e entretenimento de modo a não perturbar o ambiente natural, o conforto dos hóspedes e a comunidade local	EL
12	Medidas permanentes para tratamento de efluentes	EL
13	Medidas permanentes para minimizar a emissão de gases e odores provenientes de veículos, instalações e equipamentos	EL

### 8.3 NBR 9050 - Acessibilidade

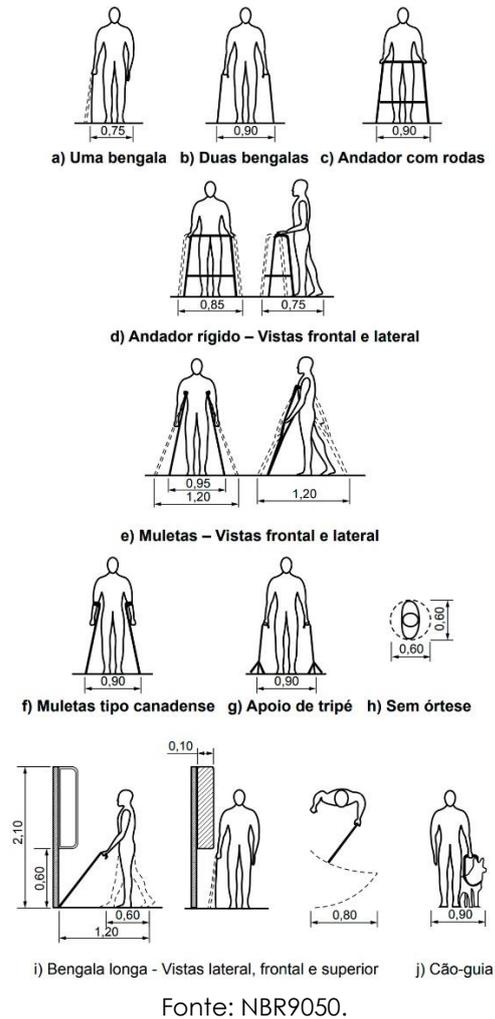
A Norma Técnica 9050/2015 estabelece os parâmetros aos quais os projetos devem se adequar visando a acessibilidade para mobiliários, edificações e equipamentos urbanos a todos usuários.

Esta Norma visa proporcionar a utilização de maneira autônoma, independente e segura do ambiente, edificações, mobiliário, equipamentos urbanos e elementos à maior quantidade possível de pessoas, independentemente de idade, estatura ou limitação de mobilidade ou percepção (NBR9050, 2015)

Das definições que traz a norma, as mais importantes para o projeto, estão relacionadas às pessoas com mobilidade reduzida e que necessitem utilizar cadeiras de roda, bengalas, muletas, andadores e demais objetos, para auxiliar em seu deslocamento. Para isso a norma faz uso de medidas mínimas para o dimensionamento de ambientes, condicionadas a cada tipo de mobilidade reduzida, divididas entre pessoas em pé e pessoas em cadeira de rodas.

A figura 50 traz as dimensões referenciais para deslocamento de pessoas em pé. Nesta estão representadas as dimensões, em metros, referenciais para pessoas com bengalas, andadores, muleta, bengala longa e cão-guia.

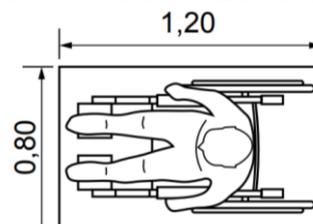
Figura 50: Pessoas em pé.



Fonte: NBR9050.

Estabelecido na norma, o módulo de referência para pessoas em cadeiras de rodas é a projeção, em piso, de um retângulo com as medidas de 0,8X1,20m, conforme figura 51.

Figura 51: Módulo de referência.

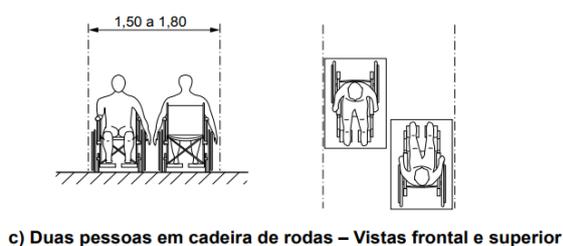
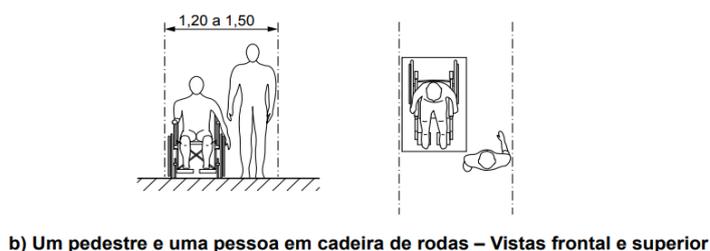
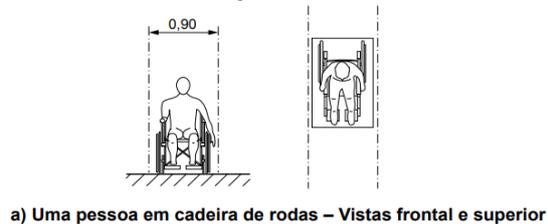


Fonte: NBR9050.

Este módulo referência condiciona as medidas e disposições de circulações, banheiros e demais ambientes, para que estes sejam acessíveis para uma pessoa utilizando cadeira de rodas.

As circulações em linha reta para pessoas em cadeira de roda devem obedecer às medidas conforme a figura 52.

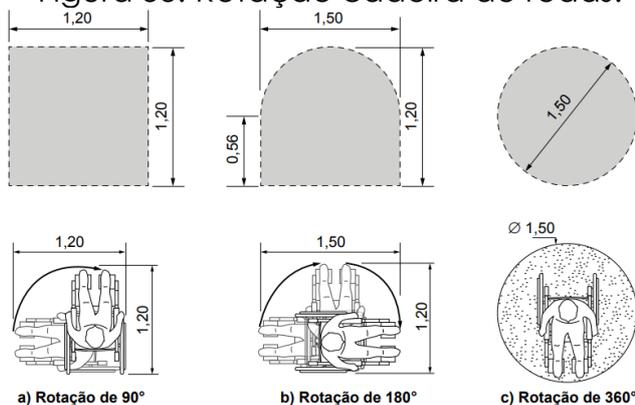
Figura 52: Circulações em linha reta PCR.



Fonte: NBR9050.

O espaço necessário para as manobras da cadeira de rodas depende diretamente do grau de rotação que a pessoa em cadeira de rodas necessita fazer. Para rotacionar a cadeira, sem deslocamento, em um ângulo de  $90^\circ$  é necessário um espaço livre de  $1,20 \times 1,20\text{m}$ ; para um ângulo de  $180^\circ$  é necessário um espaço de  $1,50 \times 1,20\text{m}$  e para rotacionar  $360^\circ$  é necessário um círculo com diâmetro de  $1,50\text{m}$  (Figura 53).

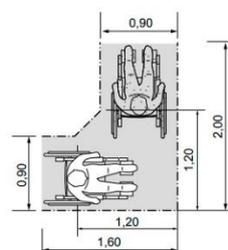
Figura 53: Rotação cadeira de rodas.



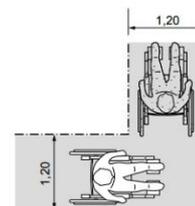
Fonte: NBR9050.

Para manobra de cadeira de rodas com o deslocamento da mesma, também depende da rotação que é feita, deve-se seguir as medidas condicionadas para cada situação, conforme representado na figura 54.

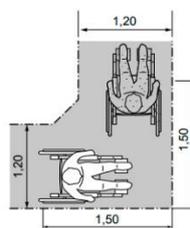
Figura 54: Rotação com deslocamento.



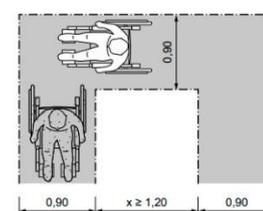
a) Deslocamento de 90° – Mínimo para edificações existentes



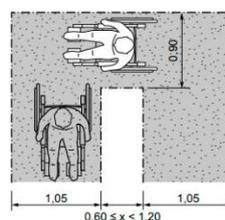
b) Deslocamento mínimo para 90°



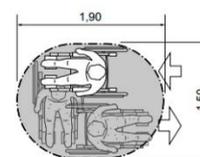
c) Deslocamento recomendável para 90°



d) Deslocamento consecutivo de 90° com percurso intermediário – Caso 1



e) Deslocamento consecutivo de 90° com percurso intermediário – Caso 2

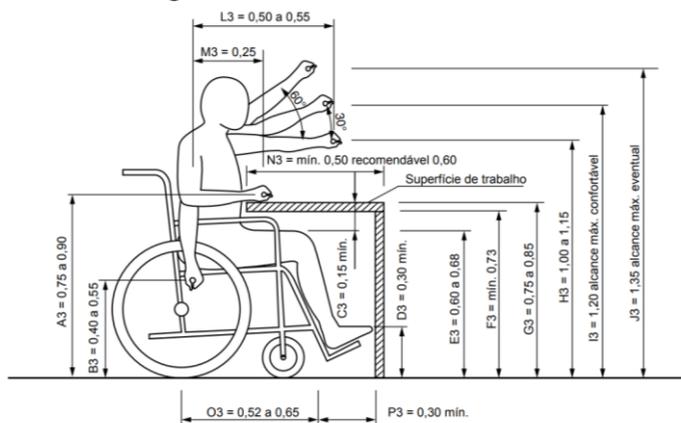


f) Deslocamento de 180°

Fonte: NBR9050.

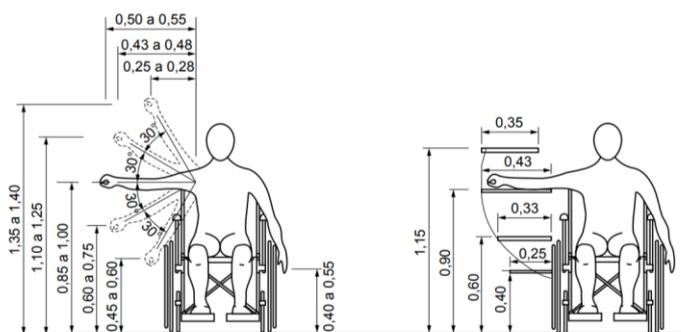
A norma também apresenta as alturas e profundidades que uma pessoa em cadeira de rodas consegue alcançar. Essas medidas condicionam a profundidade e alturas de mobiliários e equipamentos.

Figura 55: Alcance frontal.



Fonte: NBR9050.

Figura 56: Alcance frontal.

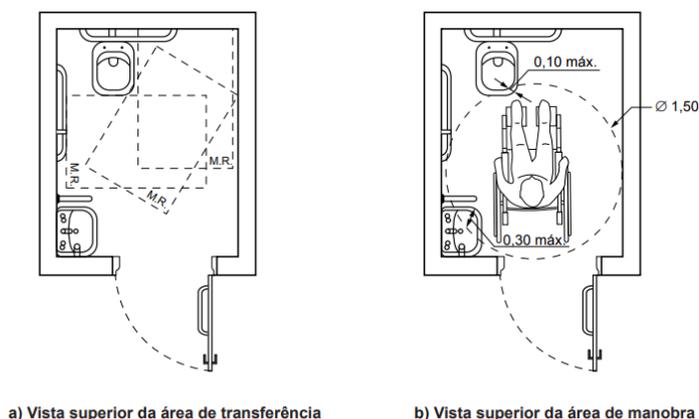


Fonte: NBR9050.

Com relação à inclinação de rampas é descrito na norma, que são consideradas rampas as inclinações com desnível igual ou superior à 5%. É preferível que as rampas obedeçam uma inclinação que fique entre 5% e 8,33%, sendo admitidas inclinações de até 12,5% quando o desnível for menor do que 0,20m.

Os banheiros devem obedecer a proporção de 5% de unidades acessíveis para edificações privados ou de uso comum, sendo uma unidade o mínimo admitido onde houver sanitários. Ainda, devem obedecer as medidas dispostas na figura 57.

Figura 57: Sanitário acessível.



Fonte: NBR9050.

A seção 10.9 da norma, fala especificamente sobre a acessibilidade dos locais de hospedagem. Nesta seção demonstra medidas, afastamentos e disposições do mobiliário para que o dormitório possa receber uma pessoa em cadeira de rodas e esta possa circular livremente pelo dormitório.

**10.9.3** As dimensões do mobiliário dos dormitórios acessíveis devem atender às condições de alcance manual e visual previstos na Seção 4 e ser dispostos de forma a não obstruírem uma faixa livre mínima de circulação interna de 0,90 m de largura, prevendo área de manobras para o acesso ao banheiro, camas e armários. Deve haver pelo menos uma área, com diâmetro de no mínimo 1,50 m, que possibilite um giro de 360°, conforme Figura 146. A altura das camas deve ser de 0,46 m.

Figura 58: Dormitório acessível (Figura 146).

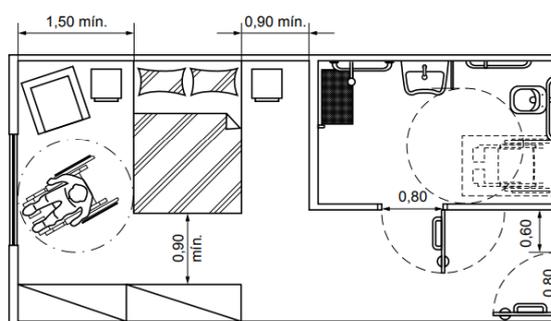


Figura 146 – Dormitório acessível – Área de circulação mínima – Exemplo – Vista superior

Fonte: NBR9050.

## 8.4 NBR 9077 - Saídas de emergência em edifícios

A NBR9077 trata das saídas de emergência de edifícios. Ela divide e classifica as edificações com base em suas características, atividades e usos, condicionando forma adequada de trabalhar em cada caso.

Segundo a norma a edificação proposta se enquadra, quanto à sua ocupação, nas duas divisões do grupo B e também na categoria F-8.

Tabela 17: Classificação por uso.

**Tabela 1 - Classificação das edificações quanto à sua ocupação**

Grupo	Ocupação/Usos	Divisão	Descrição	Exemplos
B	Serviços de hospedagem	B-1	Hotéis e assemelhados	Hotéis, motéis, pensões, hospedarias, albergues, casas de cômodos
		B-2	Hotéis residenciais	Hotéis e assemelhados com cozinha própria nos apartamentos (incluem-se apart-hotéis, hotéis residenciais)
F	Locais de reunião de público	F-8	Locais para refeições	Restaurantes, lanchonetes, bares, cafés, refeitórios, cantinas e outros

Fonte: NBR9077, com alterações do autor (2020).

Da classificação das edificações quanto à sua altura, a proposta está inserida na categoria L, edificações baixas, que medem do piso até a soleira do último pavimento altura menor ou igual a 6m.

Tabela 18: Classificação por altura.

**Tabela 2 - Classificação das edificações quanto à altura**

	Tipo de edificação	Alturas contadas da soleira de entrada ao piso do último pavimento, não consideradas edículas no ático destinadas a casas de máquinas e terraços descobertos (H)
Código	Denominação	
K	Edificações térreas	Altura contada entre o terreno circundante e o piso da entrada igual ou inferior a 1,00 m
L	Edificações baixas	$H \leq 6,00 \text{ m}$
M	Edificações de média altura	$6,00 \text{ m} < H \leq 12,00 \text{ m}$
N	Edificações medianamente altas	$12,00 \text{ m} < H - 30,00 \text{ m}$
O	Edificações altas	0 - 1 $H > 30,00 \text{ m}$ ou
		0 - 2 Edificações dotadas de pavimentos recuados em relação aos pavimentos inferiores, de tal forma que as escadas dos bombeiros não possam atingi-las, ou situadas em locais onde é impossível o acesso de viaturas de bombeiros, desde que sua altura seja $H > 12,00 \text{ m}$

Fonte: NBR9077, com alterações do autor (2020).

As edificações propostas por meio da Tabela 3 da norma, que classifica a edificação conforme a área em planta, coloca a proposta nas categorias P, R e T.

Tabela 19: Classificação por área.

**Tabela 3 - Classificação das edificações quanto às suas dimensões em planta**

Natureza do enfoque	Código	Classe da edificação	Parâmetros de área	
α	Quanto à área do maior pavimento ( $s_p$ )	P	De pequeno pavimento	$s_p < 750 \text{ m}^2$
		Q	De grande pavimento	$s_p \geq 750 \text{ m}^2$
β	Quanto à área dos pavimentos atuados abaixo da soleira de entrada ( $s_s$ )	R	Com pequeno subsolo	$s_s < 500 \text{ m}^2$
		S	Com grande subsolo	$s_s \geq 500 \text{ m}^2$
γ	Quanto à área total $S_t$ (soma das áreas de todos os pavimentos da edificação)	T	Edificações pequenas	$S_t < 750 \text{ m}^2$
		U	Edificações médias	$750 \text{ m}^2 \leq S_t < 1500 \text{ m}^2$
		V	Edificações grandes	$1500 \text{ m}^2 \leq S_t < 5000 \text{ m}^2$
		W	Edificações muito grandes	$A_t > 5000 \text{ m}^2$

Fonte: NBR9077, com alterações do autor 2020.

Da materialidade que à compõe, caracteriza a proposta com a categoria Z – Edificações em que a propagação do fogo é difícil.

Tabela 20: Classificação por materialidade.

**Tabela 4 - Classificação das edificações quanto às suas características construtivas**

Código	Tipo	Especificação	Exemplos
X	Edificações em que a propagação do fogo é fácil	Edificações com estrutura e entrespisos combustíveis	Prédios estruturados em madeira, prédios com entrespisos de ferro e madeira, pavilhões em arcos de madeira laminada e outros
Y	Edificações com mediana resistência ao fogo	Edificações com estrutura resistente ao fogo, mas com fácil propagação de fogo entre os pavimentos	Edificações com paredes-cortinas de vidro ("cristaleiras"); edificações com janelas sem peitoris (distância entre vergas e peitoris das aberturas do andar seguinte menor que 1,00 m); lojas com galerias elevadas e vãos abertos e outros
Z	Edificações em que a propagação do fogo é difícil	Prédios com estrutura resistente ao fogo e isolamento entre pavimentos	Prédios com concreto armado calculado para resistir ao fogo, com divisórias incombustíveis, sem divisórias leves, com parapeitos de alvenaria sob as janelas ou com abas prolongando os entrespisos e outros

Nota: Os prédios devem, preferencialmente, ser sempre projetados e executados dentro do tipo "Z".

Fonte: NBR9077, com alterações do autor (2020).

Para o dimensionamento das saídas retoma-se a classificação das edificações pela atividade exercida. Sendo assim, as edificações estando classificadas nos grupos B e F-8, seguem o dimensionamento de saídas conforme destacado na tabela 21.

Tabela 21: Dimensionamento das saídas.

**Tabela 5 - Dados para o dimensionamento das saídas**

Ocupação		População <sup>(A)</sup>	Capacidade da U. de passagem		
Grupo	Divisão		Acessos e descargas	Escadas <sup>(B)</sup> e rampas	Portas
A	A-1, A-2	Duas pessoas por dormitório <sup>(C)</sup>	60	45	100
	A-3	Duas pessoas por dormitório e uma pessoa por 4 m <sup>2</sup> de área de alojamento <sup>(D)</sup>			
B	-	Uma pessoa por 15,00 m <sup>2</sup> de área <sup>(E) (G)</sup>			
C	-	Uma pessoa por 3,00 m <sup>2</sup> de área <sup>(E) (J)</sup>			
D	-	Uma pessoa por 7,00 m <sup>2</sup> de área	100	60	100
E	E-1 a E-4	Uma pessoa por 1,50 m <sup>2</sup> de área <sup>(F)</sup>	30	22	30
	E-5, E-6	Uma pessoa por 1,50 m <sup>2</sup> de área <sup>(F)</sup>			
F	F-1	Uma pessoa por 3,00 m <sup>2</sup> de área	100	75	100
	F-2, F-5, F-8	Uma pessoa por m <sup>2</sup> de área <sup>(E) (G)</sup>			
	F-3, F-6, F-7	Duas pessoas por m <sup>2</sup> de área <sup>(G)</sup> (1:0,5 m <sup>2</sup> )			
	F-4	† <sup>(I)</sup>			

<sup>(E)</sup> Por "área" entende-se a "área de pavimento" que abriga a população em foco, conforme 3.7; quando discriminado o tipo de área (p.ex.: "área de alojamento"), é a área útil interna da dependência em questão.

<sup>(G)</sup> As cozinhas e suas áreas de apoio, nas ocupações F-6 e F-8, têm sua ocupação admitida como no grupo D, isto é, uma pessoa por 7 m<sup>2</sup> de área.

Fonte: NBR9077, com alterações do autor (2020).

Nas distâncias máximas a serem percorridas até a saída da edificação ambas as classificações se encaixam na categoria Z, com distâncias que variam entre 30m e 50m, sem a utilização de chuveiros automáticos, e 45m e 65m, com a utilização de chuveiros automáticos.

Tabela 22: Distâncias máximas a serem percorridas.

**Tabela 6 - Distâncias máximas a serem percorridas**

Tipo de edificação	Grupo e divisão de ocupação	Sem chuveiros automáticos		Com chuveiros automáticos	
		Saída única	Mais de uma saída	Saída única	Mais de uma saída
X	Qualquer	10,00 m	20,00 m	25,00 m	35,00 m
Y	Qualquer	20,00 m	30,00 m	35,00 m	45,00 m
Z	C, D, E, F, G-3, G-4, G-5, H, I	30,00 m	40,00 m	45,00 m	55,00 m
	A, B, G-1, G-2, J	40,00 m	50,00 m	55,00 m	65,00 m

Fonte: NBR9077, com alterações do autor (2020).

Como resultado do cruzamento entre a área do pavimento, a altura da edificação e a ocupação que esta desenvolve, se tem o número de saídas e os tipos de escadas necessários em cada edificação. Em ambas as classificações o número de saídas necessárias é uma e o tipo de escada novamente em ambas é igual (condicionada à área do pavimento).

Tabela 23: Número de saídas e tipos de escadas.

**Tabela 7 - Número de saídas e tipos de escadas**

Dimensão		P (área de pavimento ≤ 750 m <sup>2</sup> )									Q (área de pavimento > 750 m <sup>2</sup> )								
Altura		K	L			M	N			O	K	L			M	N			O
Ocupação		N <sup>os</sup>	N <sup>os</sup>	Tipo esc.	N <sup>os</sup>	N <sup>os</sup>	Tipo esc.												
Gr.	Div.																		
A	A-1	1	1	NE	1	NE	-	-	-	-	1	1	NE	1	NE	-	-	-	-
	A-2*	1	1	NE	1	NE	1	EP	1	PF	1	1	NE	2*	NE	2*	EP	2*	PF
	A-3	1	1	NE	1	NE	1	EP	2	PF	1	1	NE	2	NE	2	EP	2	PF
B	B-1	1	1	NE	1	EP	2	PF	2	PF	2	2	NE	2	EP	2	PF	2	PF
	B-2	1	1	EP**	1	EP	2	PF	2	PF	2	2	EP	2	EP	2	PF	2	PF
F	F-8	1	1	NE	2	EP	2	PF	2	PF	2	2	EP	2	EP	2	PF	2	PF

NE = Escada não enclausurada (escada comum);

\*\* = Em edificações de pequena área - Cód. "T" -, isto é, com área *total* inferior a 750 m<sup>2</sup>, admite-se o uso de escadas não enclausuradas (NE).

Fonte: NBR9077, com alterações do autor (2020).

No que diz respeito aos alarmes de incêndio, em ambas as categorias, segundo a norma, não se faz necessária a instalação.

## 8.5 NBR15401 - Meios de hospedagem - sustentabilidade

A norma 15401 estabelece os critérios aos quais os meios de hospedagem devem se adequar e seguir em prol de um turismo sustentável. Os requisitos mencionados na norma, abrangem as esferas ambientais, socioculturais e econômicos.

**3.2 Garantir os direitos das populações locais** O turismo deve buscar e promover mecanismos e ações de responsabilidade social, ambiental e de equidade econômica, inclusive a defesa dos direitos humanos e de uso da terra, mantendo ou ampliando, a médio e longo prazos, a dignidade dos trabalhadores e comunidades envolvidas (NBR15401, 2006, pg04)

As imposições feitas pela norma vão desde a conscientização dos funcionários, trabalhadores e clientes do empreendimento, até medidas de mitigação e combate dos impactos ambientais, como conservação de áreas naturais.

**5.2.1** O empreendimento deve cumprir a legislação para a implementação de atividades turísticas em áreas naturais.

**5.2.2** Como parte do comprometimento do empreendimento com a conservação de áreas naturais, o empreendimento deve: a) conservar área natural própria, empregando as boas práticas de proteção e manejo e conforme o previsto na legislação; b) quando não possuir uma área natural própria, apoiar a proteção e manejo de áreas naturais de terceiros na região. Convém que o empreendimento participe nas ações da gestão das áreas naturais protegidas.

**5.2.3** O empreendimento deve tomar medidas para promover a proteção da flora e da fauna. Estas medidas devem incluir, quando apropriado:

a) não permitir a comercialização de espécies da flora e fauna silvestres no empreendimento sem autorização legal;

b) não manter animais silvestres em cativeiro, exceto para reabilitação temporária ou como parte de um programa para reprodução ou reintrodução, com as devidas autorizações legais;

c) prevenção da coleta, captura, molestação, transporte ou uso de espécies da flora e fauna silvestres por parte dos seus clientes ou pessoas envolvidas nas atividades do empreendimento;

d) prevenção do uso predatório de matéria-prima proveniente de espécies da flora e fauna silvestres;

e) ações específicas para a proteção das espécies ameaçadas ou em perigo existentes na propriedade do empreendimento;

f) cuidados com os impactos luminosos e sonoros, de modo a minimizar possíveis mudanças do comportamento dos animais;

- g) prevenção da domesticação de animais silvestres mediante o uso de alimentação artificial;
- h) promoção de ações educativas junto aos clientes, com o propósito de gerar conhecimento e valorização dos ecossistemas da região (NBR15401, 2006, pg 10).

Outra das formas de mitigação de impactos negativos, de acordo com a norma, diz respeito à arquitetura do empreendimento que deve “ser integrada à paisagem, minimizando os impactos da implantação durante a construção, a operação e quando houver obras de reparo, ampliações ou outros tipos de alterações (NBR15401, 2006, pg10).”

**5.3.4** Convém que se utilizem materiais de construção disponíveis na região, originados de fontes sustentáveis, que se considere o uso das técnicas tradicionais, que se evite usar materiais de construção com grande impacto ambiental e que se procure tomar medidas de compensação ambiental para os materiais usados no empreendimento.

**5.3.5** A arquitetura das construções deve ser compatível com o entorno físico e cultural. Para tanto, aplicam-se os seguintes requisitos:

- a volumetria deve ser harmônica com o entorno e não deve descaracterizar os ambientes natural e cultural;
- devem-se manter as características do relevo local;
- devem-se tomar medidas para diminuir o impacto visual da infraestrutura de suporte (por exemplo, recorrendo ao uso de vegetação natural ou à topografia) (NBR15401, 2006, pg11).

Com relação ao paisagismo, é ressaltada a utilização de espécies de vegetação nativa e que “o paisagismo reflita o ambiente natural do entorno, inclusive com o uso de espécies nativas, desde que não sejam provenientes de extração ilegal (NBR15401, 2006, pg11)”.

Faz observações quanto aos efluentes e resíduos sólidos produzidos como resultado da exploração do empreendimento.

O empreendimento deve planejar e implementar medidas para reduzir, reutilizar ou reciclar os resíduos sólidos. O planejamento deve incluir o estabelecimento de metas de redução, reutilização e reciclagem, de acordo com as condições locais.

A gestão dos resíduos deve ser efetuada de acordo com a boa técnica, inclusive os resíduos gerados pelos clientes quando em campo, com a utilização de práticas como:

- aquisição preferencial de produtos em embalagens para grandes quantidades, quando compatível com as condições ambientais locais;

- prevenção do uso de embalagens descartáveis;
- utilização de recipientes adequados para a coleta;
- separação e coleta seletiva quando não existente no município;
- reutilização dos resíduos orgânicos, inclusive como insumo de produção para as comunidades locais (NBR15401, 2006, pg12).

No inciso 5.6 a norma trata da eficiência energética do empreendimento. É ressaltada a necessidade de minimização do consumo energético, principalmente de fonte não renováveis.

**5.6.3** É recomendável que o empreendimento faça uso de fontes de energia renováveis, na extensão e de acordo com as suas especificidades e tecnologias disponíveis, levando em conta os aspectos de viabilidade econômica e ambiental. Dentre estas convém considerar o uso de tecnologia solar ou outras de menor impacto ambiental.

**5.6.5** Os procedimentos de aquisição de equipamentos e insumos que consomem energia (como lâmpadas, equipamentos de refrigeração, geladeiras e frigoríficos, fogões, aquecedores, lavadoras de roupa, etc.) devem incluir como critério sua eficiência energética e a possibilidade do uso de fontes de energia alternativas.

**5.6.6** A arquitetura das construções deve utilizar as técnicas para maximizar a eficiência energética, tais como, por exemplo:

- isolamento térmico de paredes e forros;
- ventilação natural;
- otimização do uso da sombra e insolejamento;
- otimização do uso da iluminação natural;
- minimização das fugas e perdas de calor nas instalações hidráulicas, de aquecimento e de refrigeração;
- utilização de equipamentos e dispositivos de aquecimento ou refrigeração com eficiência energética maximizada (NBR15401, 2006, pg13).

O inciso 5.7 Conservação e gestão do uso de água, trata das medidas para mitigação do consumo de água. As disposições desta parte da norma têm em vista o uso racional da água para que não haja danos ao ambiente e nem prejudique o abastecimento da comunidade local.

**5.7.3** O empreendimento deve planejar e implementar medidas que asseguram que a captação e o consumo de água não comprometam a sua disponibilidade para as comunidades locais, flora e fauna, a vazão dos corpos d'água e o nível e proteção dos mananciais, preservando o equilíbrio dos ecossistemas.

As medidas devem incluir ações tais como:

- utilização de dispositivos para economia de água (como, por exemplo, torneiras e válvulas redutoras de consumo em banheiros, lavabos, chuveiros e descargas);
- programa específico, como troca não diária de roupa de cama e toalhas;
- programas de inspeção periódica nas canalizações e sua manutenção, com vistas à minimização das fugas de água. Devem ser mantidos registros dessas inspeções e reparos;
- captação e armazenamento de águas pluviais;
- preservação e revitalização dos mananciais de água (NBR15401, 2006, pg14).

As considerações quanto à utilização das amenidades e insumos pelo empreendimento, apontando que a melhor solução é a utilização de produtos de limpeza, higiene pessoal e demais, biodegradáveis.

**5.8.3** O empreendimento deve utilizar produtos de limpeza biodegradáveis.

**5.8.4** Os sabonetes e cosméticos para uso dos clientes e trabalhadores devem ser biodegradáveis. É conveniente que se utilizem dosadores para estes produtos (NBR15401, 2006, pg15).

Observa-se a preocupação nas relações entre o empreendimento e a comunidade local e regional, e nas mudanças que a implantação do empreendimento pode acarretar no dia-a-dia da comunidade. O inciso 6 da norma apresenta as disposições de como esta interação deve ocorrer, para que o empreendimento se torne agente de melhorias na vida da população local.

As operações e práticas do empreendimento devem contribuir para reconhecer, promover e respeitar o patrimônio cultural das regiões e as tradições e valores culturais não predatórios, e contribuir para o desenvolvimento social e econômico dos trabalhadores e comunidades envolvidas na cadeia produtiva (NBR15401, 2006, pg15).

Ainda sobre a população local, é importante que o empreendimento proporcione trabalho e renda para a comunidade, capacitando as pessoas locais, incentivando a cultura, venda de artesanato, culinária e demais áreas.

O empreendimento deve empregar, na maior extensão viável, trabalhadores (empregados, subcontratados ou autônomos) das comunidades locais ou regionais. Pelo menos 50% da força de trabalho envolvida com as operações do empreendimento devem ser provenientes das comunidades locais.

O empreendimento deve promover ações de capacitação profissional, de modo que pessoas das comunidades locais ou regionais possam obter trabalho diretamente no empreendimento ou pela ativação de cadeias produtivas regionais.

Recomenda-se que o empreendimento utilize pessoas das comunidades locais ou regionais na administração e no gerenciamento das suas operações.

O empreendimento deve estabelecer uma política de remuneração que não discrimine o pessoal das comunidades locais ou regionais nem discrimine gênero (NBR15401, 2006, pg16).

O empreendimento deve incentivar a venda de artesanatos e produtos típicos (inclusive culinários) da região, fornecidos por pessoas das comunidades locais, no empreendimento ou nas próprias comunidades locais, valorizando a comunidade e promovendo a interação entre o cliente e o artesão. Pode ser conveniente que o empreendimento estimule o resgate de técnicas artesanais ligadas à cultura local (NBR15401, 2006, pg16).

Por fim, percebe-se que a NBR15401 traz ferramentas que podem proporcionar mudanças positivas na implantação e exploração do empreendimento. A preservação do ambiente, cultura local e o envolvimento da comunidade local, tratado com bastante entonação na norma, traz benefícios mútuos, tanto para a comunidade quanto para o empreendimento.



## 9 Referenciais

## 9 REFERENCIAIS ARQUITETÔNICOS

Somente é possível a concepção de um projeto através da fundamentação deste em referenciais arquitetônicos e técnicos precedentes. Ao se analisar referenciais arquitetônicos e as soluções que nestes são empregadas se cria um repertório arquitetônico. A construção de um repertório é fundamental para que se possa propor soluções pertinentes na criação do projeto.

[...] para que possa gerar um partido, a imagem ou conceito precisa, obrigatoriamente, se apoiar no repertório arquitetônico que configura o aspecto objetivo e transmissível do conhecimento arquitetônico. É através de sua materialização por meio do repertório formal /compositivo / construtivo da arquitetura que um conceito ou imagem pode vir a ser um partido e, ao ser desenvolvido, um projeto (MAHFUZ, 1987, pg. 04).

A análise de precedentes arquitetônicos que desempenham funções e usos semelhantes ao da proposta desempenha papel fundamental para se transpor as adversidades do projeto. Assim, são propostas soluções assertivas e apropriadas ao projeto, gerando um projeto com qualidade, tectonicidade e pertinente.

## 9.1 Referenciais de Tema

### 9.1.1 Hotel Vivood

**Arquitetos:** Daniel Mayo, Agustín Marí, Pablo Vázquez

**Localização:** Alicante, Espanha.

**Área do terreno:** 84.000m<sup>2</sup>, 8,4ha.

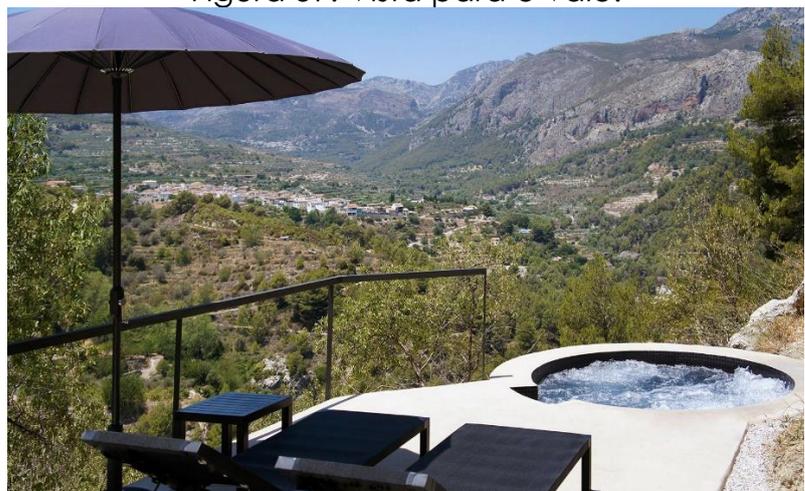
**Área construída:** 900m<sup>2</sup> aprox.

**Ano do projeto:** 2015.

Dadas as semelhanças entre o clima e a topografia do terreno onde o Hotel Vivood se insere, com o terreno da proposta, o referencial será analisado de forma completa desde a implantação à materialidade.

O Hotel Vivood está localizado na cidade de Alicante na Espanha. É classificado como hotel de paisagem (landscape hotel), o motivo de tal classificação é por estar inserido em terreno com elevada altitude que possibilita ampla vista do Vale de Guadalest. A vista para o Vale é o principal atrativo do hotel e foi o motivo da escolha do terreno para a implantação do empreendimento. Sendo a vista o cartão de visitas do hotel, todas as edificações voltam as perspectivas para ela.

Figura 59: Vista para o vale.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/776386/vivood-landscape-hotels-daniel-mayo-agustin-mari-pablo-vazquez>

Figura 60: Vista do terreno e dormitórios.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/776386/vivood-landscape-hotels-daniel-mayo-agustin-mari-pablo-vazquez>

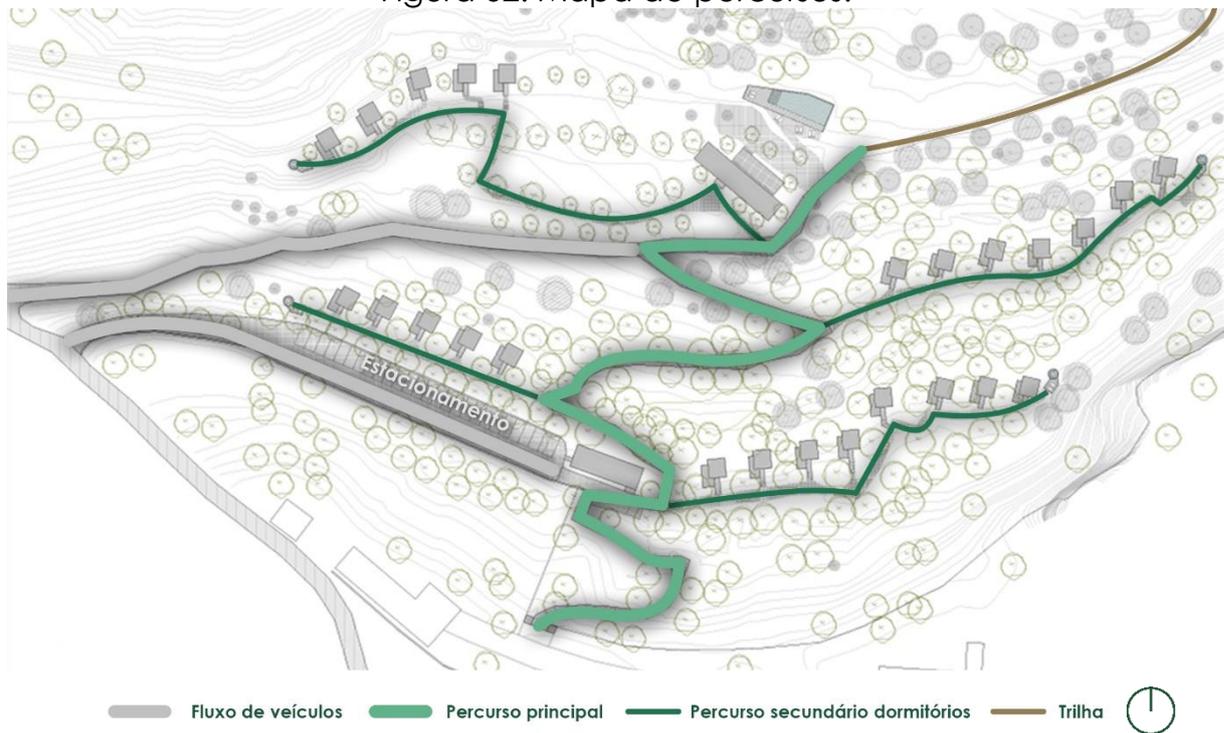
Figura 61: Vista do terreno e dormitórios.



Fonte: <https://www.vivood.com/en/facilities/architecture/>

O terreno onde o hotel está inserido era originalmente ocupado por um zoológico. Os arquitetos utilizaram grande parte do traçado original dos caminhos existentes, sinuosos para vencer a topografia do terreno, como sendo estes os acessos aos módulos de dormitórios e assim condicionaram os locais de implantação dos 25 módulos de dormitórios.

Figura 62: Mapa de percursos.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/776386/vivood-landscape-hotels>, com alterações do autor(2020).

Figura 63: Vista do caminho principal.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/776386/vivood-landscape-hotels-daniel-mayo-agustin-mari-pablo-vazquez>

A implantação do hotel articula-se em um eixo de circulação principal onde estão localizados os módulos da infraestrutura de lazer e administração do hotel. A partir do eixo principal partem eixos secundários de circulação onde estão alocados os módulos de dormitórios.

Figura 64: Implantação.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/776386/vivood-landscape-hotels>, com alterações do autor (2020).

O hotel é dividido em módulos e cada módulo desempenha funções específicas. Para a construção dos módulos foi utilizado o método de pré-fabricação, assim, os módulos chegaram prontos no local de instalação, içados e posicionados no local sobre as fundações (feitas in loco) já prontas.

Figura 65: Içamento dos módulos de dormitórios.

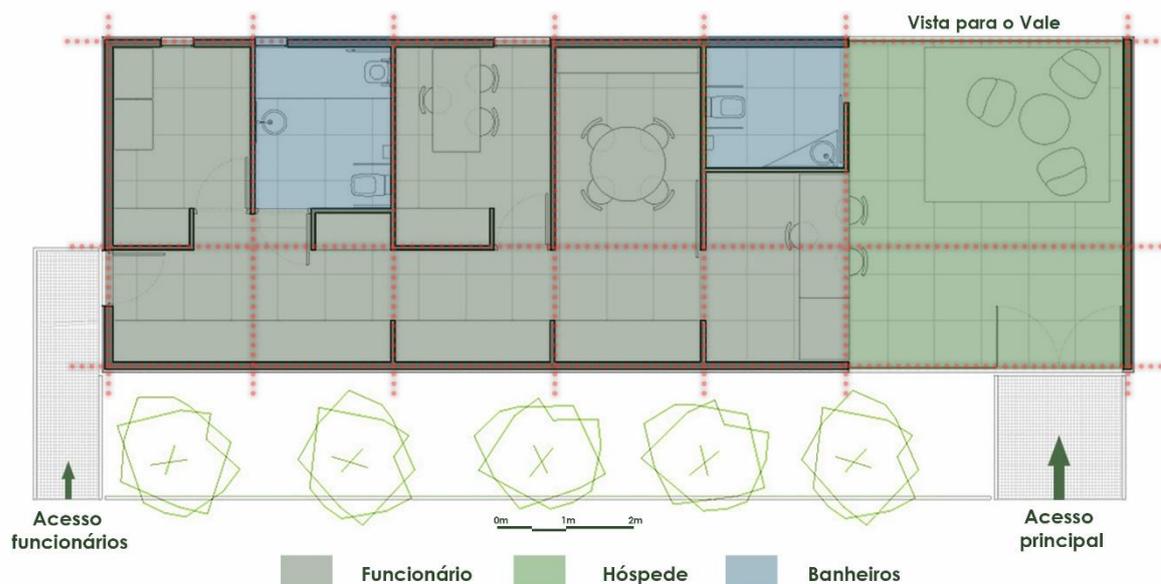


Fonte: <https://www.vivood.com/en/facilities/architecture/>

Ao se chegar no hotel o primeiro módulo à que se tem acesso é o módulo da recepção. Neste módulo estão alocados o lobby, a recepção e demais áreas destinadas à administração do hotel. O acesso de clientes e funcionários é feito em extremidades opostas da edificação. Pelo acesso de clientes chega-se diretamente ao lobby e em linha reta através dele possível ter a visão do Vale de Guadalest.

O módulo apresenta área total de 85,5m<sup>2</sup>, dividida em duas partes, uma para uso dos hóspedes e outra para a administração do hotel. A área de uso dos hóspedes corresponde a 1/3 da área total e os outros 2/3 são ocupados para a administração do hotel. O lobby possui 23,5m<sup>2</sup>, o lavabo de clientes 4,5m<sup>2</sup> e a recepção possui área de 7,5m<sup>2</sup>.

Figura 66: Planta Baixa Recepção.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/776386/vivood-landscape-hotels>, com alterações do autor (2020).

Figura 67: Vista do módulo da recepção.

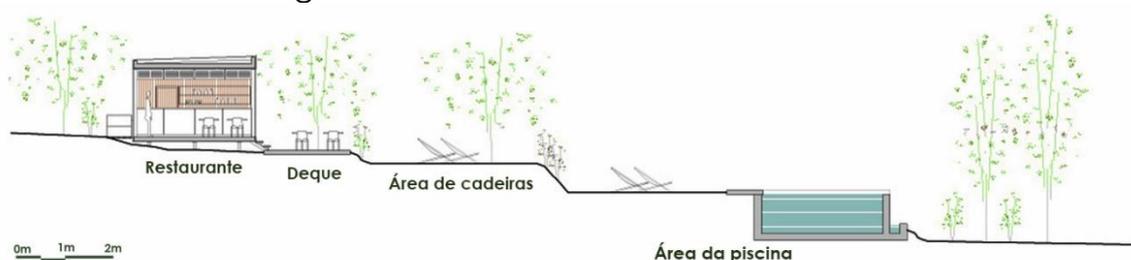


Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/776386/vivood-landscape-hotels-daniel-mayo-agustin-mari-pablo-vazquez>

O restaurante localiza-se próximo ao final do caminho principal. Junto a ele está a piscina de borda infinita que também apresenta vista panorâmica do vale. O volume do restaurante apresenta área total de 115m<sup>2</sup> (edificação somente). A edificação está articulada em três espaços distintos: cozinha com área de 35m<sup>2</sup>, salão de mesas com 65m<sup>2</sup> para 27 pessoas e banheiros masculinos e femininos com área de 15m<sup>2</sup>. Colado ao volume da edificação há também o deque externo que serve como área de mesas para mais 3, também, e apresenta área de 37,0m<sup>2</sup>.

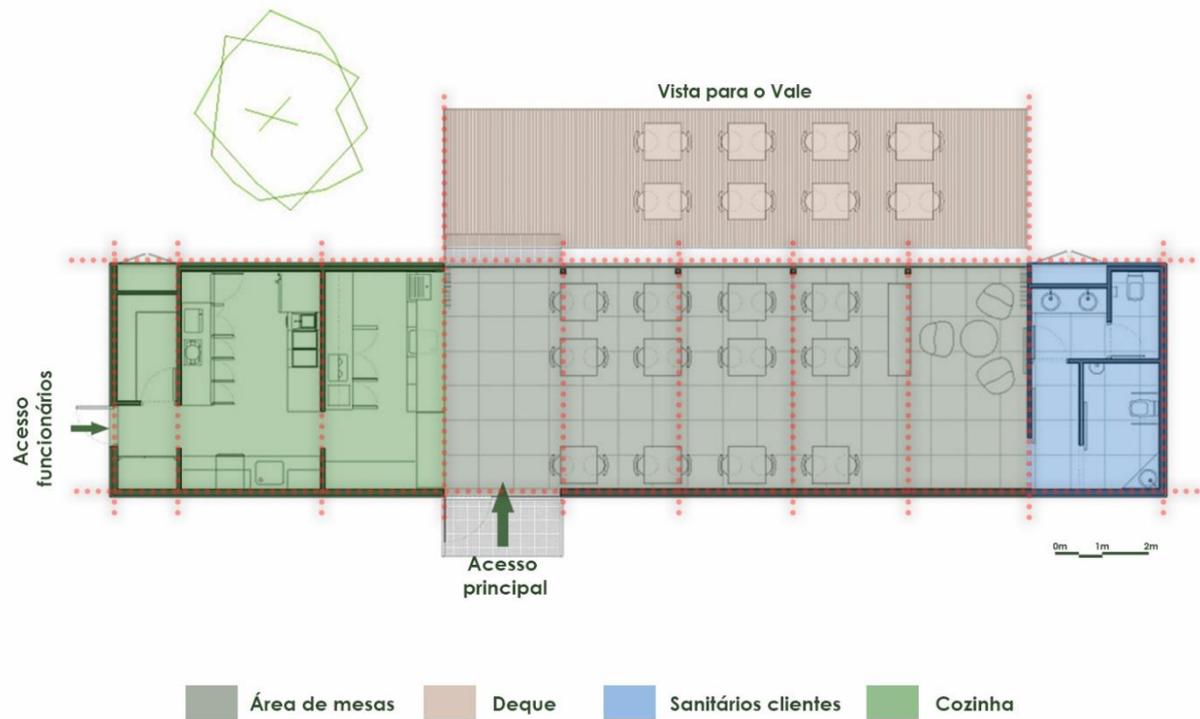
A área entre o restaurante e a piscina apresenta quatro níveis diferentes. Em ordem decrescente, da cota mais alta para a mais baixa, vem o restaurante, o deque externo, a área de cadeiras e a área da piscina.

Figura 68: Corte Restaurante e terreno.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/776386/vivood-landscape-hotels>, com alterações do autor (2020).

Figura 69: Planta Baixa Restaurante.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/776386/vivood-landscape-hotels>, com alterações do autor (2020).

Figura 70: Vista do restaurante.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/776386/vivood-landscape-hotels-daniel-mayo-agustin-mari-pablo-vazquez>

Figura 71: Vista do vale a partir da piscina.

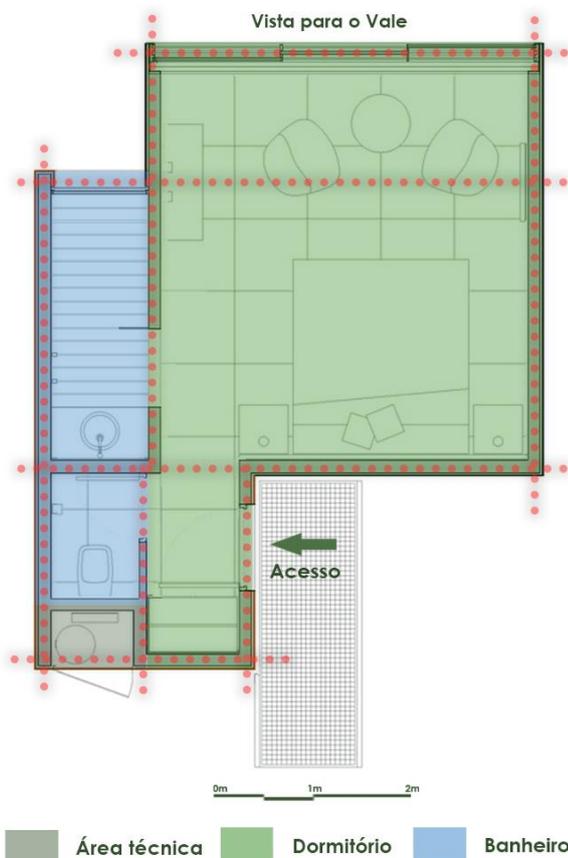


Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/776386/vivood-landscape-hotels-daniel-mayo-agustin-mari-pablo-vazquez>

Os dormitórios estão articulados nos quatro eixos de circulação secundários que têm início a partir do caminho principal, dois do lado leste e dois do lado oeste, como é possível de se ver na figura 64. Cada eixo de circulação é de uso exclusivo dos hóspedes das unidades que nele estão alocadas. Os módulos de dormitórios somam no total 25 unidades.

O módulo do dormitório apresenta área total de 26,0m<sup>2</sup>, pensados para dois hóspedes somente. O módulo está compartimentado em: banheiro, com área de 5,0m<sup>2</sup> e que apresenta área do sanitário separada do chuveiro e lavatório; dormitório com área de 20,0m<sup>2</sup>, que conta com estar, área de cama, hall de entrada e guarda-roupas; e por fim, área técnica com área de 0,8m<sup>2</sup>, que é o espaço no qual estão alocados a central de energia, boiler e demais equipamentos necessários à manutenção e funcionamento do módulo, acessível somente pelo lado externo.

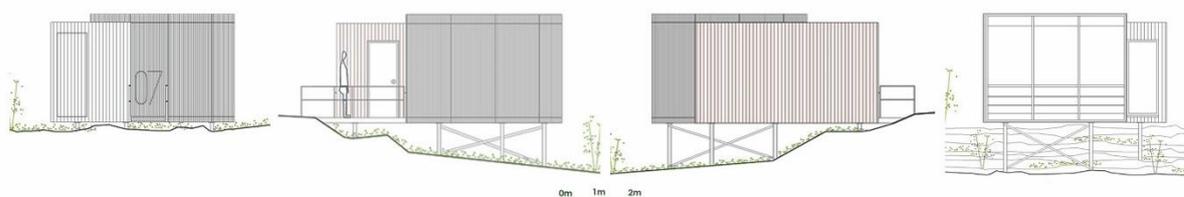
Figura 72: Planta Baixa Recepção.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/776386/vivood-landscape-hotels>, com alterações do autor (2020).

Todas as unidades estão implantadas em parcelas peculiares do terreno que apresentam topografia distinta. A topografia do terreno foi solucionada com o uso de pilares metálicos, de tamanhos variados, para que fosse possível o acesso fácil a cada unidade, também a visão desimpedida do vale e a privacidade de cada unidade.

Figura 73: Fachadas módulo de dormitório.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/776386/vivood-landscape-hotels>, com alterações do autor (2020).

Figura 74: Vista do dormitório.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/776386/vivood-landscape-hotels-daniel-mayo-agustin-mari-pablo-vazquez>

Figura 75: Vista do acesso ao dormitório.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/776386/vivood-landscape-hotels-daniel-mayo-agustin-mari-pablo-vazquez>

Figura 76: Vista noturna.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/776386/vivood-landscape-hotels-daniel-mayo-agustin-mari-pablo-vazquez>

A materialidade do hotel é racional, concisa e trabalha-se com número reduzido de materiais. As peças estruturais como guarda-corpo, corrimãos, rampas de acesso aos dormitórios, pilares e vigas resumem-se a metal com pintura preta. Para o revestimento das fachadas fez-se uso três materiais, sendo eles madeira, painel *viroc* e vidro.

Figura 77: Materialidade fachada dos dormitórios.



Fonte: <https://www.vivood.com/en/facilities/architecture/>

Para o interior das áreas comuns como o restaurante, lobby e recepção fez-se uso, do painel *viroc* e da madeira como revestimentos das paredes e para o revestimento do piso porcelanato 60X60cm cinza claro fosco. Já para o interior dos dormitórios foi de escolha dos arquitetos trabalhar com gesso acartonado com acabamento em pintura branca para o teto e para as paredes, e para o piso a escolha foi porcelanato 60X60cm cinza claro fosco.

Figura 78: Interior do lobby.



Fonte: <https://www.vivood.com/en/facilities/architecture/>

Figura 79: Vista interna do dormitório.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/776386/vivood-landscape-hotels-daniel-mayo-agustin-mari-pablo-vazquez>

### 9.1.2 Hotel Pedras do Patacho

**Arquitetos:** Hautlab.

**Localização:** Albergues, Brasil.

**Área construída:** 1.207,0m<sup>2</sup>.

**Ano do projeto:** 2017.

O Hotel Pedras do Patacho está inserido na cidade de Albergues, cidade da região costeira do estado de Alagoas. É um hotel de pequeno porte, com número reduzido de suítes, sete no total, com acomodações para duas pessoas em cada.

Figura 80: Vista da recepção.



Fonte: <https://www.google.com.br/maps>

O terreno onde o hotel se insere apresenta topografia plana e acesso direto à Praia de Patacho. Como acontece no referencial anterior, o Pedras do Patacho tem a paisagem, o local de inserção, como ponto chave da escolha do terreno e da temática do hotel.

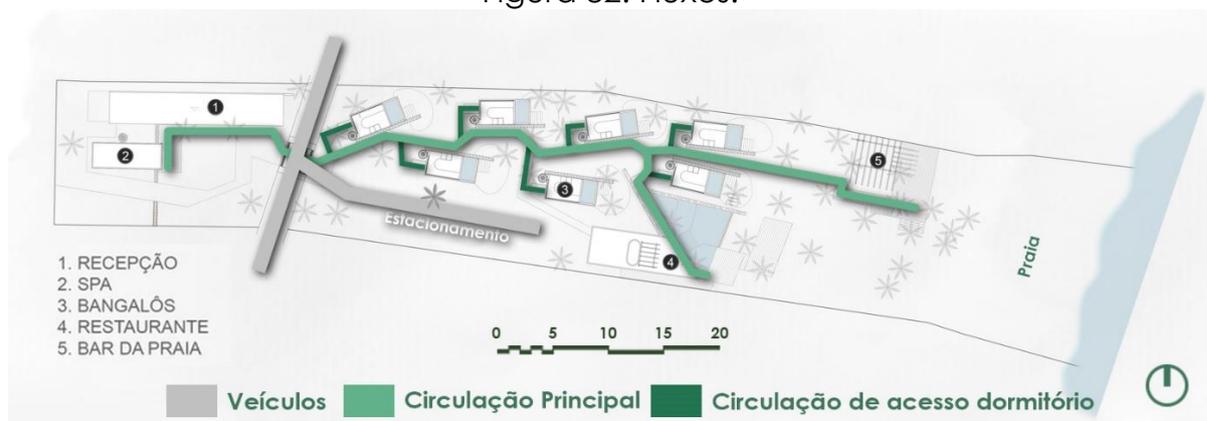
Figura 81: Vista aérea local de inserção.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/pousada-pedras-do-patacho>

O terreno de implantação apresenta topografia plana e totaliza 4.000m<sup>2</sup> de área aproximadamente. Na porção oeste é cortado pela estrada que dá acesso ao hotel. Isso influenciou o local de implantação do módulo da recepção dos hóspedes. O módulo da recepção dá início à circulação principal, que conecta todas as edificações que compõe o hotel e a praia. Essa circulação rege a posição de inserção dos módulos restantes.

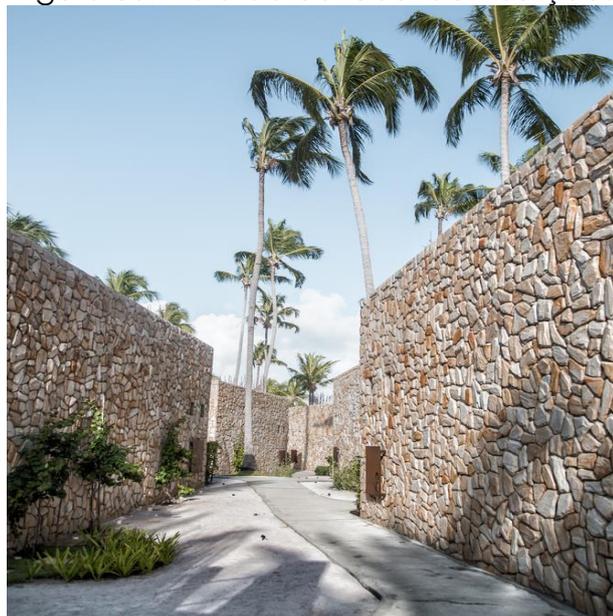
Figura 82: Fluxos.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/pousada-pedras-do-patacho>, com alterações do autor.

Os módulos de dormitórios estão dispostos em diagonal a partir do percurso principal de forma que as pessoas que passam pelo caminho não consigam visualizar o interior do dormitório, garantindo a privacidade de cada hóspede.

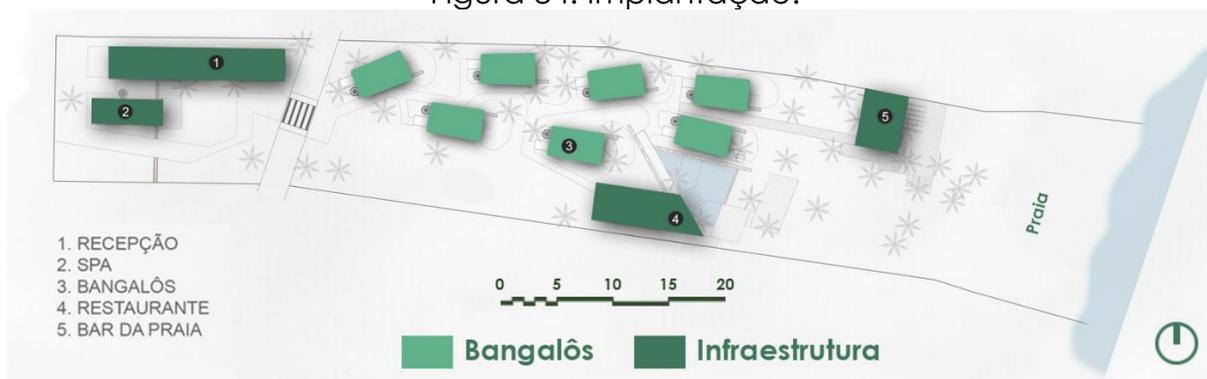
Figura 83: Vista aérea local de inserção.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/pou-sada-pedras-do-patacho>

Os módulos se dividem em três partes, no lado oeste do terreno localizam-se os módulos da recepção e do spa, na porção central do terreno estão alocados os módulos de dormitórios e na porção leste do terreno, mais próximos à praia, estão o restaurante, a piscina e o bar (Figura 84).

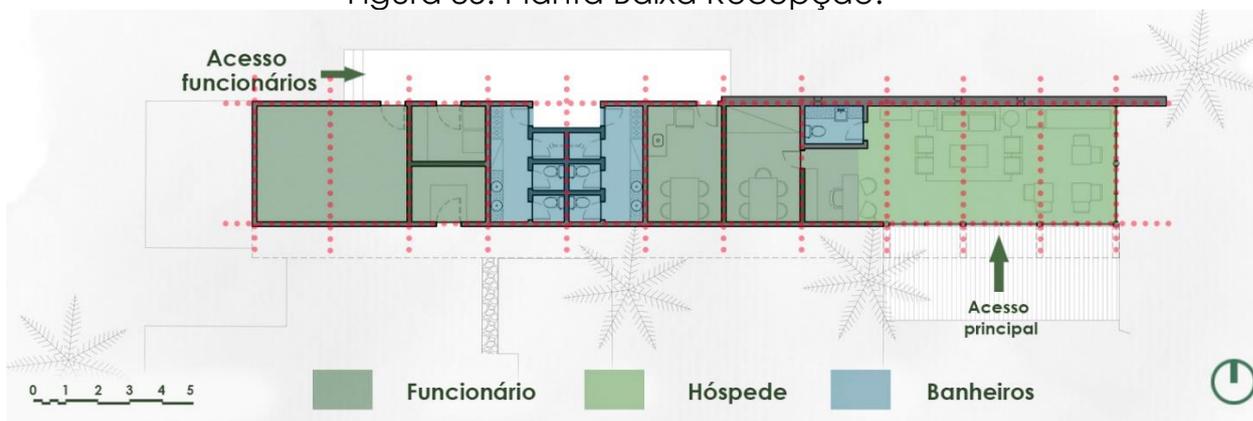
Figura 84: Implantação.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/pousada-pedras-do-patacho>, com alterações do autor (2020).

O módulo da recepção em particular apresenta soluções arquitetônicas que distam do restante do hotel. O módulo é dividido em duas partes, uma para o lobby e a recepção e outra para os funcionários. A parcela do módulo que se destina aos funcionários apresenta uma copa para quatro pessoas com área de 9m<sup>2</sup>, vestiários (feminino e masculino) com dois sanitários, um chuveiro e lavatórios com área de 8m<sup>2</sup>, e depósitos. A parte que se destina aos hóspedes apresenta o lobby com área de 32m<sup>2</sup>, um lavabo, recepção com área de 5m<sup>2</sup> e sala de reuniões para 5 pessoas com área de 9m<sup>2</sup>.

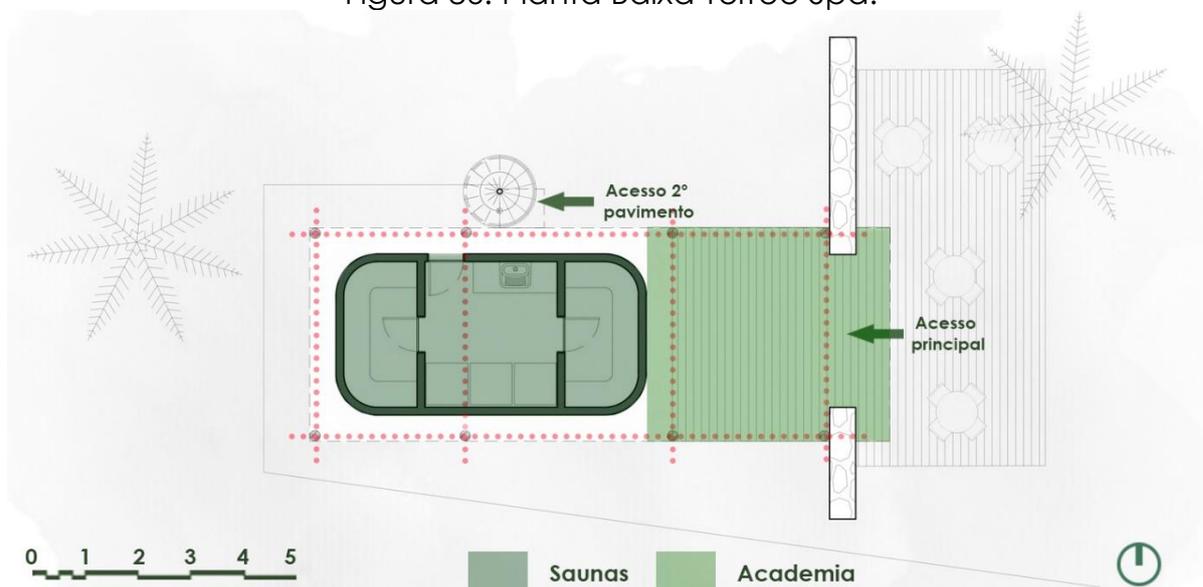
Figura 85: Planta Baixa Recepção.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/pousada-pedras-do-patacho>, com alterações do autor (2020).

A edificação destinada ao spa distribui-se em dois pavimentos. O pavimento térreo apresenta duas áreas distintas, uma área aberta de 20m<sup>2</sup> utilizada como uma academia e uma parte fechada área de 18m<sup>2</sup> onde estão alocadas duas saunas. O volume onde as saunas estão alocadas tem as paredes recuadas em relação ao pavimento superior. O alinhamento das paredes superiores pode ser percebido através das duas linhas de pilares que o sustentam.

Figura 86: Planta Baixa Térreo Spa.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/pousada-pedras-do-patacho>, com alterações do autor (2020).

O segundo pavimento é acessado por meio de uma escada em espiral externa. O primeiro ambiente que se tem acesso ao chegar ao segundo pavimento é a sala de espera, na parte central deste pavimento, com área de 10m<sup>2</sup>. Em um dos lados da sala está a sala do spa propriamente dito, a sala tem área de 7m<sup>2</sup> e é acompanhada por um banheiro, completo com chuveiro.

Na lateral oposta da sala de espera há uma suíte destinada a acomodações para funcionários. Essa suíte é composta por área de dormitório, banheiro completo e área de varanda direcionada para o lado leste, para a praia.

Figura 87: Planta Baixa Segundo Pavimento Spa.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/pousada-pedras-do-patacho>, com alterações do autor (2020).

Figura X: Vista volume do spa.



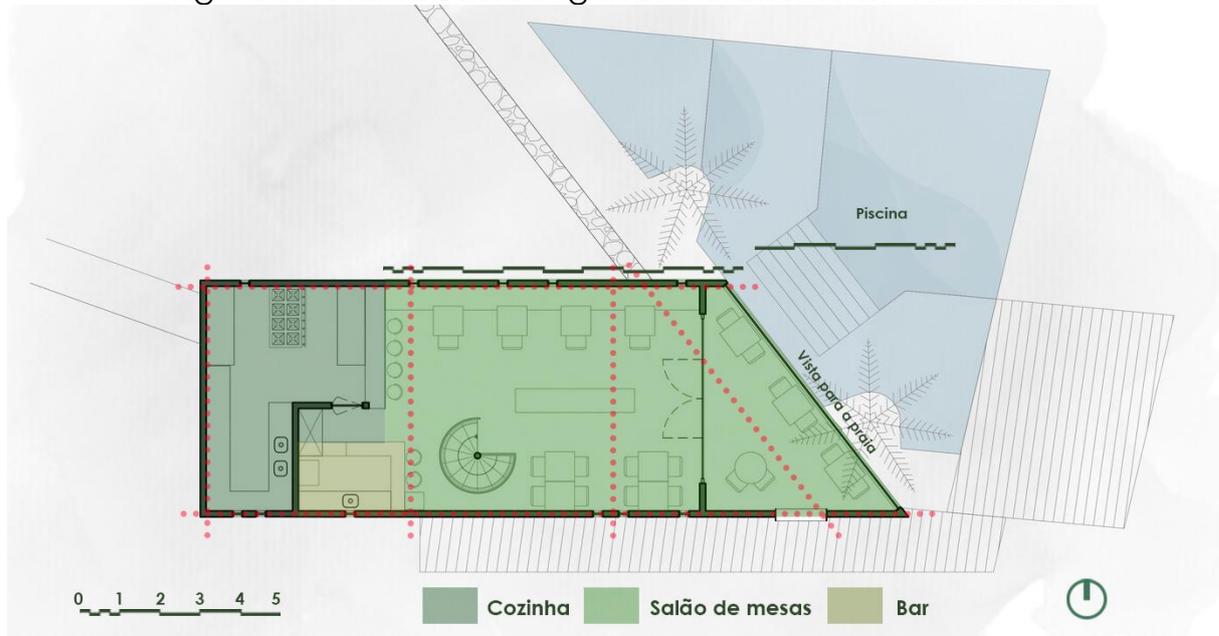
Fonte: <https://www.google.com.br/maps>

O restaurante do hotel está localizado do lado leste do terreno, próximo ao lado da piscina comum do hotel e com vista direta da praia. O restaurante é constituído de três pavimentos. No primeiro pavimento há apenas a escada de acesso e o banheiro (único) do restaurante, o restante do pavimento é aberto tendo somente um muro de pedra entre o volume de acesso e a piscina.

O restaurante propriamente dito acontece no segundo pavimento. É onde estão alocados a cozinha com área de 20,5m<sup>2</sup>, o bar com área de 4,5m<sup>2</sup> e o salão de mesas com capacidade para 28 pessoas. O salão de mesas tem

60m<sup>2</sup> de área, divididos em duas áreas distintas, uma interna com 45m<sup>2</sup> e uma varanda com 15m<sup>2</sup>, que tem vista direta para a praia. Sobre o restaurante ainda há um terraço de livre acesso aos hóspedes, com mobiliário para descanso.

Figura 88: Planta Baixa Segundo Pavimento Restaurante.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/pousada-pedras-do-patacho>, com alterações do autor (2020).

Figura 89: Vista interna restaurante.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/pousada-pedras-do-patacho>

Figura 90: Vista da varanda do restaurante.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/pousada-pedras-do-patacho>

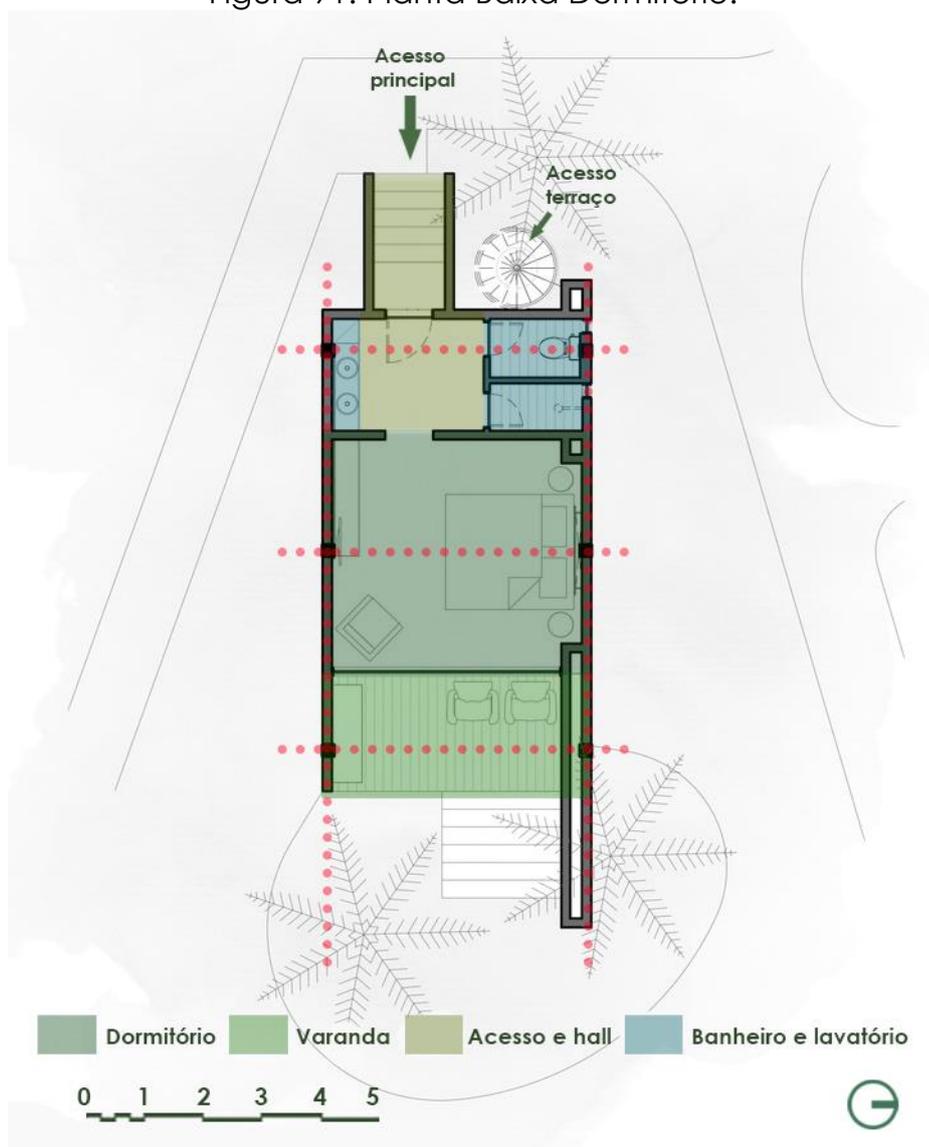
Figura 90: Piscina e restaurante.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/pousada-pedras-do-patacho>

O módulo de dormitórios tem área total de 38m<sup>2</sup>, divididos em área de dormitório com 18m<sup>2</sup>, hall de entrada e banheiro com área de 9m<sup>2</sup>, varanda com 9m<sup>2</sup> e acesso coberto com 2m<sup>2</sup>.

Figura 91: Planta Baixa Dormitório.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/pousada-pedras-do-patacho>, com alterações do autor (2020).

Por estarem distribuídos ao longo da circulação principal apresentam na lateral voltada para a circulação uma empena cega para maior privacidade dos hóspedes. Na cobertura do módulo, acessado através de uma escada externa, há um terraço de uso privado para cada dormitório. O terraço contém, além do mobiliário e do paisagismo, uma piscina, também, de uso restrito de cada dormitório.

Figura 92: Acesso dormitórios.



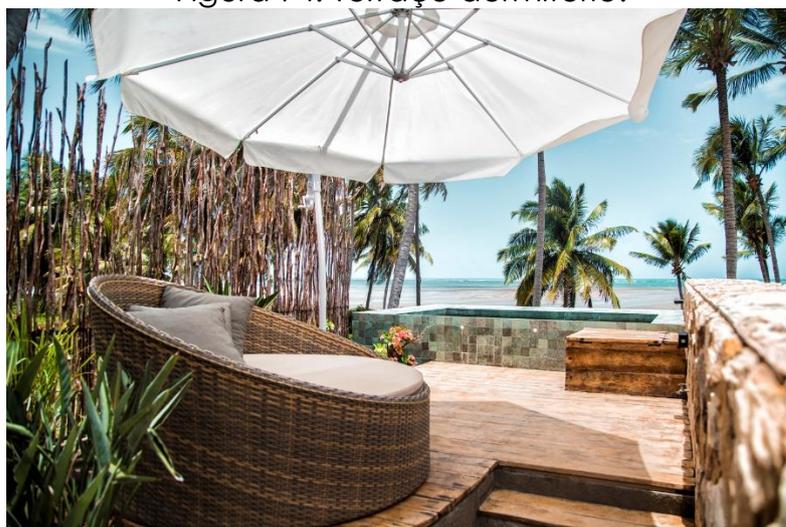
Fonte: <https://www.archdaily.com.br/pousada-pedras-do-patacho>

Figura 93: Exterior do dormitório.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/pousada-pedras-do-patacho>

Figura 94: Terraço dormitório.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/pousada-pedras-do-patacho>

## 9.2 Referencial de Dormitório

### 9.2.1 Sacromonte Landscape Hotel

**Arquitetos:** MAPA Arquitetura.

**Localização:** Maldonado, Uruguai.

**Área construída:** m<sup>2</sup>.

**Ano do projeto:** 2018.

O projeto faz parte de um conjunto de quatro unidades que compõe algumas das acomodações do Hotel Sacromonte. O hotel está localizado na região das Sierras del Carapés, na cidade de Maldonado, região serrana do Uruguai. Na propriedade do hotel/resort há a exploração de videiras para a fabricação de vinhos finos. A origem da comida servida no hotel é toda de produtores locais e orgânica. O público alvo do hotel são de classe média-alta.

Os módulos de dormitórios estão inseridos em parcelas distintas do terreno. No entanto, os locais de implantação dos módulos têm em comum a altitude, pois estão inseridos nas parcelas altas do terreno, de forma a proporcionar melhores vistas da paisagem.

O método de construção utilizado para a construção foi a pré-fabricação. Utilizando a combinação de *steel framing* e *light steel framing* como método de pré-fabricação.

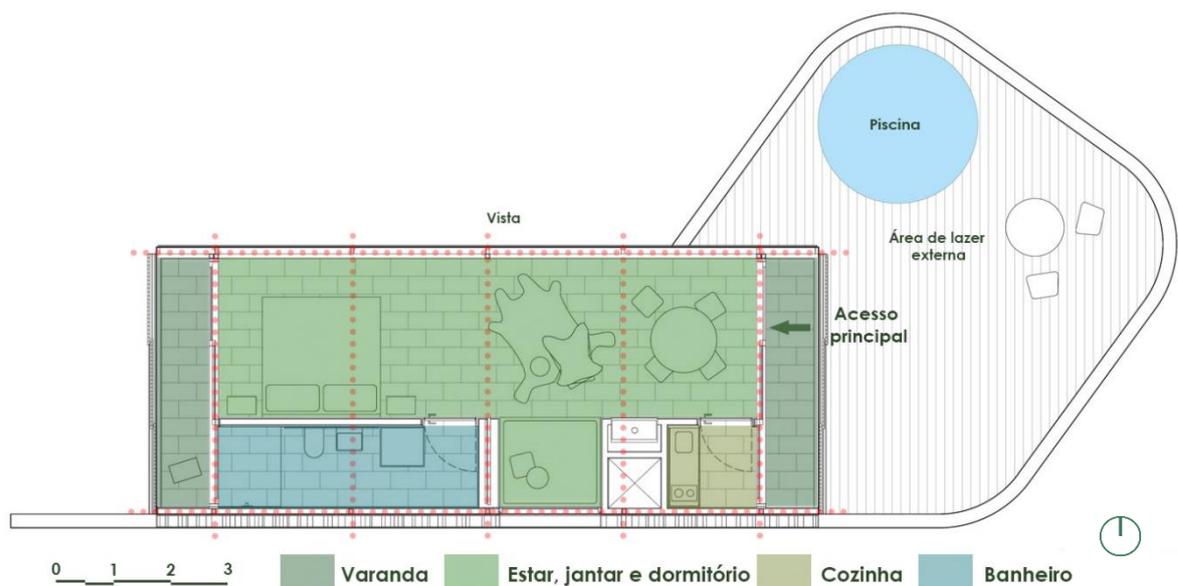
Figura 95: Local de inserção.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/898481/sacromonte-landscape-hotel-shelters>

O projeto apresenta área total de 60m<sup>2</sup>, não contabilizando a área externa que somam outros 48m<sup>2</sup>. As acomodações contemplam mobiliário para receber duas pessoas por módulo.

Figura 96: Planta Baixa Módulo de Dormitório.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/898481/sacromonte-landscape-hotel-shelters>, com alterações do autor (2020).

As áreas em seu interior estão divididas em três ambientes. O maior ambiente detém área de 30m<sup>2</sup> e contempla a área de estar, jantar e o dormitório. A divisão deste ambiente com o restante do módulo é feita com paredes revestidas com chapas de madeira. Nas chapas estão camufladas as portas para acesso dos outros ambientes. Um dos ambientes é o banheiro, que apresenta área de 8m<sup>2</sup> e está localizado diretamente atrás da cabeceira da cama. Outro ambiente é a cozinha com área de 3m<sup>2</sup> e está equipada com fogão de indução, pia e um forno à lenha junto à lareira voltado para a área de estar. Entre o banheiro e a cozinha há um espaço de leitura, com espaço para sentar e com abertura.

Figura 97: Vista interior.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/898481/sacromonte-landscape-hotel-shelters>

Figura 98: Vista interior.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/898481/sacromonte-landscape-hotel-shelters>

Figura 99: Vista para a serra.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/898481/sacromonte-landscape-hotel-shelters>

O tratamento das fachadas condiciona e indica a os usos e a orientação do módulo. Em sua fachada sul apresenta apenas uma esquadria de pequenas proporções, de vidro fixo, e o tratamento da fachada é feito com revestimento de tocos de madeira cerrados. A janela ali posicionada abre-se para o ambiente de leitura.

Figura 100: Fachada sul.



Fonte: <https://mapaarq.com/pt-br/work/sac/>

A fachada leste e oeste têm o mesmo tratamento. O fechamento externo é feito com painéis de correr de madeira ripada. Atrás dos painéis se tem acesso a uma pequena varanda e às esquadrias dos ambientes interiores. No lado leste é onde acontece o acesso através das janelas de correr e a janela da cozinha. No lado oeste o acesso à varanda é feito através das esquadrias do dormitório e é para lá que se volta a janela do banheiro.

Figura 101: Vista fachada sul e oeste.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/898481/sacromonte-landscape-hotel-shelters>

Figura 102: Fachada Leste, acesso.



Fonte: <https://mapaarq.com/pt-br/work/sac/>

A fachada norte recebe tratamento diferente das outras fachadas. Esta é a fachada que apresenta a melhor vista da serra, portanto, toda a fachada

norte é tratada com grandes painéis de vidro refletisse a paisagem ao seu redor. Para esta fachada se volta o ambiente principal com estar, jantar e o dormitório.

Figura 103: Vista fachada norte.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/898481/sacromonte-landscape-hotel-shelters>

Madeira e pedra foram utilizadas para a construção da base que sustenta o módulo e que regulariza o terreno. A escolha de materiais naturais para esta parte tem o intuito de fazer a ligação entre o elemento pré-fabricado e o elemento natural, no caso, o terreno e a paisagem, o interior e o exterior.

Figura 104: Regularização do terreno.



Fonte: <https://mapaarq.com/pt-br/work/sac/>

### 9.3 Referenciais – Considerações finais

Como já mencionado no texto anteriormente, ao se analisar um referencial arquitetônico é necessário dar importância às soluções adotadas para transpor as adversidades que aparecem na hora de se propor um projeto. É de grande valia que se tome conhecimento de soluções anteriormente adotadas e aplicá-las na fase de se propor um projeto. Na análise dos referenciais percebem-se algumas semelhanças na resolução dos problemas. Assim, entende-se que as soluções adotadas são pertinentes e é oportuno aplica-las ao projeto.

Os referenciais analisados têm semelhanças nas soluções utilizadas e pelas quais se caracterizam. Muitas das soluções utilizadas são de grande valia e podem ser amplamente utilizadas, desde o método de fabricação à posição das edificações no terreno.

Dos métodos de fabricação nota-se, a partir dos referenciais, que trabalhar com sistemas pré-fabricados tem grandes benefícios e para terrenos afastados de centros urbanos é uma solução adequada. Além do menor volume de rejeitos provenientes da construção, no sistema pré-fabricado se tem um controle de qualidade e um acabamento melhor em comparação à construção in loco.

Quando se trata do local de inserção dos hotéis, há um consenso que se o hotel está inserido em ambiente de natureza abundante, é lógico que os hóspedes tenham acesso e convivam em meio a natureza frequentemente durante a sua estadia. Os dormitórios também entram nesse requisito, pois se o local de inserção for de altitude elevada e propicie vistas da paisagem, é oportuno que o hóspede tenha acesso a essa vista a partir de seu dormitório.

Em todos os referenciais analisados os dormitórios estavam separados em módulos isolados. Assim, além de prover privacidade, um ambiente isolado e calmo, o hóspede tem contato com a natureza assim que sai do seu dormitório.

Quanto ao percurso a ser percorrido pelo hóspede para que ele possa ir de seu dormitório até as áreas de lazer e refeições, os referenciais fazem o tratamento da pavimentação deste percurso com materiais porosos e permeáveis, pedras e grama. Não são trabalhadas coberturas para estes trajetos, o que impõe ao hóspede transladar pelo hotel sob céu aberto, submetido às condicionantes climáticas do momento.

Figura 105: Experiência.



Fonte: <https://mapaarq.com/pt-br/work/sac/>

Ao se abordar a materialidade utilizada, nota-se que a madeira está presente em todos os referenciais. A presença da madeira em um ambiente interno faz com que este ambiente tenha um aspecto de aconchego e calor. Desta forma, visando o diálogo entre o projeto e a natureza feito através de um elemento natural, inserir a madeira nas fachadas e ambientes externos, é apropriado.

## REFERÊNCIAS

ABNT. **NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos.** 2015. Disponível em:

<[http://abridef.org.br/conteudoExtra/abridef-arquivo-2016\\_07\\_05\\_09\\_49\\_50-361.pdf](http://abridef.org.br/conteudoExtra/abridef-arquivo-2016_07_05_09_49_50-361.pdf)> Acesso em: 30 jun. 2020.

ABNT. **NBR 9077: Saídas de emergência em edifícios.** 2001. Disponível em:

<[https://www.cnmp.mp.br/portal/images/Comissoes/DireitosFundamentais/Acessibilidade/NBR\\_9077\\_Sa%C3%ADdas\\_de\\_emerg%C3%Aancia\\_em\\_edif%C3%ADcios-2001.pdf](https://www.cnmp.mp.br/portal/images/Comissoes/DireitosFundamentais/Acessibilidade/NBR_9077_Sa%C3%ADdas_de_emerg%C3%Aancia_em_edif%C3%ADcios-2001.pdf)> Acesso em: 30 jun. 2020.

ABNT. **NBR 15401: Meios de hospedagem - Sistema de gestão da sustentabilidade - Requisitos.** 2006. Disponível em:

<<http://www.sistemafaemg.org.br/agenteturismo/Legisla%C3%A7%C3%A3o%20do%20Agente%20de%20Turismo%20Rural/Hospedagem/21425202939-mh-sistema-de-gestao-da-sustentabilidade.pdf>> Acesso em: 30 jun. 2020.

ARCHDAILY. **Hotel Pedras do Patacho.** 2017. Disponível em:

<[https://www.archdaily.com.br/br/904704/pousada-pedras-do-patacho-hautlab?ad\\_source=search&ad\\_medium=search\\_result\\_all](https://www.archdaily.com.br/br/904704/pousada-pedras-do-patacho-hautlab?ad_source=search&ad_medium=search_result_all)> Acesso em: 15 jun. 2020.

ARCHDAILY. **Hotel Vivood.** 2015. Disponível em:

<<https://www.archdaily.com.br/br/776386/vivood-landscape-hotels-daniel-mayo-agustin-mari-pablo-vazquez>> Acesso em: 15 jun. 2020.

ARCHDAILY. **Sacromonte Landscape Hotel Shelters.** 2017. Disponível em:

<[https://www.archdaily.com.br/br/898481/sacromonte-landscape-hotel-shelters-mapa?ad\\_source=search&ad\\_medium=search\\_result\\_all](https://www.archdaily.com.br/br/898481/sacromonte-landscape-hotel-shelters-mapa?ad_source=search&ad_medium=search_result_all)> Acesso em: 15 jun. 2020.

BARTALINI, V. **Natureza, paisagem e cidade.** Pós. Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Arquitetura E Urbanismo Da FAUUSP, 20(33), 36-48. 2013.

Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2317-2762.v20i33p36-48>> Acesso em : 24 abr. 2020.

BORGUINI, R. G., & TORRES, E. A. F. DA S. **Alimentos orgânicos: qualidade nutritiva e segurança do alimento.** Segurança Alimentar E Nutricional, 13(2), 64-75. 2006.

Disponível em: <<https://doi.org/10.20396/san.v13i2.1833>> Acesso em: 23 abr. 2020.

BRASIL. **Ministério do Turismo. Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural no Brasil.** Brasília: Ministério do Turismo, 2010. Disponível em:

<[http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/Turismo\\_Rural\\_Versxo\\_Final\\_IMPRESSxO\\_.pdf](http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Rural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf)> Acesso em: 18 mai. 2020.

CARVALHO, M. B. de. **Análise de mercado e projeto de hospedagem Hotel Fazenda.** Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/118578>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

CHEMIN, B. F. **Manual da Univates para trabalhos acadêmicos: planejamento, elaboração e apresentação.** 3. ed. Lajeado: Univates, 2015. E-book. Disponível em: <[www.univates.br/biblioteca](http://www.univates.br/biblioteca)>. Acesso em: 19 mai. 2020.

DORNELLES, G. C., MONTEIRO, M. **Sistema orgânico de produção de alimentos.** Alim. Nutr., Araraquara, v.15, n.1, p.73-86. 2004. Disponível em: <<http://serv-bib.fcfar.unesp.br/seer/index.php/alimentos/article/viewArticle/59>> Acesso em: 20 abr. 2020.

FANTINELI, D. G., & BECKER, E. L. **Disciplinarum. Scientia. Série: Ciências Humanas,** Santa Maria, v. 12, n. 1, p. 59-70. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.edu.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/1718>> Acesso em: 10 abr. 2020.

FARROUPILHA. **PDDTI - Plano Diretor de Desenvolvimento Territorial Integrado do Município de Farroupilha.** 2015. Disponível em: <<http://farroupilha.rs.gov.br/servicos/requerimentos/leis/>>. Acessado em: 29 jun. 2020.

FARROUPILHA. **Código de Edificações do Município de Farroupilha.** 2015. Disponível em: <<http://farroupilha.rs.gov.br/servicos/requerimentos/leis/>>. Acessado em: 29 jun. 2020.

FILIPPON, M. I. **A casa do imigrante italiano, a linguagem do espaço de habitar.** Dissertação de Mestrado - UCS. Caxias do Sul, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/handle/11338/241>>. Acesso em: 19 mar. 2020.

FIGUEIREDO, Lauro César. **Quarta Colônia De Imigração Italiana Na Região Central Do Rio Grande Do Sul: Os sítios históricos na construção do patrimônio e da paisagem cultural.** Raega - O Espaço Geográfico em Análise, [S.l.], v. 31, p. 147 - 183, feb. 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/29322>>. Acesso em: 24 abr. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/raega.v31i0.29322>.

GUTERRES, I. (org.) **Agroecologia militante: contribuições de Ênio Guterres.** São Paulo: Expressão Popular, 2006.

GUZMÁN, E. S. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável E Rural.** Porto Alegre. 2000. Disponível em: <<http://www.agencia.cnptia.embrapa.br>> Acesso em: 20 abr. 2020.

IBGE. **CensoAgro 2017 – Rio Grande do Sul**. 2017. Disponível em: <[https://censoagro2017.ibge.gov.br/templates/censo\\_agro/resultadosagro/produtores.html?localidade=43](https://censoagro2017.ibge.gov.br/templates/censo_agro/resultadosagro/produtores.html?localidade=43)> Acesso em: 22 jun. 2020.

IBGE. **Portal Cidades – Farroupilha**. 2010-19. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/farroupilha/panorama>> Acesso em: 22 jun. 2020.

IBGE. **Sustentabilidade de ponta a ponta**. In: Revista Retratos. N17, jul/ago 2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br>> Acesso em: 22 abr. 2020.

IPHAN. **A questão do nacional no IPHAN: Anais da III Oficina de Pesquisa/Coordenação - Geral de Pesquisa e Documentação**. – Rio de Janeiro: IPHAN, DAF, Copedoc, 2010. Disponível em: <<https://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3847>>. Acesso: 12 mar. 2020.

KANAAN, B. R. **ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História**, Fortaleza. 2009. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772006\\_7906ab5e605881d31241c562e63b7e84.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772006_7906ab5e605881d31241c562e63b7e84.pdf) Acesso em: 25 mar. 2020.

MAHFUZ, E. da C. **Tradição e invenção (uma dialética fundamental)**. In: REVISTA AU – ARQUITETURA E URBANISMO. São Paulo: Pini, ano III, n. 12, jun./jul. 1987. P. 70-74.).

MAPA. **Sacromonte Landscape Hotel Shelters**. 2017. Disponível em: <<https://mapaarq.com/pt-br/work/sac/>> Acesso em: 15 jun. 2020.

NOVAES, M. **Turismo rural em Santa Catarina**. Revista Turismo Em Análise, 5(2), 43-50. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v5i2p43-50>>. Acesso em: 16 mai. 2020.

ONU. **As Perguntas Mais Frequentes sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em:< <https://nacoesunidas.org/pnud-lanca-cartilha-sobre-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/>> Acesso em: 23 abr. 2020

SANTOS, M. de O. **Reescrevendo a história: imigrantes italianos, colonos alemães, portugueses e a população brasileira no sul do Brasil**. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 230-246. jan./abr. 2017. Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180309202017230>> Acesso em: 14 mar. 2020.

SANTOS, M. de O. & ZANINI, M. C. C. **Comida e simbolismo entre imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (Brasil)**. 2008. Disponível em: <http://200.19.146.79/index.php/neguem/article/view/2111> Acesso em: 23 abr. 2020.

SCIFONI, S. **Paisagem cultural**. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. 2. ed. Rio de Janeiro,

Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc. 2016. (verbete). Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/82>> Acesso em: 31 mar. 2020.

SILVA, L. **De Celeiro a Cenário: vitivinicultura e turismo na serra gaúcha**. GEOUSP Espaço E Tempo (Online), 13(3), 107-126. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2009.74145> Acesso em: 19 abr. 2020.

TOMAZZONI, E. L.; BOCK, I. A.; SIMON, S. **Caminhos da Colônia: Turismo Rural na Serra Gaúcha**. RS, Rosa dos Ventos, vol. 4, núm. 2, abr./jun, 2012, pp. 250-262, Caxias do Sul. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4735/473547089010.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2020.

TOMAZZONI, E. L. **Análise do discurso turístico da serra gaúcha**. Em Questão [online].12(2), 339-365, 2006. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=465645955008>> Acesso em: 16 mar. 2020.

TONINI, H., & LAVANDOSKI, J. **Enoturismo: experiências e sensações no Vale dos Vinhedos**. Revista Turismo Em Análise, 22(1), 25-43. 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/14239>>. Acesso em: 15 mai. 2020.

UNESCO. **Orientações Técnicas para Aplicação da Convenção do Patrimônio Mundial**, Lisboa. 2012. Disponível em: <<https://whc.unesco.org/archive/opguide11-pt.pdf>>. Acesso em:13 abr. 2020.

VENTURINI, A. P. M., & GASPARY, F. P. **O legado arquitetônico da imigração italiana no Rio Grande do Sul: o Moinho Moro** Disciplinarum Scientia. Série: Artes, Letras e Comunicação, Santa Maria, v. 16, n. 1, p. 11-19, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumALC/article/view/1826>> Acesso em: 20 abr. 2020.